



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN

PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO-PROPEG

CAMPUS DE PAU DOS FERROS

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS –DLV

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL – PROFLETRAS

UNIDADE DE PAU DOS FERROS



**MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE RIACHO DE SANTANA: ARGUMENTAÇÃO EM
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO DE PORTUGUÊS**

FRANCISCA CARLENE DA SILVA

PAU DOS FERROS

2018

FRANCISCA CARLENE DA SILVA

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE RIACHO DE SANTANA: ARGUMENTAÇÃO EM
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO DE PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, *Campus* Avançando “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos e na linha de pesquisa Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

PAU DOS FERROS

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586m Silva, Francisca Carlene da
Memórias Literárias de Riacho de Santana:
argumentação em produções textuais no ensino de
português. / Francisca Carlene da Silva. - Pau dos Ferros -
RN, 2018.
151p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.
Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Argumentação. 2. Ensino de Língua Portuguesa. 3.
Produção Textual. 4. Memórias Literárias. 5. Identidade. I.
Souza, Gilton Sampaio de. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCISCA CARLENE DA SILVA

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE RIACHO DE SANTANA: ARGUMENTAÇÃO EM
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO DE PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/UERN/Pau dos Ferros, como requisito final necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA EM: _____ de _____ de 2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Orientador e Presidente)

Prof^a. Dr^a. Maria Flávia Figueiredo Pereira
Universidade de Franca (UNIFRAN)
(1º Examinador externo)

Prof^a. Dr^a. Lílían de Oliveira Rodrigues
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(2º Examinador interno)

Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
(1º Suplente)

Prof^a. Dr^a. Rosângela Alves dos Santos Bernardino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(2º Suplente)

PAU DOS FERROS

2018

Ao meu anjo Gabriel (*in memoriam*).
Por ele trilhei o caminho mais difícil de minha vida,
no entanto o mais repleto de amor e encanto. Este
misto de sentimentos e experiências transformou-me
na pessoa que sou, e hoje, por ele e por mim, venço
mais uma etapa, certa de que tudo tem o seu tempo,
independente do nosso desejo.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, meu criador e minha fortaleza, a quem recorro para pedir, para agradecer, para me guiar em todos os caminhos que percorro e que escrevo minha história.

Aos **meus pais**, minhas preciosidades, Januário e Josefa. Aqueles que sempre me transmitiram bons ensinamentos, sempre me protegeram das maldades deste mundo, sempre me conduziram pelo caminho do bem, me educaram, me fortaleceram para as possíveis dificuldades. Hoje, na idade em que se encontram cabe a mim, cuidar, proteger e amar cada dia mais. A eles todo agradecimento é pouco.

Ao **meu esposo**, Jerri, grande incentivador para que eu chegasse até aqui. Desde a inscrição para o processo seletivo mostrou-se um verdadeiro companheiro, participando de cada conquista, cada angústia, de todos os momentos, por isso também, obrigada, meu amor.

Aos **meus irmãos**, por toda a união que nos envolve, por cada palavra de incentivo, por acreditarem na minha capacidade e servirem de exemplos em minha vida, muito obrigada.

Aos **meus sobrinhos**, que são tantos, pelo carinho, pela descontração nos momentos tensos, pelo apoio nesta jornada, obrigada.

Ao **meu orientador**, Gilton Sampaio, por todo conhecimento transmitido, por abrir a porta da sua casa e permitir-me conhecer este homem simples, guerreiro e humano que és. Com você adquiri ensinamentos acadêmicos e ensinamentos que certamente me acompanharão para a vida toda, os quais representam força, dedicação e amizade. Por tudo eu agradeço.

Aos **colegas do GPET**, pela alegria que transborda no grupo, pelos conhecimentos, amizade e disponibilidade para ajudar uns aos outros, obrigada.

À **turma III do PROFLETRAS**, por tudo que aprendemos juntos, por cada momento compartilhado, que foram sem dúvida grandes ensinamentos jamais esquecidos, obrigada a cada um.

À **Aldicelandra**, amiga da graduação que tive o prazer de reencontrar no mestrado, parceira dos conhecimentos conquistados, das angústias partilhadas, das alegrias vividas em cada momento no mestrado. Obrigada pela sabedoria, amizade, disponibilidade, cumplicidade.

À **Marília**, pessoa de uma gentileza indescritível, que tive a oportunidade de conhecer durante o mestrado e que não pretendo distanciar-me nesta vida. Muito Obrigada.

A **Edneudo**, secretário do PROFLETRAS, pessoa educada, gentil, que nos deu apoio durante todo o mestrado. Obrigada.

Aos **professores do PROFLETRAS**, nossos mestres, por cada ensinamento, cada orientação, muito obrigada.

Às professoras **Rosângela Bernardino** e **Eliane Souza**, que aceitaram prontamente participar da banca de qualificação e deixaram valiosas contribuições, que enriqueceram notadamente o presente trabalho, obrigada.

Aos **alunos** da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, meus alunos do 8º ano que trabalharam junto comigo, que construíram e realizaram um sonho durante a intervenção em sala de aula, obrigada. Sem vocês este trabalho não existiria.

Aos **idosos entrevistados**, obrigada pela disponibilidade, pela atenção, satisfação em nos ajudar e trazer para o presente algumas memórias do nosso lugar.

À **Escola Angelina Gomes**, onde leciono, pelo apoio, espaço, oportunidade, muito obrigada.

À **Gestora** da Escola Angelina Gomes, Audaclécia, colega de graduação, de especialização, de profissão, da vida, obrigada pela compreensão e apoio durante todo este período.

A **Ivanilson**, por sua disponibilidade, sua arte e amizade em cada momento que precisei, obrigada.

À **Riacho de Santana**, terra por mim amada, e agora cada vez mais, pois o pertencimento a este lugar tornou-se mais forte.

À **UERN**, minha casa de formação, aqui cursei a graduação, a especialização e agora o mestrado. Este lugar faz parte da minha história, faz parte da minha vida. Agradeço por sua existência e por todas as oportunidades que tive nesta instituição tão acolhedora.

Finalmente agradeço a todos que contribuíram para a minha formação, para esta conquista de forma direta e indireta, sem a soma da ajuda de cada um este momento com certeza seria muito mais difícil e o prazer da conquista não seria o mesmo.

Meus sinceros agradecimentos.

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um Todo irracional.

Eclée Bosi (1994, p. 84)

RESUMO

Nesta pesquisa, realizamos um estudo que investiga a presença da argumentação em textos voltados para o campo literário. Para tanto, traçamos como objetivo geral analisar os processos argumentativos em memórias literárias escritas por alunos do Ensino Fundamental em aulas de Língua Portuguesa. Quanto aos objetivos específicos definimos quatro: (i) Interpretar as memórias literárias de forma que sejam identificadas as teses, hierarquia de valores e os lugares da argumentação; (ii) Compreender as identidades relacionadas às hierarquias de valores presentes nas memórias literárias; (iii) Refletir sobre a articulação e importância do ensino de produção textual nas aulas de português; (iv) Discutir possíveis contribuições dos aspectos argumentativos nas produções das memórias literárias. A dissertação tem fundamentação teórica em estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Souza (2003), Abreu (2009), Fiorin (2016), Bauman (2004), Geraldi (2002), Antunes (2007), Bosi (1994), dentre outros. Fundamentados teoricamente, realizamos discussões sobre a argumentação, o ensino de língua portuguesa, produção textual, identidade. A presente pesquisa pretende trazer contribuições para o ensino de língua portuguesa, visto que parte de uma intervenção realizada em aulas de português em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental. Tal intervenção deu-se por meio de estudos sobre memórias literárias, entrevistas com pessoas idosas de Riacho de Santana/RN e com a produção, pelos alunos, de memórias literárias. Trouxe-nos como resultado a coletânea **Memórias santanenses**, contendo quinze textos e registros fotográficos de Riacho de Santana/RN. A coletânea é, portanto, o *corpus* da pesquisa e aborda temas como: religiosidade, trabalho, família, cultura, educação, todos representativos para o povo santanense. Dos quinze textos, selecionamos oito para fazermos a análise e constatamos, diante de nossa interpretação, a presença dos processos argumentativos que nos propomos identificar, bem como observamos as contribuições trazidas aos textos com o uso das teses, hierarquia de valores e lugares da argumentação. Estes processos enriqueceram consideravelmente as memórias literárias na construção de sentidos, pontos de vista, experiências, sonhos e ensinamentos presentes em cada uma delas. Ressaltamos, desta forma, a pertinência da presente pesquisa por contribuir com o ensino de língua portuguesa, a produção textual e ter a argumentação como uma área de estudo que precisa ser explorada de forma ampla nas escolas, tendo em vista sua presença na produção dos mais diversos discursos.

Palavras-chave: Argumentação, Ensino de Língua Portuguesa, Produção Textual, Memórias Literárias, Identidade.

ABSTRACT

In this research we developed a study that investigates the presence of the argumentation in texts directed to the literary field. So, it had as general purpose to analyze the argumentative processes in literary memories written by Elementary School students in the Portuguese Language classes. We defined four specific objectives, namely: (i) Interpret literary memories in a way that identifies theses, hierarchy of values and spaces of argumentation; (ii) Understand the identities related to the hierarchies of values present in the literary memories; (iii) Reflect on the articulation and importance of textual production teaching in Portuguese classes; (iv) Discuss possible contributions of the argumentative aspects in the productions of literary memories. The study is based in the theories of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Souza (2003), Abreu (2009), Fiorin (2016), Bauman (2004), Geraldi (2002), Antunes (2007), Bosi (1994) and so on. From of this theoretical basis, we developed discussions about the argumentation, the teaching of Portuguese language, textual production, identity. This research brings important contributions to the teaching of Portuguese language, because part of an intervention occurred in Portuguese classes in a classroom of the 8th year of Elementary School. This intervention was based on studies on literary memories, interviews with elderly people from Riacho de Santana/RN and the production of literary memories. It brought us as result the collection *Santanenses Memories*, containing fifteen texts and photographic records of Riacho de Santana/RN. So, the *Collectanea* is the corpus of the research and approaches topics such as: religiosity, work, family, culture, education, all representative for the *Santanenses* people. From the fifteen texts, we selected eight to analyze and find from our interpretation, the presence of the argumentative processes that was proposed to identify, as well as observe the contributions brought to the texts with the use of theses, hierarchy of values and spaces of argumentation. These processes considerably enriched literary memories in the construction of meanings, points of view, experiences, dreams and teachings present in each one of them. Therefore, we emphasized the importance of this research to contribute with the teaching of Portuguese language, the textual production and to have the argumentation as an area of study that needs to be explored in a wide way in schools, considering its presence in the production of the different discourses.

Keywords: Argumentation, Portuguese Language Teaching, Textual Production, Literary Memories, Identity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAERN – Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte

CAMEAM – Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

GPET – Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OLP – Olimpíada de Língua Portuguesa

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional

RN – Rio Grande do Norte

SD – Sequência Didática

UBS – Unidade Básica de Saúde

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Número dos textos, títulos e teses identificadas

Quadro 02 – Número dos textos, títulos e hierarquia de valores identificada

Quadro 03 – Número dos textos, títulos e os lugares da argumentação identificados

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O QUE É A PESQUISA E QUAL A SUA PERTINÊNCIA	13
1.2 FOCO DA PESQUISA.....	16
1.3 ESTADO DA ARTE	17
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	19
2 BASES TEÓRICAS.....	21
2.1 UM ESTUDO SOBRE A ARGUMENTAÇÃO	21
2.1.1 Auditório.....	22
2.1.2 As teses	24
2.1.3 Hierarquia de valores.....	25
2.1.4 Lugares da argumentação	27
2.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	29
2.3 ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS	32
2.4 A ARGUMENTAÇÃO COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE PORTUGUÊS	38
2.5 IDENTIDADE: DEFINIÇÕES TEÓRICAS	45
2.5.1 Contribuições do ensino de língua portuguesa na construção de identidade	47
3 METODOLOGIA.....	51
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	51
3.2 UNIVERSO DE ESTUDO: UMA NOVA GERAÇÃO EM BUSCA DE MEMÓRIAS	54
3.3 OBJETO DE ESTUDO: DAS MEMÓRIAS DOS IDOSOS PARA AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS	54
3.3.1 Memórias literárias	54
3.4 TEMÁTICA DO OBJETO DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA..	60
3.5 INTERVENÇÃO: O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	68
3.6 PROPOSTA DE ANÁLISE	84
4 ANÁLISE DE ASPECTOS DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM MEMÓRIAS LITERÁRIAS SOBRE RIACHO DE SANTANA	85
4.1 AS TESES	86
4.2 HIERARQUIA DE VALORES	92
4.3 LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE	
ANEXO	

1 INTRODUÇÃO:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.

(Silva, 2008)

1.1 O QUE É A PESQUISA E QUAL A SUA PERTINÊNCIA

Esta pesquisa objetiva analisar os processos argumentativos em memórias literárias escritas por alunos do Ensino Fundamental em aulas de Língua Portuguesa. Para isto, fazemos um estudo sobre a argumentação e trazemos discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, memórias literárias, identidade e produção de texto.

O estudo da argumentação, e neste caso mais especificamente, dos processos argumentativos, é pertinente, visto que vivendo em sociedade somos levados a todo o momento a apresentar um posicionamento, defender um ponto de vista e, muitas vezes, mesmo não sendo através de discursos em que a argumentação esteja tão visível, ainda assim estaremos fazendo uso da argumentação. O convencer e o persuadir nos abrem caminhos, permite-nos conseguir êxito em nossas vidas, não pela força, ou pela imposição, mas pela capacidade de compreender, de comunicar ideias e emoções e, ainda como nos diz Abreu (2009), conseguir traduzir nossa verdade dentro da verdade do outro.

Ao pensar nas aulas de Língua Portuguesa identificamos de forma mais comum o estudo da argumentação no Ensino Médio, mais precisamente nas aulas que direcionam as produções de artigo de opinião, carta argumentativa, outros textos que em sua estrutura especificam a necessidade da produção de argumentos. No entanto, é necessário compreender que a argumentação está presente nos discursos orais e escritos independente de sua definição quanto gênero textual.

É pensando assim que trabalhamos em nossa pesquisa com a análise de processos argumentativos em memórias literárias, gêneros textuais que são predominantemente narrativos, mas que trazem em suas histórias a presença da argumentação. A escolha pelo gênero memórias literárias justifica-se pelo fato de podermos através dele deixar transparecer

as histórias contadas pelas pessoas idosas através do aluno/orador, bem como deixar transparecer também os sentimentos e emoções, pois é um gênero que permite a presença da subjetividade.

Para tanto, realizamos, em uma turma de 8º ano, uma Sequência Didática (SD) para motivar os alunos a apreciar e estudar Memórias Literárias, entrevistar pessoas idosas da comunidade sobre temas que envolvem o município de Riacho de Santana/RN e consequentemente a vida dos que fizeram e fazem este município. Com os resultados dos estudos e das entrevistas os alunos produziram memórias literárias que estão organizadas em uma coletânea intitulada de Memórias Santanenses.

Tivemos a chance de proporcionar aos alunos o conhecimento sobre muitas práticas e histórias do município que não mais existem, no entanto estão guardadas nas lembranças das pessoas idosas que de forma prazerosa puderam repassar aos mais jovens um pouco do que viveram, um pouco das muitas experiências que habitam na memória de cada um.

As aulas de português realizadas a partir da SD foram aulas mais prazerosas e envolventes, pois buscamos tratar de temas próximos da realidade dos discentes, buscamos despertar a curiosidade de nossos alunos para conhecer um pouco mais da sua própria história e da história que reside nas memórias dos que fazem a comunidade de Riacho de Santana/RN.

Nas práticas desenvolvidas abordamos vários aspectos pertinentes para a educação. Primeiramente os alunos tornaram-se atores, visto que não estavam nas aulas apenas como espectadores, mas como sujeitos ativos a procura de conhecimento, investigando temáticas que passaram a despertar a curiosidade de cada um. Tivemos aulas de leituras para conhecer o gênero textual trabalhado e que posteriormente inspirou a produção dos próprios alunos. Outro momento de grande importância foi conhecer as características das memórias literárias e por fim produzir e reescrever os próprios textos de forma que a turma pudesse perceber a evolução nas produções.

Todas essas práticas são positivas para o ensino de Língua Portuguesa, envolve uma atuação significativa dos alunos e da comunidade, não restringindo o ensino/aprendizagem ao que resulta das aulas na escola entre professor e alunos, mas, além disso, busca uma valorização cultural do município. O contato entre os alunos, as pessoas idosas da comunidade e as memórias que foram trazidas através das histórias contadas é importante

para a formação desses alunos, é importante para o município e também os estudos desenvolvidos na universidade.

Outro ponto relevante é a abertura para uma construção de identidade, de pertencimento, por parte dos alunos, em relação ao município, adquirida ou reforçada a partir das histórias que ouviram e que passaram a conhecer. O fato de estarmos diante de uma geração movida pelo que é passageiro, pelo momento, que segundo Bauman (2005), vive a “era líquido-moderna”, despertou-nos o interesse de trazer contribuições para que saiba valorizar as pessoas mais velhas, suas experiências e ensinamentos, como também uma valorização dada ao próprio município, ao local onde vivem.

Quanto à pertinência educacional nos foi validada quando percebemos nossos alunos assumindo o papel de pesquisadores ao buscarem informações do próprio município, quando se sentiram entusiasmados para produzir textos como resultados das informações coletadas, transmitindo e produzindo conhecimentos. Também foi validada ao observarmos nossas conquistas de conhecimento enquanto pesquisadores e quanto às contribuições que podemos trazer para o ensino de Língua Portuguesa e para os estudos voltados para a argumentação, afinal esta é a base de nossa pesquisa.

É importante destacarmos que, como alunos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), temos como orientação desenvolver uma intervenção em aulas de português em uma turma do Ensino Fundamental. Associando esta orientação com o fato de lecionar aulas de língua portuguesa nas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, justificamos o motivo da intervenção e a escolha da turma em que foi realizada.

A pesquisa em questão, além de, em sua parte interventiva, fortalecer o ensino aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, faz um estudo da argumentação em textos narrativos e contribui para um fortalecimento dos trabalhos já desenvolvidos nessa área, visto que, esse trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Textos (GPET), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, ligado à linha de pesquisa – Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Como profissional da área, sinto-me contemplada pelos conhecimentos adquiridos e pela oportunidade de realizar uma prática em sala de aula que me permitiu desenvolver estudos relacionados à produção de textos, grande desafio em nossa profissão, mas muito

necessária e válida. Mais um fator importante para ser destacado é o envolvimento que pude ter e pude permitir aos alunos terem com as histórias guardadas nas memórias dos santanenses. Além dos estudos realizados sobre argumentação que, com certeza, fortaleceram minhas práticas enquanto profissional e enquanto pessoa.

1.2 FOCO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como foco os processos argumentativos em memórias literárias escritas por alunos do Ensino Fundamental em aulas de Língua Portuguesa. As produções dos alunos são resultados de entrevistas realizadas com pessoas idosas do município de Riacho de Santana/RN sobre temas como: educação, agricultura, comunicação, festas, família, obediência, entre outras temáticas.

A pesquisa teve como campo de investigação a Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes – Ensino Fundamental e Médio. Localizada à Rua Manoel de Souza Lima, no município de Riacho de Santana/RN. Realizamos a intervenção na turma do 8º ano 01.

Detemo-nos especificamente em nossas análises a: (i) interpretar as memórias literárias de forma que sejam identificadas as teses, hierarquia de valores e os lugares da argumentação; (ii) compreender as identidades relacionadas às hierarquias de valores presentes nas memórias literárias; (iii) refletir sobre a articulação e importância do ensino de produção textual nas aulas de português com foco na cultura local; (iv) discutir possíveis contribuições dos aspectos argumentativos na produção das memórias literárias.

Com estes objetivos esperamos encontrar respostas para as seguintes questões que motivaram nossa investigação: (i) quais teses, lugares da argumentação e hierarquia de valores podem ser identificados nas memórias literárias? (ii) os textos produzidos permitem compreender a presença de identidades relacionadas às hierarquias de valores? (iii) qual a importância de trazer para o ensino de produção textual nas aulas de português temas com foco na cultura local? (iv) quais as possíveis contribuições dos aspectos argumentativos na produção de memórias literárias?

Ao encontrar respostas para estas inquietações cumprimos com os objetivos estabelecidos e destacamos a importância de trazer o estudo da argumentação para as aulas de Língua Portuguesa de forma mais consistente e elaborada. Também apresentamos como

relevante o trabalho que envolve a cultura local, por ser algo mais próximo da convivência dos alunos.

Sendo assim, fazemos nessa pesquisa uma análise da argumentação em memórias literárias escritas por alunos do Ensino Fundamental e trazemos para o trabalho a importância de reforçar a presença da argumentação em nossos discursos, nas aulas de português, nas produções de textos mesmo quando não são tidas como pertencentes a gêneros específicos da argumentação.

1.3 ESTADO DA ARTE

O estudo da argumentação é antigo, amplo e com muitas pesquisas e discussões que abordam esta área. Para nos auxiliar nessa pesquisa, fizemos um levantamento em trabalhos já realizados em estudos da argumentação em textos escritos, tratando-se especificamente da argumentação em textos narrativos e voltados para o campo da literatura percebemos certa lacuna, talvez por ser mais comum realizar estudos voltados para argumentação em textos considerados dissertativos, mas ressaltaremos aqui alguns estudos que trazem textos narrativos e voltados para o campo da literatura, aproximando-se mais do trabalho que realizamos.

Para essa pesquisa, a título de ilustração, apresentamos como trabalhos que mais se aproximam da nossa temática a dissertação de Dantas (2015), que concentra sua pesquisa na argumentação presente em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, baseados em uma lenda local, da cidade de São Miguel/RN. Sua proposta é analisar processos argumentativos presentes nas narrativas produzidas pelos alunos e nas narrativas subjacentes a ela, tais como a hierarquização de valores, lugares da argumentação e as principais técnicas argumentativas.

A dissertação de Queiroz (2015), que investiga os processos argumentativos em textos de memórias literárias produzidos para a Olimpíada de Língua Portuguesa por alunos de 7º e 8º anos, comparando textos não premiados com textos premiados nacionalmente, considerando os objetivos delimitados para o concurso e os conteúdos e habilidades da área de língua portuguesa. Temos também a dissertação de Lopes (2015), que aborda a argumentação em textos narrativos produzidos por alunos do Ensino Fundamental sobre a passagem da Coluna Prestes pelo município de São Miguel/RN e analisa os processos

argumentativos nas produções textuais sobre a referida temática, bem como analisa as contribuições das narrativas andantes em aulas de campo para o ensino de língua portuguesa.

Estes três trabalhos já citados têm particularmente em comum com nosso trabalho o fato de apresentar e desenvolver uma proposta de intervenção em sala de aula nas aulas de língua portuguesa e serem pesquisas realizadas para o trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Outra pesquisa também realizada a partir de uma intervenção em aulas de português é a pesquisa de Sousa (2017), investiga como alunos do Ensino Médio produzem argumentação, em artigo de opinião, sobre o caso Francisca do Socorro, no município de Milagres/CE. Objetiva analisar a construção do processo argumentativo no gênero proposto, principalmente no que diz respeito à temática cultural e ao contexto escolar, focando nas contribuições da argumentação para o ensino de Língua Portuguesa.

Trouxe-nos contribuições também a dissertação de Lima (2017), que investiga processos argumentativos em discursos falados (memórias), que constituem a comunidade Riacho do Meio, mais especificamente discursos de trabalhadores de meados do século passado, sobre suas vivências na comunidade. O objetivo da pesquisa é analisar como se constroem as técnicas argumentativas, os recursos de presença, as hierarquias de valores e os lugares da argumentação mobilizados nas defesas das teses de cada discurso.

Para continuar a ilustração de pesquisas com as quais dialogamos, temos a dissertação de Soares (2015), que faz uma análise do percurso argumentativo realizado pelos alunos na produção de artigos de opinião para a Olimpíada de Língua Portuguesa. Ainda nos trouxeram contribuições a dissertação de Silva (2012) que analisa textos escritos por crianças em fase inicial do Ensino Fundamental (2º ano), focalizando os argumentos por elas construídos e os efeitos de sentido que eles produzem nos textos. A dissertação de Costa (2010) que investiga o discurso dos egressos do curso de Letras do *Campus* Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, observando a constituição da imagem (*ethos*) dos egressos como ex-alunos e/ou profissionais atuantes, e ainda os sentidos que eles atribuem ao próprio curso em que se formaram.

Temos também como fonte a tese de doutoramento de Souza (2003), que analisa os processos argumentativos de textos jornalísticos da mídia impressa, tendo como *Corpus*,

artigos, editoriais e reportagens jornalísticas que discutem o (não) desenvolvimento da região Nordeste brasileira.

Ter acesso e fazer estudos de cada uma dessas pesquisas foi de grande importância para a realização dessa dissertação, visto que trazem a base teórica sobre argumentação (Nova Retórica) em comum e alguns ainda apresentam outros aspectos como intervenção em aulas de português, análises envolvendo textos voltados para o campo da literatura, temáticas relacionadas para cultura e identidade, entre outros pontos em comum.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para realizarmos nossas discussões sobre o que nos propomos temos nosso trabalho dissertativo organizado em quatro capítulos os quais apresentamos a seguir:

O capítulo 1 é a **Introdução**, que apresenta o trabalho. Informa o que é a pesquisa e qual sua pertinência, o objetivo geral e os objetivos específicos para que possamos compreender o verdadeiro propósito da pesquisa em questão, bem como apresenta as questões levantadas para que os objetivos fossem formulados. Trazemos neste capítulo o estado da arte que apresenta pesquisas já realizadas nessa área que nos propomos estudar e as contribuições desses trabalhos para o nosso. Também temos neste capítulo a estrutura da dissertação, que faz uma apresentação de como a dissertação está organizada.

No capítulo 2 trazemos as **Bases teóricas**, apresentamos as discussões que norteiam nossa pesquisa e os estudos que serviram de aporte para desenvolver as ideias e compreensões sobre os tópicos em questão. Consideramos pertinente discutir neste capítulo principalmente sobre a argumentação, base da pesquisa, sobre o ensino de língua portuguesa, o ensino da produção textual e sobre identidade.

No capítulo 3, **Metodologia**, destacamos a caracterização da pesquisa, o universo de estudo, o objeto de estudo, a intervenção realizada em sala de aula e a proposta de análise. Neste capítulo está esclarecido passo a passo tudo que foi realizado durante a pesquisa.

O capítulo 4, **Análise de aspectos dos processos argumentativos em memórias literárias sobre Riacho de Santana**, é o que traz a análise do *corpus*, a identificação das teses, hierarquia de valores e lugares da argumentação, identificamos a propriedade com que

os alunos contam as histórias vividas por outras gerações, e que influenciam as gerações atuais.

Para finalizar, trazemos as **Considerações Finais**, retomamos os principais aspectos do nosso trabalho, as teorias que nos orientaram e as análises que realizamos das memórias literárias. Confirmamos também a importância da realização deste trabalho para nós enquanto pesquisadores, para o curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), para o grupo de pesquisa GPET, para nós enquanto profissional, para os alunos que foram sujeitos e colaboradores do processo, para a comunidade escolar e também para todos os santanenses.

2 BASES TEÓRICAS

O campo da argumentação é mais vasto que o da demonstração: a argumentação incide sobre aquilo em que é preciso crer, região na qual encontra a questão da prova e da demonstração, mas ela incide tanto mais sobre aquilo que é preciso fazer, a que é preciso renunciar ou não, recusar ou aceitar ofertas de negociação...

(Plantin, 2008)

2.1 UM ESTUDO SOBRE A ARGUMENTAÇÃO

Viver em sociedade nos traz diversas exigências, uma delas e quem sabe a mais significativa é a arte de convencer e persuadir. As nossas vontades, os nossos desejos, não podem ser impostos, nem podemos realizar conquistas simplesmente através da força, por isso somos levados a usar palavras para persuadir os outros a fazer alguma coisa e, por isso, o aparecimento da argumentação está ligado à vida em sociedade.

É através da argumentação que conseguimos apresentar nossos posicionamentos sobre determinados assuntos e podemos tê-los como aceitos. O campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, desde que este último não se volte às certezas do cálculo. Voltamo-nos aqui, para a argumentação presente nos discursos, como diz Fiorin (2016), todo discurso tem uma dimensão argumentativa.

Baseando-nos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 06), compreendemos que para a Retórica antiga o que importava era a arte de falar em público de modo persuasivo, encontrava-se restrita ao uso da linguagem falada, do discurso perante uma multidão, sempre com a intenção de obter a adesão desta com relação à tese que lhes apresentava. No entanto, a Nova Retórica não se limita ao discurso oral e dirigido para uma multidão a qual se pretende convencer, preocupa-se com a importância e o papel moderno dos textos impressos. São nos escritos que a Nova Retórica encontra material para seus estudos. O que se conserva da retórica tradicional é a ideia mesma de auditório, visto que é evocada assim que se pensa em discurso, mesmo que essa ideia seja um pouco esquecida quando se trata dos escritos.

De toda forma os princípios da argumentação não variam por se tratar de oralidade e de escrita. Teremos sempre uma tese para ser defendida diante de um auditório que precisamos conhecer para que nosso discurso alcance o objetivo desejado. Como nos diz Souza (2003, p. 51):

Portanto, quando argumentamos objetivamos convencer alguém de nossas teses, temos necessariamente, que recorrer a algum lugar da argumentação, em cujos lugares buscamos os valores e os acordos a serem estabelecidos com o possível auditório; por isso eles são conceitos centrais da Nova Retórica.

Observamos conceitos essenciais para a argumentação. O auditório, a quem desejamos convencer, os valores e os acordos encontrados em algum lugar da argumentação, tudo para que nossa tese seja aceita. Desta forma, a argumentação é usada tendo em vista uma tese que para ser aceita pelo auditório se faz necessário que o orador a conheça de maneira favorável, sabendo quais são seus valores para que assim possa construir os argumentos válidos para conseguir o desejado.

No uso da argumentação destacamos como é importante conhecer o auditório, visto que o posicionamento do outro interfere no discurso do orador. Para Plantin (2008, p. 64): “A argumentação é uma atividade custosa, tanto do ponto de vista cognitivo como do ponto de vista interpessoal; só nos engajamos nela pressionados pela resistência do outro à opinião que estamos expondo”.

É bem verdade que se não houver discordância entre a tese defendida pelo orador e o que acredita o auditório não há necessidade de serem construídos argumentos, pois todos já estão de acordo, no entanto, acontecendo o contrário, caberá ao orador a tarefa de saber organizar suas ideias e saber apresentá-las mediante os valores do auditório.

Desta forma, viver em sociedade exige de cada um de nós a habilidade de fazermos uso adequado dos processos argumentativos para que possamos através dos discursos estabelecermos acordos.

Para dialogarmos com alguns termos aqui já citados e para conhecermos melhor aspectos importantes da argumentação trazemos discussões sobre: auditório, teses, hierarquia de valores e lugares da argumentação.

2.1.1 Auditório

O auditório é o que direciona os argumentos do orador. Para que seu discurso seja realmente convincente, aceitável e capaz de persuadir, é imprescindível que o orador conheça o seu auditório, o perfil, os interesses. Para que haja argumentação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): “é mister que, num dado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos”. O ânimo do auditório tem que ser tocado pelos argumentos do orador.

A escolha de uma linguagem comum ao auditório, fazer parte de um mesmo meio, manter relações sociais, tudo isso deve permitir ou facilitar o contato dos espíritos.

Fica evidente que a argumentação é realizada mais facilmente quando é desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a um auditório, mesmo assim, é difícil determinar o auditório de quem fala, sendo mais difícil ainda determinar o auditório de um escritor, como nos diz Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): “essa dificuldade é muito maior quando se trata do auditório do escritor, pois, na maioria dos casos, os leitores não podem ser determinados com exatidão”.

Desta forma, é condição para uma argumentação eficiente ter uma linguagem comum com o auditório, visto que o orador é quem precisa se adaptar às condições sociais e intelectuais do auditório, é também condição da argumentação que o orador tenha um contato positivo com o auditório. Temos assim, a certeza de que o orador precisa conhecer muito bem o grupo de pessoas, ou a pessoa para quem se dirige antes de organizar suas ideias, definir as teses a serem defendidas, caso contrário não alcançará o desejado. Como nos diz Abreu (2009): “O auditório é o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir”.

Sobre auditório ainda achamos por bem trazer duas definições que são o auditório universal e o auditório particular. Abreu (2009, p. 40) define auditório universal como “um conjunto de pessoas sobre cujas variáveis não temos controle”. Isso significa que quando um orador se encontra diante de um auditório bastante diversificado no que diz respeito à classe social, idade, gênero, profissão, valores, religião, instruções, entre outros aspectos, o orador tem um auditório universal. Isto pode dificultar consideravelmente a organização do discurso do orador. Mesmo quando o auditório é constituído de um único indivíduo, ele pode ser universal, caso não tenhamos controle.

Abreu (2009, p. 40) define auditório particular como “um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos”. Neste caso, o orador deverá ter mais facilidade em organizar seu discurso para alcançar o que deseja, pois há um controle das variáveis. O orador pode, por exemplo, encontrar-se diante de um auditório formado por professores de língua portuguesa da rede pública de um determinado estado do Brasil. Com estas informações sobre o auditório o orador saberá elaborar seu discurso de forma mais conveniente e segura. Como nos afirma Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 23): “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz”.

É uma condição prévia, mas uma condição que deve ser observada e seguida no decorrer de todo o discurso, afinal segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 26-27):

O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ele se dirige. (...) É, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores.

Fica claro que, sendo o propósito da argumentação convencer e persuadir determinado auditório, é com as variáveis deste que o orador tem que se preocupar, analisar e construir seu discurso, para que assim sua tese seja aceita.

2.1.2 As teses

Toda argumentação parte de uma ideia, de um posicionamento a ser defendido, algo que resume o raciocínio a ser apresentado e que a partir daí constroem-se os argumentos. A isto chamamos de tese.

Para Fiorin (2016, p. 19): “Os argumentos são raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. Sendo assim, a construção dos argumentos sempre tem por fundamento uma tese para que possa ser estabelecido o contato com os espíritos.

Isto significa que as questões que são polêmicas no convívio social só chegam ao seu esclarecimento, ou ao ponto de gerar argumentos quando o orador consegue ter definida uma tese. Esta é o princípio de uma argumentação, a partir da tese a argumentação vai sendo construída, como diz Abreu (2009, p. 35): “A primeira condição da argumentação é ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é resposta. (...) No plano das ideias, as teses são as próprias ideias, mas é preciso saber quais as perguntas que estão em sua origem”.

A tese não é uma ideia que surge sem motivo, mas é formulada para afirmar, negar, responder, contestar, definir, solucionar perguntas, que geram divisão de opiniões, de posicionamentos. Ao ser formulada, espera-se que não mais exista uma divisão de posicionamentos, ou mesmo que exista, não seja mais tão evidente, pois o maior número de pessoas passará a compartilhar um mesmo posicionamento a partir da tese elaborada.

Por este ponto de vista entendemos que a tese é o princípio, mas há necessidade de definir a que se propõe, não podemos apresentar uma tese sem propósito definido. Para Souza e Alves (2016, p. 06) “As teses, portanto, se definem como proposições que afirmam ou negam algo, sendo que toda proposição carrega em si um ponto de vista do orador, consciente ou inconscientemente”.

Entendemos que as teses acabam sofrendo influências do ponto de vista do orador. Esta influência pode ser um desejo claro ou pode nem ser percebido pelo próprio orador, de toda forma, estarão presentes marcas próprias de quem tenta defendê-las, afinal como aponta Souza (2003, p. 65): “as teses de um texto revelam os discursos, historicamente situados e argumentativamente construídos nos textos”.

Cabe ainda ressaltarmos que, segundo Souza (2003, p. 65), “A tese deve ser buscada na ideia central mais verossímil, provável, naquele que os argumentos utilizados colaboram para sua delimitação”. Com isto, Souza (2003) reforça a ideia de que a tese é o centro da argumentação, bem como reflete os efeitos de sentido e os posicionamentos socioideológicos do orador.

2.1.3 Hierarquia de valores

Quando se pretende a adesão de um auditório não é pertinente deixar de lado os valores que estes trazem consigo e como eles os hierarquizam. Entre os vários processos existentes para que uma argumentação seja realizada encontramos a hierarquização dos valores, com a qual se pretende a adesão de grupos particulares. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 84): “A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade de grupos”.

Os valores intervêm num dado momento, em todas as argumentações, e a união estabelecida a partir dos valores contribuem para que os auditórios tenham pensamentos e ações comuns e os grupos vão se formando mediante os valores.

Estes são definidos como abstratos e concretos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 87) dizem que “valor concreto é o que se vincula a um ente vivo, a um grupo determinado, a um objeto particular, quando os examinamos em sua unicidade”.

Já os valores abstratos não levam em consideração pessoas e parecem fornecer critérios para quem quer modificar a ordem estabelecida. São valores ao mesmo tempo sensíveis e úteis como justiça, amizade e honestidade.

No entanto, não é tão simples estabelecer a diferença entre valor concreto e valor abstrato. O que é concreto em certos casos, nem sempre o é. Portanto se faz necessário examinar determinado valor sob seu aspecto de realidade única, declará-lo concreto de uma vez por todas e para isso a que se tomar uma posição arbitrária.

A argumentação sempre se baseia conforme as circunstâncias e assim faz uso ora de valores abstratos, ora de valores concretos e o auditório é determinante na escolha e

hierarquização que os oradores fazem com relação aos valores, visto que os argumentos que sustentam as teses estão relacionados com os valores do auditório.

Os valores são por demais importantes para definir um auditório, para que o orador conheça e saiba em quais pontos deve tocar para persuadi-lo, no entanto o auditório não tem seus valores em uma mesma escala de importância, existindo assim uma hierarquia de valores. Esta hierarquia torna-se mais importante para o orador do que mesmo os próprios valores, pois importa saber como os valores são hierarquizados pelos grupos que formam um auditório.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 90):

As hierarquias se apresentam praticamente sob dois aspectos característicos: ao lado das hierarquias concretas, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, há hierarquias abstratas, como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil. As hierarquias concretas podem evidentemente referir-se, como no exemplo acima, a classe de objetos; mas cada um deles é considerado em sua unicidade concreta.

Sendo assim, a hierarquia de valores divide claramente um auditório e como nos diz Abreu (2009) “as hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história pessoal”. Nossos valores vão sendo hierarquizados e essa hierarquia sofre modificações significativas a depender das mudanças ocorridas em nossas vidas.

As alterações são constantes, não podemos comparar nossos valores enquanto adultos com os que tínhamos quando crianças. A formação, as experiências adquiridas, tudo modifica nossos pensamentos, nosso comportamento, e assim os valores se modificam bem como a hierarquia destes.

A cada situação vivida damos prioridade a determinados valores, por isso a necessidade de observar cuidadosamente o contexto que envolve o auditório. Pois, devido à hierarquia de valores, podemos ter um mesmo auditório, mas por viver situações diferentes esses valores passam por alterações significativas. Desta forma, o que era prioridade em um determinado momento para aquele auditório pode não ser mais em outro momento.

Reafirmamos, assim, a necessidade de que o orador tem que conhecer bem o auditório, de forma mais específica, a necessidade de conhecer a hierarquia de valores em determinado momento, pois é a hierarquia de valores que estabelece uma melhor aceitação ou não do auditório com relação à tese.

2.1.4 Lugares da argumentação

Os lugares da argumentação são técnicas conhecidas desde a antiguidade para reforçar a adesão a determinados valores, são premissas de ordem geral utilizadas para tal propósito. Significa a reunião de todo o material que o orador necessita para fazer uso no momento adequado.

Segundo Souza (2003, p. 50-51): “Os lugares usados por Perelman e Olbrechts-Tyteca têm uma finalidade de colaborar com o entendimento e domínio geral da argumentação, e de se prestar a todos os auditórios, pois são bastante gerais”.

O Tratado da Argumentação nos apresenta seis lugares, sobre os quais trazemos as definições e exemplificações.

I- Lugares da quantidade: afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões de quantidade, isto significa que algo é superior por atender a um número maior de pessoas, por ser mais durável, ou seja, uma coisa é mais que outra em função de razões quantitativas. A quantidade determina muita coisa, em um jogo de futebol, por exemplo, vence o time que fizer mais gols. E assim, os números estatísticos se destacam dentro dos lugares da quantidade.

Para tanto, observamos o que nos dizem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) quando nos afirmam que “o lugar da quantidade, a superioridade do que é admitido pelo maior número, é que fundamentam certas concepções da razão que assimilam esta ao senso comum”.

Sendo assim, por apresentar um maior número, é considerado melhor, superior, destaca-se neste aspecto, e é usado como argumento para convencer, para confirmar a tese.

II- Lugares da qualidade: definido por representar o único, o raro, o que tem um valor demasiado. Muitas vezes por se apresentar em extinção passa a ser reconhecido de forma mais significativa. Confirmamos isso através de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando nos apresentam que “O único é ligado a um valor concreto: o que consideramos um valor concreto nos parece único, mas é o que nos parece único que se nos torna precioso”.

A preciosidade remetida ao que nos parece único é um exemplo de lugar de qualidade. É justamente o que o torna diferente, melhor, que se destaca na sua qualidade, por isso, lugar da qualidade.

Tomemos como exemplo o seguinte contexto, para os filhos é fácil apresentar a mãe como o raro, o único, e esses encontrarão sempre características em sua mãe para apresentá-la através de um lugar da qualidade, seja pela atenção, o carinho, o cuidado especial, tudo como

algo singular, próprio da mãe. Neste exemplo temos o único ligado a um valor concreto (a mãe), pois para os filhos a mãe é única e preciosa.

III- Lugares de ordem: este afirma a superioridade do anterior sobre o posterior, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): “A superioridade dos princípios, das leis, sobre os fatos, sobre o concreto, que parecem ser a aplicação dos primeiros, é admitida no pensamento não-empirista. O que é causa é razão de ser dos efeitos, e por isso, lhes é superior”.

Aqui se determina o que vem primeiro, e o que ocupa o segundo lugar, tudo uma questão de ordem, de superioridade por determinados motivos. Em uma competição por exemplo, sempre será apresentado um resultado que baseia-se na ordem dos ganhadores, primeiro, segundo, terceiro, tudo uma questão de requisitos alcançados para cumprir uma meta, e por uma questão de ordem o vencedor é quem está em primeiro lugar nos requisitos determinados.

Tratando-se, por exemplo, de uma corrida, o vencedor será quem alcançar o ponto de chegada em primeiro lugar. Quando uma pessoa resolve definir os objetivos que deseja alcançar em sua vida, naturalmente fará uma lista seguindo a partir das prioridades o que pretende conseguir seguindo uma ordem, podemos dizer que nesta lista o que está elencado em primeiro lugar é o que deve ser mais importante. A ordem dada aos objetivos a serem alcançados tem um propósito em si.

IV- Lugares do existente: para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): “os lugares do existente afirmam a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real, sobre o possível, o eventual ou o impossível”. Sendo assim, não é possível contar com uma suposição. O que ainda não existe não tem validade, sua suposição não nos favorece, não nos traz contribuições. É favorável, portanto, contar com o que existe, com o que é real.

Isto significa que na elaboração de argumentos, fazendo uso dos lugares do existente, é importante darmos preferência por citar aquilo com que temos certeza de que existe, de que podemos contar, pois não é costume falhar.

V- Lugar da essência: para Abreu (2009), este lugar valoriza o indivíduo como representantes bem caracterizados de uma essência. Imagina-se o que mais se aproxima do melhor representante para determinado fim, com determinada essência. Aquilo que realmente traz o necessário, o que é preciso e que certamente é capaz de resolver algo, ou preencher os espaços de forma sublime, sem falhas nem restrições.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) dizem que: “Trata-se de uma comparação entre indivíduos concretos: assim é que atribuímos de imediato um valor a um coelho que apresenta

todas as qualidades de um coelho; será, para nós, ‘um belo coelho’”. É necessário representar da forma mais completa, com o que de fato é essencial, sem deixar a desejar, por isso podemos fazer comparações para concluir o que mais se aproxima do melhor.

VI- Lugares da pessoa: de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): “pode ser fundamentado nos da essência, da autonomia, da estabilidade, mas também na unicidade e na originalidade do que se relaciona com a personalidade humana”. Isto significa a superioridade daquilo que está ligado às pessoas. A pessoa em primeiro lugar, depois as coisas.

Destaca-se o que há de original na pessoa, o que resulta de sua essência, de sua personalidade, o que de fato a pessoa representa.

Conseguimos perceber uma ligação entre os lugares da argumentação e concordamos quando Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 105) afirmam que: “Poder-se-ia pensar em reduzir todos os lugares aos da quantidade ou da qualidade, ou mesmo em reduzir todos os lugares aos de uma única espécie”. No entanto eles preferem conservar o papel representado por cada um dos lugares da argumentação, mesmo que estejam bastante relacionados uns com os outros.

Assim, apresentamos os processos argumentativos, observando a função e utilidade de cada um na elaboração de um discurso, confirmando a presença e importância da argumentação na produção de nossas falas, seja em produções orais ou escritas. No que diz respeito aos estudos da Nova Retórica são estes processos que consideramos nas análises feitas nas memórias literárias produzidas pelos alunos, como resultado da intervenção em aulas de português considerando a produção de texto. Destacamos que mesmo os textos sendo narrativos e voltados para o campo da literatura a argumentação se faz presente, é reconhecida e contribui consideravelmente para a qualidade das produções textuais.

2.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Há muito se fala sobre a necessidade de um ensino de língua portuguesa voltado para a realidade, que não faça uso de práticas mecânicas, mas que se preocupe com a contextualização. O meio que cerca o aluno precisa ser considerado na sala de aula e os ensinamentos transmitidos não devem ser alheios aos costumes e práticas vivenciadas pelos alunos.

A disciplina de língua portuguesa é ampla, capaz de abordar e de inserir o aluno e seu contexto das formas mais dinâmicas possíveis. Nas aulas de língua portuguesa podemos

trabalhar a escrita, a oralidade, e fazer o aluno sentir-se pertencente a esses ensinamentos. É importante que além de permitir que o aluno escreva bem, fale bem, tendo conhecimento da norma culta, sinta-se motivado para realizar tais tarefas e encontre razões para realizá-las.

Segundo o PCN de Língua Portuguesa Ensino Fundamental BRASIL (2001, p. 19), “Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, tem acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, participam ou constroem visões de mundo, produzem cultura”.

Observamos, assim, que naturalmente a linguagem já cumpre e corresponde de fato ao seu papel. Não podemos deixar de ressaltar que, ao chegar à escola, na sala de aula, esse papel muitas vezes é desnorteado, desconstruído. Cabe, portanto, à escola fortalecer nas aulas de Língua Portuguesa o conhecimento e o uso que já é feito da linguagem.

Esta não precisa ser vista pelo aluno como algo novo e de difícil compreensão e aprendizagem, mas como algo que será aperfeiçoado diante de cada necessidade. Afinal, nos comunicamos, nos expressamos, apresentamos nossos pontos de vista sempre e a cada oportunidade comunicativa que temos.

Conforme Geraldi (2002, p. 42): “Estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação”.

O ensino da língua, para ser realizado da forma mais coerente possível, estabelece relação entre as propostas sugeridas aos alunos, os conteúdos repassados e situações concretas, isto permite que o aluno compreenda a utilidade do que está sendo ensinado, e, que não se trata de suposições, ou algo para cumprir propostas curriculares.

É importante que se compreenda este ensino como interação, algo que possa promover diálogo entre professor, aluno e as práticas desenvolvidas, afinal o aluno não chega à escola alheio ao conhecimento e ao uso da língua. Reportamo-nos, portanto, a Geraldi (2002, p. 128-129) quando nos esclarece que:

Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, esta nos conduz a uma mudança de atitude – enquanto professores – ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhes a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando etc.

Esta interação possibilita ao professor conhecer o aluno e suas necessidades, bem como elaborar propostas de ensino voltadas para a realidade do aluno, isto representa respeito pelas condições de vida dos alunos, sem que sejam impostos modelos de ensino e conteúdos produzidos de maneira a conservar situações que dificultam a aprendizagem de algo que na verdade o aluno já conhece. Ressaltamos, afinal, que não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas, como nos diz Geraldi (2002, p. 36): “O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas e contextualizadas”.

Desta forma, não podemos restringir o ensino de Língua Portuguesa ao ensino de conteúdos gramaticais, como também não podemos nos equivocar a ponto de afirmar que não é preciso ensinar gramática. A língua não pode ser vista de forma tão simplista, nem tão pouco o seu ensino.

A língua, como nos esclarece Antunes (2007, p. 22):

É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes.

As palavras de Antunes (2007) deixam evidente o quão amplo é o valor da língua, e, que, portanto, seu ensino precisa realmente envolver a ideia de pertencimento, de crenças, de poderes. Não há motivos para um ensino descontextualizado, que não permite a mínima relação de sentimento na troca de saberes, visto que se faz necessário uma cumplicidade entre professores e alunos para tornar o ensino mais prazeroso.

O conhecimento adquirido durante as aulas de língua portuguesa devem nos orientar e nos acompanhar de forma permanente, isto provará que não foram em vão, mas capazes de cumprir o papel de um ensino qualitativo, mostrando que a língua é algo vivo, moldado a partir das necessidades que surgem no dia a dia de todo falante.

Ao analisarmos por este lado, mais uma vez entendemos a amplitude do ensino de Língua Portuguesa, visto que prepara o falante para fazer uso adequado da língua e este uso

adequado inclui o assunto tratado, a situação de comunicação, o interlocutor em questão e o verdadeiro propósito da comunicação que está sendo realizada.

Sendo assim, podemos dizer que nos tempos atuais não há mais espaço nem justificativas para um ensino fora de contexto, realizado simplesmente para cumprir propostas vazias. O que importa é que o aluno tenha acesso e sinta-se desde já competente para as mais variadas práticas sociais.

Afinal, o aluno já chega à escola com a capacidade comunicativa desenvolvida, não é interessante que a escola ensine o que ele já sabe, ou atrapalhe as capacidades de interação já trazidas. Desta forma, é importante seguirmos o pensamento de Marcuschi (2008, p. 55): “(...) a escola não ensina língua, mas usos da língua e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. O núcleo do trabalho será com a língua no contexto da compreensão, produção e análise textual”.

Temos, assim, três pontos principais para o ensino de língua portuguesa e nenhum deles se baseia na exposição dos conhecimentos já trazidos pelo aluno ou mesmo em dicas de certo ou errado, mas em estudos a partir de textos para ampliar no aluno a capacidade de compreender, produzir e analisar, a proposta é ampliar, desenvolver o que ainda não é dominado pelos conhecimentos dos alunos e torná-los usuários competentes da língua.

2.3 ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Quando falamos em ensino de Língua Portuguesa é inevitável não pensarmos em produção textual, são ensinamentos que estão interligados. O ensino de produção textual tem lugar garantido nas aulas de português, no entanto nem sempre é realizado da melhor forma possível, nem sempre as orientações indicadas para uma produção textual são eficazes para uma aprendizagem adequada e válida para a vida dos aprendizes.

Precisamos analisar e colocar em prática o que já vem sendo por muito tempo discutido por alguns estudiosos da área. É importante o ensino de produção textual, porém mais importante que o ensino são as estratégias usadas, as condições colocadas para que os alunos aprendam e produzam determinado texto.

Há sempre mais de um caminho a ser seguido. Alguns farão do ensino de produção textual o cumprimento de uma tarefa para a aquisição de uma nota, outros farão parte da

realidade e poderão contribuir significativamente para formação de alunos conhecedores dos desafios e das conquistas de uma boa produção textual.

Vejamos exemplos dos dois caminhos a partir de reflexões já feitas por alguns autores. É muito comum nos depararmos com realidades como a que Geraldi (2002, p. 65) nos aponta:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

Infelizmente, esta realidade existe, e quanto a sua utilidade para a formação dos alunos, muito pouco podemos destacar, visto que há uma prática sendo realizada, mas sem contexto e sem motivação para que seja efetuada de maneira que se aproxime de produções reais. O ponto motivador, nestes casos, para o aluno é o fato de saber que estão sendo avaliados pelo professor e que a produção proposta vale uma nota.

Para completar este raciocínio verificamos que o que acontece é uma descaracterização do aluno como sujeito, pois não é levado a produzir algo dentro de um contexto real, mas dentro de algo criado para o momento como conclusão de uma proposta de ensino nem sempre motivadora. Geraldi (2002, p. 128) nos confirma isto quando nos mostra que:

Ao descaracterizar o aluno como sujeito, impossibilita-se-lhe o uso da linguagem. Na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola (...). O caráter artificial desta situação dominará todo o processo de produção da redação, sendo fator determinante de seu resultado final.

São muitos os aspectos e as orientações a serem observadas para que o professor não se perca em sua prática e para que o aluno não tenha um resultado negativo. É necessário não trilhar o caminho do artificial em que os alunos seguem as normas apresentadas, produzem os textos, mas sabem que tudo isso servirá somente para cumprir uma tarefa escolar.

Visto que, se não houver esta mudança de atitude, a tarefa de produzir texto não será realizada como uma atividade sociointerativa. Não promoverá a interação entre escritor e

interlocutor, pois o interlocutor desses textos será na maioria das vezes o professor, e isso tira o verdadeiro propósito de uma produção de texto com interlocutor definido, com as características e pontos de vista já imaginados pelo possível escritor. Para Marcuschi (2008, p. 77): “A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa”.

Para que a produção textual seja vista desta forma é preciso a realização de um trabalho em conjunto, um trabalho que permita a colaboração de todos, ouvinte/leitor – falante/escritor. O produtor do texto, seja oral ou escrito, ao realizar esta tarefa enuncia conteúdos e sugere sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente.

Como um jogo coletivo, a produção de texto não é algo que se faz sozinho, há normas a serem seguidas, mesmo que não sejam rígidas, como nos aponta Marcuschi (2008, p. 78):

Sabemos que não se pode enunciar de qualquer modo os conteúdos, já que isso não favoreceria a compreensão pretendida. Também sabemos que deve haver pelo menos uma noção clara do quanto se deve dizer e do quanto se pode deixar de dizer, isto é, sabemos que os textos são desenhados para interlocutores definidos e para situações nas quais supomos que os textos devem estar inseridos.

Com isto, afirmamos a existência de um trabalho coletivo na produção de texto. E um dos pontos decisivos é o interlocutor, é pensando nele que definimos o nível de formalidade do texto, se há necessidade de entrar em maiores detalhes sobre o assunto abordado ou não, se o que está escrito e da forma como está escrito favorecerá a compreensão pretendida, porque na verdade este é um dos objetivos traçados com antecedência, visto que se não houver compreensão o texto não alcançará a meta definida.

Nas produções de textos escolares, a não definição de um interlocutor real é um problema evidente, pois como já dissemos, o aluno irá produzir sempre para o professor, porque sabemos que, na maioria das vezes, com as propostas lançadas, o professor torna-se o único leitor dos textos dos alunos.

Este é um grande problema, pois como nos diz Marcuschi (2008, p. 78):

(...) não se define com precisão a quem o aluno se dirige. A cena textual não fica clara. Ele não tem um outro (*o auditório*) bem determinado e assim tem dificuldade de operar com a linguagem e escreve tudo para o mesmo interlocutor que é o professor. E nós sabemos que a mudança de interlocutor leva a se fazer seleções lexicais diversas e níveis de formalidade distintos.

Fica evidente a importância de um interlocutor definido para as produções de textos. O perfil do interlocutor define vários outros aspectos do texto a ser produzido e se o aluno tiver sempre um mesmo interlocutor, mesmo que o gênero textual seja diferente, mesmo que a situação comunicativa seja outra, os desafios para o escritor não sofrerá muitas variações, ele já estará acostumado com os posicionamentos do seu possível leitor.

Estará acostumado com as observações a serem feitas, com o nível de conhecimento do interlocutor sobre determinados assuntos, desta forma, as alterações que precisará fazer atenderão basicamente as estruturas e algumas especificidades do gênero textual, isso provavelmente empobrecerá as práticas sociais do aluno, pois estará em contato sempre com o mesmo interlocutor.

Nesse sentido, é necessário que o aluno vivencie da maneira mais real possível situações diversas de comunicação e interação por meio das variadas possibilidades permitidas através dos textos lidos e produzidos. Afinal como declaram Leal & Moraes (2006, p. 07):

(...) é importante que sejam oferecidas condições para que as crianças entrem em contato com uma ampla diversidade de textos, em diferentes contextos de interação, para que possam ampliar as capacidades comunicativas e, assim, utilizar a língua, buscando os efeitos de sentido pretendidos.

Assim, poderá ser efetivado um ensino considerando a diversidade textual, mas de forma adequada por permitir o contato, o conhecimento de suas características e a realização de produções no sentido mais real do termo. Não como um simples faz de conta, mas como uma atividade que contribui para o desenvolvimento do aluno, levando-o a ser produtor de pensamentos, reflexões, argumentos, analisando todos os fatores que favorecem uma boa produção, envolvendo estrutura, contexto, interlocutor e assim podendo observar se seu propósito foi alcançado ou não.

É mais ou menos seguindo esses parâmetros que precisa ser realizado o ensino da produção de texto. Conhecer o gênero, seus objetivos, saber para que e para quem produzi-lo. Criar metas, expectativas, situações reais ou o mais próximo possível, e ampliar sempre os conhecimentos do aluno de forma que ele tenha a capacidade de interagir.

Como nos diz Matencio (1994, p. 107): “Os componentes envolvidos nas atividades de produção de textos incluem os objetivos da tarefa, a construção do plano de organização e a elaboração do texto”. Esses componentes mostrarão o conhecimento que o aluno tem sobre o assunto a ser tratado no texto como também se foi capaz de compreender a tarefa proposta.

Matencio (1994, p. 107) ainda nos convida a interpretar sobre o seguinte ponto de vista:

Assim, o aluno deveria estar sendo orientado em sua habilidade de reconhecer, relacionar e selecionar dados não apenas quanto ao seu conhecimento de mundo mas também sobre a própria atividade de escrita, isto é, a atividade de escrita deveria estar sendo focalizada como processo, e não produto.

Nesses termos concluímos o quanto é significativo o ensino de produção de texto, o quanto envolve uma série de quesitos importantes para a formação do aluno, pois além de demonstrar o conhecimento que o aluno tem sobre o assunto abordado em seu texto ainda nos permite compreender e valorizar o processo, os caminhos trilhados pelo aluno para chegar ao produto final que é o texto.

A valorização dada ao processo para realizar a produção final traz a tona pontos muito importantes que mostram a maturidade e capacidade de interação do aluno, entre eles citamos o plano de organização do texto, reestruturação e revisão.

Para confirmar a maturidade do aluno nas produções de texto temos que observar essas capacidades que fazem parte da produção de texto, mas não qualquer produção. Referimo-nos aquela consciente, madura e capaz de fazer o autor refletir sobre o caminho percorrido e se a meta traçada foi realmente alcançada.

Para evitar problemas na produção de textos precisamos repensar a forma de sua apresentação aos alunos. Antes de o aluno tornar-se produtor de determinado gênero textual é interessante que tenha um conhecimento significativo sobre o gênero em questão. Não que a escola tenha que necessariamente apresentar todos os gêneros textuais para os alunos, para

que assim possam de fato explorá-los, já vimos que muitos são os conhecimentos que os alunos trazem para a escola, mas há alguns, os que não pertencem ao contexto social, ao convívio do aluno, que precisam de uma apresentação.

Por isso a necessidade de apresentar e estabelecer o contato entre o aluno e a diversidade de gêneros textuais. Cada gênero tem sua estrutura, suas características, cada gênero tem sua finalidade comunicativa, o seu propósito. Para tanto, BRASIL (2001, p. 21) nos afirma:

(...) as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes –, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Quer dizer: quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção dos recursos linguísticos.

É neste ponto que entra a questão de aperfeiçoar e adequar o conhecimento do aluno, o uso que o aluno faz da linguagem à situação que está inserido. É pertinente observarmos como o discurso é moldado a depender de vários aspectos. Aspectos que envolvem locutor, interlocutor, intenções, situação comunicativa. A tudo isso se faz necessário observar, para que o gênero textual seja escolhido e produzido de forma adequada.

Desta forma, as aulas de língua portuguesa no processo que envolve o ensino de produção textual precisam oportunizar ao aluno o contato com situações de comunicação diversas e permitir que eles percebam que para cada situação devemos fazer escolhas adequadas. Essas escolhas mostram a maturidade e a capacidade que o falante tem com relação ao uso da língua.

O ensino de língua portuguesa deve ir além de uma exposição solta de regras gramaticais, deve oferecer ao aluno o contato direto com diversas situações de comunicação, com diversos gêneros textuais para que o aluno amplie seu conhecimento, adquira experiências e passe a ser um produtor consciente de textos orais e escritos.

O contato com as diversidades de gêneros textuais e as mais variadas situações de comunicação possíveis faz com que o aluno compreenda que as aulas de língua portuguesa são úteis para sua formação no contexto de seu cotidiano, que essas aulas não cumprem

apenas um papel momentâneo que servirá para reprová-lo ou aprová-lo ao fim de um ano letivo.

2.4 ARGUMENTAÇÃO COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE PORTUGUÊS

No decorrer do nosso estudo fizemos referências sobre a importância e a presença da argumentação no nosso cotidiano. Estamos cientes que em nossas falas e nas produções escritas, sempre temos pretensões, desejamos alcançar determinadas coisas. Quando se trata de convencer alguém sobre um ponto de vista, um posicionamento, fica claro que fazemos uso da argumentação em nosso discurso seja ele oral ou escrito.

Nas aulas de português não podemos deixar a argumentação ausente, muito pelo contrário, precisamos enfatizar sua importância, despertar o gosto dos alunos por esta área e prepará-los para fazer uso consciente e adequado da argumentação em cada situação que seja pertinente.

As aulas de português trabalham no aluno a oralidade, a escrita, a compreensão de textos e de diversas situações consideradas importantes para o convívio em sociedade. Não podemos imaginar a argumentação desvinculada dos pontos aqui mencionados, visto que a organização das ideias junto aos pontos de vista defendidos pelos alunos nas mais variadas produções propostas em sala de aula são envolvidos pela argumentação.

Como nos diz Leal (2006, p. 08): “argumentar é uma atividade social especialmente relevante, que permeia a vida dos indivíduos em todas as esferas da sociedade, pois a defesa de pontos de vista é fundamental para que se conquiste espaço social e autonomia”.

As aulas de português precisam necessariamente deste espaço para a defesa de pontos de vista. A formação do aluno precisa caminhar por esses trilhos para que suas conquistas sejam garantidas. Quando falamos da presença da argumentação nas aulas de português, falamos sem fazer uma definição exata de nível. Isto porque, mesmo que seja trabalhada com uma diferente intensidade, a argumentação estará presente nos anos iniciais e finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Há quem acredite que a argumentação é um assunto específico para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. Podemos confirmar que perante as produções

sugeridas, os gêneros textuais estudados, a argumentação se apresenta de forma mais consistente nesses períodos de formação, mas não se ausenta dos outros.

Segundo Leal (2006, p. 20): “Todo texto teria uma base argumentativa. Subjacente a tal postulado está a ideia de que a linguagem não é neutra e que usamos os recursos linguísticos para apresentar e defender nossas concepções sobre o mundo e sobre a vida”.

Compartilhamos desta afirmação, tendo em vista os estudos que fazemos sobre a argumentação e sua importância para a vida em sociedade. Não seria nas aulas de português nem tão pouco nas produções textuais que a argumentação não receberia um lugar apropriado. Como nos diz Leal (2006), todo texto teria uma base argumentativa o que reforça a presença indiscutível da argumentação nas aulas de português. A linguagem não é neutra, há sempre um ponto de vista a ser defendido e isto deve ser requisito e motivação nas produções de nossos alunos.

O ser humano já faz uso da argumentação naturalmente no seu dia a dia. Os primeiros questionamentos, as primeiras descobertas, formação de concepções, compreensão sobre determinados acontecimentos e situações. Uma criança, por exemplo, já argumenta quando deseja conseguir algo de seus pais, quando quer decidir o que fazer ou o que não fazer.

Diante desse contexto compreendemos que cabe a escola orientar e contribuir para que os alunos amadureçam e façam uso da argumentação de forma mais organizada, mais elaborada. Para isto, se faz necessário planejamento. É o planejamento que permite o bom desenvolvimento, a transmissão adequada de qualquer conteúdo. Por isso, mesmo que cada pessoa já traga consigo noções de argumentação, faça uso de forma consciente ou não, é esperado que a escola, nas aulas de língua portuguesa, desempenhe o papel de orientadora, que abra possibilidades para o aluno apropriar-se de forma adequada desta arte que envolve o falar e o escrever.

O papel de orientadora e facilitadora para que os alunos façam uso de forma consciente da argumentação em suas produções pode ser introduzido desde cedo, desde os anos iniciais, tudo depende do planejamento. O que estamos colocando em pauta é orientado aos professores de língua portuguesa desde o ensino fundamental, basta buscar fundamentação no PCN de língua portuguesa do 6º ao 9º ano.

Desta forma, vamos encontrar em sua organização os objetivos do PCN do Ensino Fundamental; os objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental; os

objetivos de ensino no processo de escuta de textos orais; no processo de produção de textos orais; no processo de produção de textos escritos; nos valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem e em cada um destes pontos identificamos objetivos e conteúdos voltados para a argumentação.

Ao observarmos os objetivos do Ensino Fundamental destacamos dois em que a argumentação está nitidamente presente. Vejamos BRASIL (2001, p. 07 – 08):

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

No primeiro objetivo é visível a semelhança com os aspectos que definem a argumentação, como nos dizem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 61):

(...) o uso da argumentação implica que se tenha renunciado a recorrer unicamente à força, que se dê apreço à adesão do interlocutor, obtida graças a uma persuasão racional, que este não seja tratado como um objeto, mas que apele à sua liberdade de juízo. O recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade dos espíritos que enquanto dura, exclui o uso da violência.

Desta forma, compreendemos a presença da argumentação nos objetivos destacados, visto que, busca-se despertar nos alunos um posicionamento crítico, responsável, em diferentes situações sociais e o mais importante, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos. Destaca-se também a capacidade de questionar a realidade a partir da formulação de problemas que para serem resolvidos é essencial o uso do pensamento lógico, da criatividade e a capacidade de análise crítica.

A conquista destes objetivos se ausenta da força, assim como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) nos apresenta o uso da argumentação como uma renúncia de recorrer unicamente à força, mas a conquista da adesão alcançada graças a uma persuasão racional. Para isto, o orador precisa dialogar e de maneira racional conseguir a adesão do interlocutor ao seu ponto de vista.

Estes objetivos podem ser alcançados em diversos momentos durante as aulas de língua portuguesa, para esta confirmação trazemos dois objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental que são colocados por BRASIL (2001, p.32-33):

- utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;
- analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos.

Com estes dois objetivos gerais de língua portuguesa que transcrevemos podemos entender a realização do ensino aprendizagem presente na leitura, escuta, produções orais e escritas. Para alcançar estes dois objetivos fazem-se necessários estudos voltados para a argumentação, visto que discursos serão analisados e produzidos pelos alunos.

A partir do momento em que os alunos são levados a fazer uso da linguagem na escuta, na leitura e na produção de diversos textos, são também levados a conhecer assuntos variados, a observar o contexto dos discursos apresentados. São motivados a perceber a necessidade de conhecer o auditório para adequarem o discurso, bem como de saber analisar o discurso do outro, seja falado ou escrito para que possam apresentar um posicionamento mediante sua capacidade de avaliação.

Para a realização de tais habilidades é preciso o uso da argumentação, principalmente no processo de análise do discurso do outro e na produção e análise de seu próprio discurso.

Nos estudos realizados no PCN (2001) identificamos a presença da argumentação também nos objetivos específicos de ensino. Achamos por bem apresentar alguns para ampliarmos os conhecimentos sobre a argumentação como conteúdo das aulas de português.

No processo de escuta de textos orais destacamos do PCN (2001, p. 49) o seguinte objetivo: “amplie a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso”.

Neste objetivo compreendemos o que é importante o aluno dominar ao ouvir textos orais. A escuta destes textos precisa trazer ao aluno o uso de algumas capacidades, dentre elas a compreensão do que escuta para que de forma racional, um posicionamento seja apresentado. A capacidade de aderir ou de recusar as posições ideológicas sustentadas no discurso do enunciador é advinda de aspectos da argumentação, visto que para tanto o ouvinte

faz a apreciação dos argumentos apresentados para que seu posicionamento tenha uma boa sustentação, siga critérios válidos e se for questionado exista uma explicação convincente.

No processo de leitura de textos escritos identificamos dois objetivos, BRASIL (2001, p. 51) que seguem a mesma linha de raciocínio do que foi apresentado anteriormente.

- troque impressões com outros leitores a respeito dos textos lidos, posicionando-se diante da crítica, tanto a partir do próprio texto como de sua prática enquanto leitor;
- seja capaz de aderir ou recusar as posições ideológicas que reconheça nos textos que lê.

Com estes objetivos, o aluno é motivado a compartilhar sua compreensão, a apresentar seu posicionamento, para isto, é necessário recorrer aos conhecimentos que já possui sobre determinado assunto e organizar as ideias para que sejam aceitas por quem escuta ou ler seu discurso. A sua capacidade de aderir ou recusar as posições ideológicas presentes no discurso do outro, mediante estes objetivos, estará sendo sempre testada e melhorada de acordo com as práticas realizadas.

No processo de produção de textos orais trazemos o seguinte objetivo contido no PCN (2001, p. 51): “monitore seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio”.

No processo de produção de textos escritos elencamos este objetivo que vai ao encontro do objetivo de produção de textos orais e traz consigo muito da argumentação: “analise e revise o próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo tantas quantas forem as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito”.

Podemos identificar nestes dois objetivos que o discurso, seja oral ou escrito precisa ser bem elaborado antes de ser exposto. Ainda observamos que os aspectos que norteiam esta elaboração estão relacionados aos estudos e práticas argumentativas. Entre estes aspectos citamos: auditório, teses, argumentos.

Os textos orais ou escritos são produzidos para um auditório e com os propósitos definidos, no entanto os discursos podem e precisam passar por adequações tendo em vista o auditório. Outro ponto importante para destacarmos diz respeito às tantas versões que um texto precisa passar para que seja bem escrito.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 149-150):

A linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão. (...) Os valores aceitos pelo auditório, o prestígio do orador, a própria língua de que se serve, todos esses elementos ficam em constante interação quando se trata de ganhar a adesão dos espíritos.

Ao refletir sobre esta citação concluímos a presença da argumentação em cada objetivo presente no ensino de língua portuguesa. Como vimos, os objetivos apresentam o que se pretende que os alunos conquistem, adquiram, ampliem durante as aulas que envolvem escuta, leitura e produção de textos orais e escritos. Estes objetivos são alcançados através de práticas pertinentes para o desenvolvimento racional dos alunos.

Para que as práticas de linguagem alcancem os objetivos apresentados se faz necessário um bom planejamento que envolva os alunos e despertem nestes o desejo de aprimorar o uso que fazem da linguagem. As práticas precisam ser prazerosas e partir de ações que eles realizam cotidianamente para que assim percebam a utilidade do que aprendem e desenvolvem durante as aulas.

Voltando-nos ainda ao PCN (2001) recortamos alguns valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem. São todos de grande importância e nos permite refletir sobre as práticas que levamos às aulas, visto que estas resultarão em valores e atitudes de nossos alunos. Neste estudo fazemos referência a três:

- valorização das diferentes opiniões e informações veiculadas nos textos – orais ou escritos – como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo;
- posicionamento crítico diante de textos, de modo a reconhecer a pertinência dos argumentos utilizados, posições ideológicas subjacentes e possíveis conteúdos discriminatórios neles veiculados;
- interesse por trocar impressões e informações com outros leitores, posicionando-se a respeito dos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e considerando os novos dados recebidos.

Nos três pontos temos o diálogo enriquecendo os saberes adquiridos. Logo no primeiro há a valorização das diferentes opiniões. Os alunos são levados a compreender que

existem diferenças entre as pessoas, os discursos, as ações e que as diferenças precisam ser incorporadas ao meio social e não extintas.

No segundo ponto destaca-se o posicionamento crítico. Há a possibilidade de não concordar com algo, mas que seja demonstrado de forma ética e sem usar discursos discriminatórios com relação a alguns assuntos.

No terceiro ponto encontra-se a pertinência da troca de impressões e informações. Isto nos faz confirmar que sempre temos o que aprender ou ampliar nossos conhecimentos sobre determinados assuntos, assim como podemos orientar ou acrescentar informações a outras pessoas.

Com as discussões e explanações que trouxemos para este tópico de nossa pesquisa acreditamos ter contribuído para a compreensão de como a argumentação se faz presente nas aulas de português como conteúdo. Abordamos o ensino fundamental porque para nossa pesquisa realizamos uma intervenção em aulas de português no ensino fundamental e para deixar evidente que a argumentação não está exclusivamente presente no ensino médio com estudos de textos argumentativos, mas a cada prática que pretende desenvolver no aluno sua capacidade de refletir, analisar, posicionar-se diante de determinados assuntos.

Isto será confirmado, a partir de cada tarefa, oral ou escrita, que permita nossos alunos fazerem uso da linguagem com um propósito formulado e para um auditório definido. Estas tarefas podem ser através de poemas, músicas, contos, artigos de opinião, cartas, entre tantos outros gêneros textuais que envolvam suas práticas, despertem seu interesse, apresentem seu posicionamento.

As aulas planejadas com estes objetivos podem ser realizadas através de projetos com base em uma temática que desperte o interesse dos alunos, organizadas a partir de oficinas que sejam motivadoras, também podemos seguir orientações de alguns livros didáticos que trazem temáticas adequadas para os alunos e seguem com produções significativas. Por fim, são várias as maneiras que podemos encontrar para colocar em prática tantos ensinamentos e relacioná-los com o cotidiano e os objetivos dos próprios alunos.

2.5 IDENTIDADE: DEFINIÇÕES TEÓRICAS

Os tempos atuais trouxeram novas experiências, novas concepções de comportamento, de observar, sentir e viver. Os sentimentos, as emoções, os desejos que antes pareciam firmes, permanentes, hoje são passageiros e consomem a sociedade de forma avassaladora. Todas essas mudanças interferem na construção de identidade e identidades.

Usamos o termo identidade também no plural porque o mundo contemporâneo abrange um grande número de experiências e seduções que interferem nas escolhas feitas pela sociedade. Esse mundo onde quase nada é permanente não nos permite construir uma identidade ao estilo antigo, como algo rígido. A fugacidade e a fragilidade nos envolvem em meio às experiências e não nos garantem a existência do que é sólido e duradouro.

Bauman (2005, p. 79) já nos alerta que:

A preocupação com o “agora” não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele. Num ambiente fluido, em constante mudança, a ideia de eternidade, duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana. A velocidade da mudança dá um golpe mortal no valor da durabilidade: “antigo” ou “de longa duração” se torna sinônimo de fora de moda, ultrapassado, algo que “sobreviveu à sua utilidade” e portanto está destinado a acabar em breve numa pilha de lixo.

Isso interfere significativamente na construção de identidade e identidades, a mudança é o que importa e não fazer parte dessa mudança pode tornar o ser inferior ao tempo em que vive. É mais importante observar e fazer uso do que está na moda, esquecer o “antigo”, e pertencer firmemente ao que se renova a cada instante, caso contrário poderemos ser vistos como ultrapassados, não pertencentes ao que realmente importa, e isso implicará em um deslocamento evidente dos dias atuais.

Desta forma, as identidades passam a ter uma expectativa de vida cada vez menor. A crescente velocidade da renovação nos mostra isso. Como tudo se transforma e se renova tão rapidamente, as identidades também passam por esse processo, tudo é descartado facilmente e as novas gerações procuram sempre olhar para frente, porque o agora é passageiro e o passado não contribui, visto que sua utilidade já está vencida.

A modernidade implica consideravelmente nas nossas escolhas e interfere nas nossas ações de forma que somos capazes de não nos reconhecer em questão de muito pouco tempo. Para Bauman (2005, p. 96): “Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter”.

É a exibição do que está na moda que passa a valer, lembramos que não fazemos referência simplesmente ao que é material, mas ao que representa comportamentos, valores, prioridades. Nada que possa ser duradouro será visto de forma positiva porque o tempo passa, as preferências mudam e ficamos desatualizados, fora de contexto. É assim que a sociedade vive e constrói os valores e as identidades.

Uma das mudanças mais evidentes está relacionada ao contato real entre as pessoas, o contato face a face. Para muitas pessoas está quase nula esta possibilidade, visto que é muito mais cômodo, muito mais fácil, o contato via redes sociais, através dos aparelhos celulares cada vez mais modernos. Pela tecnologia eletrônica estamos expostos aos “contatos facilitados”, nomeado assim por Bauman (2005).

E esta é uma possibilidade de fugir das interações com pessoas reais, vistas como interações complexas, confusas, imprevisíveis e difíceis de interromper, pois as pessoas que estão fisicamente à nossa volta e que pertencem ao mesmo universo que nós têm uma capacidade maior de nos envolver, de construir laços duradouros. No entanto o que a sociedade moderna busca é entrar em contato com pessoas virtuais que podem ser esquecidas rapidamente porque nada chega a ser real e as facilidades são sedutoras, compatíveis com as relações e propósitos traçados pela era líquido-moderna.

Buscar uma identidade representa a crise do pertencimento, é preciso construir determinado perfil, adotar determinados costumes, mesmo que por alguns instantes para não fugir dos padrões. Seguindo o raciocínio de Bauman (2005, p. 38):

Em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência.

O que era para garantir segurança e bem estar gera insegurança, desperta o medo de não alcançar o desejado, o planejado, e isto porque o desejado pode ser transformado em pouco tempo, pode ser eliminado porque deixou de ser importante, sua conquista consegue trazer mais vazio que preenchimento. As satisfações são efêmeras, o mundo moderno é feito de transformações repentinas e a sociedade ao passo que constrói essas transformações sente necessidade de fazer parte delas.

Notamos que diante de tanta modernização a sociedade consegue reconstruir ou desconstruir o termo, o significado de identidade. O que era visto como algo sólido, que representava pertencimento, passa a ser visto como ambivalente, passageiro, inconstante. Segundo Bauman (2005, p. 30): Quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a fazia parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso.

Este é o motivo da ambivalência e de um conceito altamente contestado, deixou de ser predeterminada e inegociável, mas é cada vez mais importante para os indivíduos. Os valores, os propósitos, comportamentos deixaram de ser definidos, deixaram de ser uma marca registrada do indivíduo, no entanto a busca por algo que possa representá-lo é incessante. E desta forma, deixamos de ter uma identidade e passamos a ter identidades.

2.5.1- Contribuições do ensino de língua portuguesa na construção de identidade

Sabemos que a adolescência é um período de transição na vida de cada pessoa. Não é visto como criança, não é aceito como adulto. As dúvidas, os conflitos, tornam-se mais presentes devido a tantas necessidades que surgem. As interferências dessa fase afetam todos os lugares frequentados e situações vividas pelos adolescentes. A escola não fica de fora desses momentos cheios de conflitos e decisivos na vida dos alunos, muito pelo contrário, nesses momentos a escola deve acolher, orientar e apresentar possibilidades de encontro consigo mesmo e com suas origens.

O PCN (2001, p. 47) nos orienta quanto a essa realidade apresentando-nos que “para o adolescente, a necessidade fundamental que se coloca é a de reconstituição de sua identidade na direção da construção de sua autonomia e que para tanto, é indispensável o conhecimento de formas de enxergar e interpretar os problemas que enfrenta”. E as aulas de língua

portuguesa precisam ser promotoras dessas novas formas de enxergar e interpretar os problemas.

O trabalho de reflexão deve permitir ao adolescente/aluno tanto o reconhecimento de sua linguagem e de seu lugar no mundo quanto a percepção das várias formas de organização do discurso em especial as manifestadas nos diversos textos.

Construir identidade e a ideia de pertencimento nos adolescentes é complexo, mas é em meio a esta complexidade que se faz necessário abrir caminhos para tal construção. Não há o que esperar, o que adiar. Mas também há que se ter a consciência de que a identidade e o pertencimento não são permanentes, intocáveis, sólidos o suficiente para uma vida inteira.

É como nos afirma Bauman (2005, p. 17): “Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis”.

Entendemos, portanto, que vivemos uma era em que se constrói e desconstrói facilmente a identidade e a ideia de pertencimento, independente da fase vivida por cada pessoa. As “identidades” estão por aí, algumas escolhidas por nós, outras lançadas pelas pessoas a nossa volta, vale lembrar a importância de saber escolher, observar o que não nos pode faltar e o que não nos serve.

Lidamos em sala de aula todos os dias com adolescentes completamente envolvidos com as novas tecnologias, sempre com celulares nas mãos estabelecendo contato imediato com pessoas de todos os lugares, mantendo-se informados sobre os acontecimentos mais diversos e dos lugares mais variados possíveis. Tudo isto é importante para ele e para cada um de nós. No entanto, não podemos permitir tão facilmente que outras formas de estabelecer contato, outras histórias e acontecimentos importantes sejam esquecidos, fiquem no passado e que as novas gerações não tenham oportunidade de conhecer, de valorizar e mais, de pertencer a tudo isso.

É interessante observarmos o pensamento de Bauman (2005, p. 32) quando nos diz que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.

Por isso, temos que permitir aos nossos alunos um contato mais próximo com o passado, com as origens, para que não sejam tão fugazes e ausentes de tudo que contribuiu

para a existência do presente. Para valorizar temos a necessidade de conhecer. As comunidades virtuais têm utilidades, mas não podemos esquecer que apenas criam uma ilusão de intimidade, não podem ser substitutas de um sentar-se à mesa para uma conversa real, face a face, em que o envolvimento é visível, a troca de sentimentos, de compreensão, de experiências são evidentes.

As novas gerações precisam conhecer o que era valorizado em tempos passados, para que possam fazer suas escolhas de forma consciente. As aulas de língua portuguesa podem contribuir na construção de identidade dos alunos fazendo uma mediação, apresentando as vantagens e desvantagens dos dois tempos e esclarecer que precisamos manter o que há de melhor em cada um sem a necessidade de escolher unicamente um e eliminar o outro.

É na formação de pessoas críticas e reflexivas que podemos auxiliar nossos jovens na construção de identidade. Em nossas aulas podem existir momentos de análises sobre a visão que temos sobre o mundo, sobre o comportamento da sociedade moderna, sobre os anseios dos jovens e como se sentem diante de um mundo fluido.

O contato com as pessoas mais velhas é uma das possibilidades para fazê-los comparar e perceber o que poderão resgatar dos tempos passados. O que poderão usar dos tempos atuais e como poderão contribuir para os novos tempos.

É verdade que nenhuma das gerações nos trará somente momentos positivos ou só experiências negativas, e por isso nossos jovens precisam dessa mediação, desse espaço para terem expectativas promissoras. E a escola pode ser o melhor espaço para essa formação madura e consciente. As aulas de língua portuguesa através de momentos diversificados, fazendo uso da língua em suas mais variadas formas de interação podem oportunizar momentos ricos de aprendizagem e formação do ser.

A construção de identidade é importante para cada pessoa, em qualquer tempo e em qualquer circunstância. A identidade nos garante pertencimento, através dela é possível justificar comportamentos, buscas, sonhos, evita a possibilidade de nos “perder” em uma sociedade sem limites, que não sabe o que deseja e o que lhe faz bem.

Não é interessante que essa falta de limite e de prioridades seja alimentada na mente e nas ações de nossos alunos, por isso as aulas precisam de momentos baseados na reflexão do que é melhor para as futuras gerações, se possível de forma que não destrua o que as gerações passadas já construíram de bom e valioso.

Sendo assim, as propostas e discussões em sala de aula envolvendo a construção de identidade são sempre muito válidas, afinal a formação do ser é um dos propósitos a serem alcançados pela educação básica. Compete aos educadores nortear sempre os alunos por caminhos reflexivos, éticos e significativos, de forma que os valores sejam reconhecidos e colocados em prática na vida de cada um.

3 METODOLOGIA

Metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos.

(Oliveira, 2016)

Este trabalho parte da necessidade de realizar um processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa mais real, contextualizado e significativo. Um ensino que considere o aluno como ser atuante para sua própria aprendizagem, e mais, capaz de estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, através da produção de memórias literárias escritas como resultado do contato entre alunos do Ensino Fundamental e pessoas mais velhas de nossa cidade, Riacho de Santana/RN. Estas produções permitem a nós como pesquisadores identificar em textos narrativos, “memórias literárias”, a presença de alguns processos argumentativos, interpretando como foram usados e como estes processos contribuem para as produções dos alunos, como também sua importância nas aulas de Língua Portuguesa.

Neste capítulo fazemos uma apresentação de quais métodos, abordagens e procedimentos nos guiaram em nosso trabalho, falamos sobre nosso universo de estudo, e para finalizar apresentamos uma sequência didática, que resulta na intervenção de nossa pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização de todo o processo fizemos leituras bibliográficas de obras que trazem estudos e esclarecimentos sobre argumentação, fator a ser analisado nas produções textuais dos alunos do Ensino Fundamental, bem como a valorização da memória e a construção da identidade. Entre as referências lidas temos: Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Abreu (2009), Fiorin (2016), Bauman (2005), Bosi (1994), Souza (2003), Geraldi (2002), Antunes (2007), entre outros.

Segundo Köche (2015, p. 122): “O objetivo da pesquisa bibliográfica, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa”. Isto faz

dessa, uma pesquisa bibliográfica, visto a necessidade que tivemos de recorrer a autores que trazem contribuições também teóricas sobre o tema que escolhemos para abordar.

Os autores citados tratam em seus trabalhos e em suas obras sobre os processos argumentativos, ensino de língua materna, memória, identidade e produção de texto, pontos que nos dispomos a realizar discussões no decorrer das bases teóricas.

Na constituição do *corpus*, na pesquisa empírica, na análise e interpretação dos dados adotamos os métodos dedutivo e indutivo de forma complementar um ao outro. Compreendemos sobre método o procedimento adequado para estudar um determinado tema ou um determinado problema. Segundo Oliveira (2016): “o método é o caminho que se deve percorrer para a consecução de nossos objetivos”. Justificamos o uso dos dois métodos quando partimos de conhecimentos já existentes sobre as questões em estudo (categorias teóricas e analíticas) e quando fomos levados a partir do nosso objeto de estudo (textos empíricos) a definir alguns outros objetivos a serem alcançados.

Para Oliveira (2016, p. 48-49):

De acordo com os estudos clássicos, o método dedutivo é sempre definido como sendo o procedimento de estudo que vai do geral para o particular ou, melhor dizendo dos princípios já reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis para se chegar a determinadas conclusões.

Recorremos a este método ao definirmos como um de nossos objetivos específicos a interpretação de memórias literárias para identificar as teses, hierarquia de valores e os lugares da argumentação. Através de estudos envolvendo a Nova Retórica já sabíamos que a argumentação se faz presente em textos escritos independente do gênero textual, tentamos, pois, confirmar a partir de análises feitas em memórias literárias.

Diferente do método dedutivo, o indutivo segundo Oliveira (2016, p. 50-51) se define como:

A aplicabilidade do método indutivo compreende a observação e a experimentação dos fenômenos estudados. (...) Portanto, o método indutivo é uma ferramenta que conduz o pesquisador (a) a observar a realidade para fazer seus experimentos e tirar suas conclusões, sendo por isso um método bastante usado nas ciências em geral.

Tendo em mãos nosso objeto de estudo fomos levados a perceber a necessidade de outros objetivos, a necessidade de interpretações próprias para ele. Sendo assim, fizemos uso do método indutivo que parte de um caso particular, também pelo fato de realizarmos interpretações dos textos em estudo, e, por essas interpretações não significarem algo fechado, completamente acabado.

Para o desenvolvimento dessas análises, adotamos uma análise interpretativa, visto que voltamos nosso olhar para além da própria escrita e captamos o que cada texto permite diante dos processos almejados. Seguindo esta linha de raciocínio, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, visto que não temos a pretensão de realizar procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação para produzir resultados, temos o contato direto e interativo com nosso objeto de estudo que são as produções dos alunos.

A pesquisa qualitativa é definida por Oliveira (2016, p. 60) como:

(...) um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupos de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa.

Com as interpretações feitas buscamos uma análise e uma compreensão profunda e detalhada para que nossa proposta colocada nos objetivos seja atendida. O processo de reflexão, interpretação e análise é apresentado de forma descritiva, visto que a descrição apresenta-se desde a definição do objeto de estudo, delimitação do tema, revisão de literatura e construção do *corpus*.

Segundo Oliveira (2016, p. 68), “Portanto, a pesquisa descritiva vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada”.

Ainda é importante definir que essa pesquisa é de natureza interventiva, pois realizamos uma sequência didática durante as aulas de Língua Portuguesa, com a proposta de contribuir com as produções textuais, bem como mediar ações significativas e pertencentes à realidade dos alunos.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA E UNIVERSO DE ESTUDO: UMA NOVA GERAÇÃO EM BUSCA DE MEMÓRIAS

Os sujeitos da pesquisa são constituídos de uma turma do Ensino Fundamental, mais precisamente 8º ano 1, composta por 33 alunos. Todos adolescentes com uma faixa etária que varia entre treze e quinze anos, habitantes do município de Riacho de Santana/RN, na área rural e na área urbana deste município. Todos encantados pelo mundo virtual que os cerca e muitas vezes deixando de observar e conhecer suas raízes, suas histórias, o local onde vive.

A escola onde realizamos a pesquisa é a Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, na qual funcionam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sendo que para o Ensino Fundamental recebemos os alunos a partir do 8º ano, visto que os anos iniciais são cursados em escola municipal.

Na Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, os alunos chegam muito ativos, inquietos, necessitados de algo que os motive e desperte o interesse de cada um para as aulas. A diversidade é visível, nas condições sociais, comportamentos, estrutura familiar e objetivos a serem alcançados por cada um. Este fato também motiva a realização desse trabalho com a referida turma.

Os alunos acabam de ingressar em uma “nova” escola, são outros professores, outras expectativas e é interessante que possamos contribuir com aulas motivadoras, aulas que despertem a sede de conhecimento de nossos alunos. Acreditamos que com a proposta de trabalho que vamos apresentar contribuimos para o aprendizado, o amadurecimento e a construção de novas metas na vida desses adolescentes.

O universo de estudo também diz respeito às memórias das pessoas idosas de Riacho de Santana/RN, tendo em vista que os textos produzidos pelos alunos é o resultado das conversas, das entrevistas realizadas com dez idosos do município incluindo a zona rural e a zona urbana.

3.3 OBJETO DE ESTUDO: DAS MEMÓRIAS DOS IDOSOS PARA AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

3.3.1 Memórias literárias

Já falamos sobre a necessidade de realizar aulas de língua portuguesa de forma mais atrativa, interativa e com propostas reais de produção textual. Fizemos também observações de que o texto não pode ser apresentado e usado de qualquer forma, pois se assim for, os resultados almejados não serão alcançados.

Uma das propostas que muito encanta os educadores e que pode proporcionar um bom resultado para o que se busca com o ensino de Língua Portuguesa é fazer um trabalho sistematizado com os gêneros textuais, articulado à cultura local, à comunidade em que vivem. Isso permite o desenvolvimento da identidade de nossos alunos e exige que a língua portuguesa tome rumos mais amplos, deixando de ser limitada a algumas práticas mecânicas e que muito pouco poderá contribuir para o desenvolvimento de alunos como cidadãos.

O ensino de língua com base no conhecimento, compreensão, análise e produção de gêneros textuais pode tornar-se o mais próximo possível de como ela é em seu uso cotidiano. Toda manifestação da língua se dá por meio de textos e estes surgem de acordo com as atividades humanas, podendo ser agrupados em gêneros textuais.

Os gêneros textuais são usados para as comunicações mais diversas possíveis e geram expectativas sobre a estrutura, a forma de interação com o outro, o conteúdo que poderá apresentar. Os gêneros surgem de acordo com sua função na sociedade e é isto que fundamenta o conteúdo, o estilo, a forma de cada texto. Sendo assim, não é suficiente conhecer apenas as características formais de um gênero, mas entender sua função social e saber interagir adequadamente.

O professor José Luís Landeira (2009, p. 4-5) nos apresenta uma definição pertinente sobre gêneros textuais e através dela nos esclarece que:

Os gêneros são produtos da cultura de determinada sociedade. Constituídos por certos conteúdos, além de estilo e forma próprios, apresentam funções sociais específicas. Tornam-se, desse modo, modelos comunicativos que permitem a interação social. O trabalho com gêneros textuais na escola pressupõe um modo próprio de se relacionar com a linguagem e com o currículo da língua portuguesa. Significa cultivar uma atitude educacional alicerçada por sólido conhecimento da linguagem, vista como prática cotidiana, e muita vontade de fazer diferença, não apenas moda.

É desta forma que precisamos realizar o trabalho com gêneros textuais na tentativa de melhorar o ensino de língua. Buscando sempre uma forma de relacioná-lo com a linguagem e

atentos para a função social e interativa que este desempenha na sociedade, assim, realizaremos uma prática que envolve o estudo dos textos no ensino de língua que fará a diferença no ensino.

Com esta compreensão sobre gêneros textuais trazemos para foco de nosso estudo o gênero memórias literárias. São as memórias literárias que constituem o *corpus* de nossa pesquisa e por isso a necessidade de conhecê-la de forma mais específica.

Começemos por falar de suas características. São textos de estruturas narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente. É comum a produção de memórias literárias a partir das lembranças de pessoas idosas, estas podem resgatar histórias importantes do lugar onde vivem, de situações que envolvem sentimentos, e por fazer tempo as histórias nunca são exatamente como aconteceram, mas da forma como estão guardadas e lembradas pela memória.

De forma geral o início das memórias literárias é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador. É muito importante que as memórias façam referência a esses dois quesitos, lugar e tempo. Servem para que possamos perceber o quanto é relevante para o narrador não só o acontecimento, mas onde e quando tudo aconteceu.

O narrador das memórias literárias é narrador-personagem ou narrador-testemunha. Na maioria das vezes temos o narrador que se apresenta como personagem das lembranças. O narrador em primeira pessoa conta a história de forma parcial, pois considera um único ponto de vista que é o dele.

Outra característica muito marcante das memórias literárias é a descrição. Ela é fundamental para que o leitor possa construir imagens da época, dos lugares, das pessoas e de como tudo foi vivido. É um recurso usado para aproximar o leitor das lembranças contadas, permitir que ele possa imaginar como as coisas aconteceram.

Como se trata sempre de recordações, de lembranças de algo que já foi vivido é natural que o autor se preocupe em caracterizar as pessoas, os lugares, tudo que considerar importante e faça comparações entre o passado e o presente.

Ao fazer as descrições e comparações sobre o que apresenta o autor usa recursos para provocar sensações, sensibilizar o leitor, torná-lo o mais próximo da história. Como recursos podemos identificar as figuras de linguagem, expressões características de determinada região, expressões típicas da oralidade informal, e nesse caso, o uso dessas expressões é intencional e adequado para o contexto.

Uma das intenções é conseguir encantar o leitor, transportá-lo para as memórias em questão, de forma que este possa imaginar exatamente como ocorriam os acontecidos lembrados pelo narrador. Tudo pode, diante da maneira como é apresentado, transportar o leitor para o tempo trazido de volta pelas lembranças.

Há uma função especial que cabe aos verbos usados pelo autor de memórias literárias. Os verbos para marcar um tempo passado são usados no pretérito perfeito, como também no pretérito imperfeito. Outra escolha que marca o passado é o uso de palavras e expressões que remetem ao passado, mais uma forma de transportar o leitor para a época recordada.

É importante também observar que o autor de memórias literárias faz uso da pontuação para facilitar a compreensão de quem lê, indicando as diferenças de entonação e contribuindo para a organização das ideias do texto.

Assim, trazemos o que nos diz Ana Lima (2009, p. 22) sobre memórias literárias:

Um texto de memórias literárias objetiva resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é de ambas porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence.

Desta forma, identificamos a função social das memórias literárias. Elas nos permitem fazer um resgate do passado, e esse resgate é feito com o objetivo de estabelecer o laço entre as diferentes gerações, contribuindo para a troca de experiências, de sensações, sentimentos e a identificação com as histórias construídas no passado, mas que interferem e podem construir o pertencimento das gerações mais jovens com a comunidade e com o lugar onde vivem.

Na tentativa de resgatar momentos de interação entre gerações distintas e de permitir com isto que os jovens construam sua identidade e ideia de pertencimento com o lugar onde

vivem é que abordamos o gênero memórias literárias no ensino de Língua Portuguesa. Também por acreditar que o passado explica e se apresenta em muito do que vivemos hoje e que um encontro de gerações pode enriquecer muito as aulas de Língua Portuguesa.

É com o fruto desta proposta que teremos em mão o material para nossa análise, memórias literárias produzidas pelos alunos a partir das histórias contadas por pessoas idosas de Riacho de Santana/RN.

Observamos como o gênero escolhido é adequado à pesquisa. Nossos alunos, através das memórias literárias têm a oportunidade de estabelecer contato com as pessoas mais velhas de nossa comunidade e assim aproximam-se das histórias vividas por nosso povo. Esta aproximação entre pessoas mais velhas e as gerações mais novas, por meio de palavras, gestos, emoções, liga os moradores de um lugar, constrói identidade e desperta a ideia de pertencimento nas novas gerações.

A produção de memórias literárias envolve todo um processo e o escritor terá que desenvolver algumas tarefas que antecedem e permitem a escrita. A primeira é identificar pessoas que possam realmente contribuir para a produção do texto com suas lembranças, depois realizar entrevista com essas pessoas, em seguida selecionar e organizar as informações relevantes que foram coletadas para finalmente, escrever o texto.

Durante a produção o escritor viverá um momento muito interessante que é assumir a voz da pessoa entrevistada, pois o texto é escrito em primeira pessoa. Desta forma, não se trata de uma simples reinterpretação, mas de produções que deve resultar em um texto de natureza literária e em sua maior parte narrativo.

Nesse processo que termina com a produção da memória literária, cabe ao escritor posicionar-se como pesquisador que busca recuperar a memória coletiva de sua cidade, por meio do seu texto, possibilitar que os leitores tragam para o coração um passado que mesmo não tendo sido vivido por eles, foi decisivo para que sejam o que são atualmente.

Todo este trabalho com memórias literárias nas aulas de língua portuguesa é muito importante, pois resgata histórias de nosso município que estão guardadas nas lembranças das pessoas idosas, bem como permite através do encontro de gerações a aproximação dos adolescentes com o passado, com informações que não podemos deixar que sejam esquecidas. Ainda assim, faremos de nossos alunos, jovens pesquisadores capazes de perceber como nos diz Ecléa Bosi (2009, p. 24):

A memória de velhos é diferente da história oficial. Os depoimentos são cheios de lacunas, diferentes da história que se lê nos livros. Você ouve um depoimento de alguém que assistiu a um desastre e a narrativa dessa testemunha traz susto, emoção. Ainda que não seja perfeitamente objetiva, há alguma coisa profundamente verdadeira: a emoção que o desastre desencadeou e que atravessa a narrativa.

Se ao menos essa emoção puder ser observada e quem sabe sentida pelos alunos, teremos alcançado parte de nossos objetivos na formação destes através das aulas de língua portuguesa. Formação que se faz necessária diante de uma época chamada por Bosi como a época do descartável, do consumo. E embora se fale muito dos direitos da terceira idade não é exatamente o que é visto.

Ainda observando os dizeres de Bosi (2009, p. 25), no que se refere a oportunizar que os alunos sejam pesquisadores, a escritora apresenta que assim “os alunos estão praticando a verdadeira cultura que é a inserção do passado no presente; as pesquisas das crianças são humanizadoras”. E são, pois, os alunos que buscam as pessoas idosas e as fazem sentirem-se valorizadas, reconhecidas por suas histórias, lembranças e experiências. Pois, na verdade, ainda segundo Bosi, “Essa época não é favorável ao oferecimento da memória, da experiência. Fazer com que a criança se volte precocemente para a história oral contada pelos mais velhos é uma valorização pública do idoso”.

Este encontro de gerações que resulta na produção de memórias literárias é muito válido. Enriquece as aulas, contribui para uma formação mais real, concreta dos nossos alunos e valoriza os idosos do município. Temos com isto, um conjunto de fatores que contribuem de forma positiva o conhecimento, o estudo, a análise e a produção das memórias literárias por parte de alunos tão jovens e que precisam desenvolver o reconhecimento e o valor que as experiências das pessoas mais velhas podem trazer para cada um de nós.

Reconhecemos, com isto, a importância de desenvolver nas aulas de língua portuguesa o trabalho com as memórias literárias, pertinentes aos jovens, aos idosos e a comunidade à qual estes pertencem, bem como a um ensino de língua portuguesa mais produtivo.

Temos assim, como objeto de estudo as produções textuais dos alunos, mais precisamente, as memórias literárias que depois de todo trabalho realizado passaram a compor uma coletânea de memórias literárias de Riacho de Santana/RN. Essa coletânea é o *corpus* da nossa pesquisa.

3.4 TEMÁTICA DO OBJETO DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA/RN

Riacho de Santana é um município brasileiro, localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar, e pertence à mesorregião do Oeste Potiguar, na microrregião da Serra de São Miguel, a uma distância de 425 quilômetros a oeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 128 km², com uma população de 4.278 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, senso 2014.

O nome do município deve-se ao riacho Santana que passa por quase toda a cidade, percorrendo a zona rural e a zona urbana. Por causa do riacho Santana várias famílias começaram a povoar o lugar e a desenvolver a prática da agricultura. As primeiras famílias que passaram a residir em Riacho de Santana foram as de sobrenome: Cajé, Soares, Lopes, Lugero, Fontes, Fernandes, Dantas, Cavalcante, entre outras que residem até os dias atuais. São famílias numerosas e que construíram história no município. Por se tratar de um lugar pequeno e com poucos habitantes todos têm um parentesco entre si, uns mais próximos, outros mais distantes, mas se tratando dos nascidos neste lugar há sempre uma ligação sanguínea.

O trabalho realizado por aqui, a princípio, foi a agricultura. Realizava-se de forma satisfatória a plantação do arroz, do feijão, do milho, entre outros. As famílias conseguiam o suficiente para o próprio sustento e até mais, de forma que comercializavam o excedente. Vivia-se principalmente daquilo que a terra oferecia, a caça, a pesca, a criação de animais. Quanto à criação de animais, é uma prática presente ainda nos dias de hoje, como antigamente, há os que criam para o consumo próprio e os que criam para comercializar, visto a possibilidade de ser uma fonte de renda.

A agricultura e a criação de animais são práticas favoráveis em nosso município, com exceção dos tempos de seca. Tempos em que a terra, as plantações e os animais sofrem com a falta de água. Sofrem também os homens do campo por verem o trabalho e suas propriedades desvalorizadas e sem o recurso que alimenta a esperança e a vida de cada ser, a água.



Foto do Sítio Tabuleiro do Padre. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva

Riacho de Santana, desde que era vila, já tinha através de seus habitantes a realização de alguns ritos religiosos nas casas das famílias. Na vila havia os momentos de orações na casa de Dona Alexandrina Cajé e na casa de Dona Maria Lugero. As famílias se reuniam e rezavam terços, novenas, eram momentos de fé e devoção. Na época a vila pertencia à cidade de Pau dos Ferros. O padre da paróquia era Militão Benedito de Mendonça e vinha até a vila de Riacho de Santana celebrar as missas nas casas dos fieis.

Segundo Freire et al (2015, p. 145-146):

O padre Militão Benedito de Mendonça desejoso de prestar uma assistência espiritual mais eficiente aos moradores da localidade e dos sítios vizinhos, resolveu construir uma capela dedicada a São João Batista. A ideia do vigário encontrou a mais franca acolhida no meio da população local. D. Maria Alexandrina da Conceição fez a doação do terreno para patrimônio da capela. Requerida a licença ao Sr. Bispo diocesano, D. Jaime de Barros Câmara, que a concedeu, foram iniciados os trabalhos em 1937. Em 1º de maio de 1938 foi celebrada a primeira missa, embora a capela não estivesse concluída. Assumindo a direção da paróquia o Cônego Manoel Caminha Freire, em 1940, terminou os trabalhos e construiu o altar.

Para a construção da capela os moradores da vila contaram com a ajuda e o incentivo do padre Militão e logo depois com as contribuições do padre Caminha, que permaneceu por aqui por muitos anos, visto que era o pároco de Pau dos Ferros. A comunidade precisou de união, e para tanto, trabalhou de forma coletiva, juntos doaram mão de obra, material para construção, realizaram leilões, vendas de comidas típicas em barracas e conseguiram, desta

forma, realizar o sonho de ter a capela, lugar onde se reúnem até hoje para as celebrações das missas, das novenas, dos terços e da festa do padroeiro São João Batista. Este ano comemorase no dia 1º de maio oitenta anos da celebração da primeira missa na capela de São João Batista em Riacho de Santana.



Foto do Padroeiro São João Batista. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Foto dos Festejos juninos. Registro fotográfico: Francisca Kadígena da Silva

A festa do padroeiro sempre foi um grande atrativo para este lugar, representa dias de devoção, comemorações e festejos. A construção da capela de São João Batista representou um marco para a vila, pois passou a ser distrito no ano de 1948. Como consta na revista comemorativa do bi-centenário da paróquia e centenário do município de Pau dos Ferros: “Pelo recenseamento de 1950 a sua população era 3.360 habitantes, sendo a população da vila 168 habitantes.” Enquanto Distrito, na administração de dr. Licurgo Nunes, de acordo com a Revista já citada e segundo o que contam alguns santanenses foi construído o cemitério público, com doação do terreno também feita por Dona Maria Alexandrina da Conceição, conhecida como Alexandrina Cajé ou Mãe Xandina.

Na administração de dr. Licurgo Nunes foram construídos ainda o galpão onde realizava-se a feira semanal e o prédio das Escolas Reunidas Francisco Dantas, também foi instalada a iluminação elétrica. Por muitos anos deixaram de realizar a feira semanal, esta foi retomada no município no ano 2017, realizada agora não mais no galpão, mas na rua, sendo a

feira livre. As Escolas Reunidas Francisco Dantas passaram a ser Escola Estadual Francisco Dantas e atualmente é Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes.



Foto Escola Estadual Profª Maria Angelina Gomes. Registro de Francisco Jerri A.Oliveira



Foto Centro Comercial Arlindo Bessa. Registro de Francisco Jerri A.Oliveira

Desde os tempos de vila até os dias atuais foram muitas as transformações vivenciadas. Em 10 de maio de 1962, Riacho de Santana foi emancipada e passou a ser cidade. Sua área de 128 km² é ocupada pela sede e por 16 sítios. O setor de cima composto por: Catingueira, Gameleira, Poço de Pedras, Caiçara, Tabuleiro do Padre, Paul, Santo Antônio. O setor de baixo composto por: Lagoa de Pedras, Muquém, Caieira, Sobradinho, Pau d'arco, Baixa do Arroz, Porção, Catolezinho e Agrestinho.

Os nomes dos sítios em sua maioria deve-se a alguma planta que existia naquele lugar em grande quantidade ou se destacava em relação às outras existentes, também faz referência a algo que marca o lugar. O nome Riacho de Santana como já informamos é devido ao riacho Santana que como nos apresenta Lima (1956, p. 24): “[...] tem suas nascentes nos municípios de Luiz Gomes e São Miguel.”

O riacho Santana entra em Riacho de Santana através do sítio Catingueira, banha quase todo o município e dá origem ao seu nome que é este desde quando ainda era vila. No quesito hidrográfico, a cidade é agraciada pelo fato de mesmo nos períodos de seca conseguir manter a população abastecida com água de seu próprio território. O abastecimento é feito através da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte – CAERN que distribui água de um poço localizado na Zona rural do município. Este abastecimento também é realizado de modo particular através de poços de alguns proprietários que usam suas instalações para consumo próprio e outros que além do consumo próprio fazem instalações para abastecerem várias residências na cidade.

O município conta com alguns açudes e barreiros em propriedades particulares e com açudes para atender as necessidades da população. Entre eles encontra-se o açude do Junco que está sem água devido ao longo período de seca e o açude Caripina, este é o maior do município e desde que encheu pela primeira vez não secou, está com o nível de água baixo, mas não chegou a secar. Muitos santanenses acreditam que estão por vir anos bons de inverno para trazer aos olhos deste povo às enchentes do riacho Santana, lavando nosso lugar com suas águas e proporcionando abundância nestas terras.

Riacho de Santana, cidade cercada por serras, entre elas destacamos a Serra de São José e a Serra do Camelo. Trazem para nossa terra uma vista privilegiada, como diz um filho ausente “as serras se destacam tanto que chegamos a pensar que com um simples erguer dos braços podemos alcançá-las, é uma maravilha.”

A partir do dia 10 de maio de 1962, Riacho de Santana, tornou-se cidade e passou a ter seus próprios gestores. Com isto, administrou esta cidade um total de nove prefeitos, sendo o primeiro Cirilo Alves Pereira, que assumiu a gestão interinamente (1963 – 1964). O prefeito seguinte foi Manoel de Souza Lima (1964 – 1968), depois Antônio Francisco da Costa foi gestor por dois mandatos (1969 – 1972; 1977 – 1982), entre as duas gestões de Antônio Francisco da Costa, houve a gestão de Rafael Soares do Nascimento (1973 – 1976), outro prefeito foi Alcides Carlos dos Santos Bacalhau (1983 – 1988), seguido de Francisco Wellington Soares Néri que foi gestor de Riacho de Santana por três mandatos (1989 – 1992; 1997 – 2000; 2001 – 2004), entre a primeira e a segunda gestão de Wellington Soares teve a gestão de Francisco Jaime da Costa (1993 – 1996); a cidade teve mais dois gestores com duas administrações seguidas, Raimundo Nonato dos Santos (2005 – 2008; 2009 – 2012) e o atual gestor, Jessé Nildo Dantas de Freitas (2013 – 2016; 2017 – 2020).

Com o passar destes anos e das diferentes equipes gestoras foram muitas as mudanças no município. A educação evoluiu, são várias escolas na zona rural que garantem a escolaridade para seus habitantes pelo menos até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Na sede do município há a Escola Municipal Jesus Menino, onde funciona a Educação Infantil, há a Escola Municipal João Bernardino de Lima, onde funciona do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental e a Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, onde funcionam as turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, IV e V Períodos da Educação de Jovens e Adultos – EJA e o Ensino Médio.

Atualmente os professores que lecionam em todo o município têm formação superior, apesar de alguns não atuarem exclusivamente em sua área de formação. Riacho de Santana têm bons profissionais em diversas áreas. Estes começaram a formação no próprio município e depois buscaram continuidade na cidade de Pau dos Ferros, principalmente na UERN, ou em Mossoró, em Natal, e até mesmo em outros estados como na Paraíba e no Ceará.

Entre as formações temos uma diversidade que nos orgulha. São professores, enfermeiros, advogados, médicos, psicólogos, dentistas, assistentes social, engenheiros, agrônomos, nutricionistas, entre várias outras formações de nível superior. Também destacamos as formações em cursos técnicos que contribuem consideravelmente para um trabalho mais qualificado. Alguns não tiveram oportunidade de investir nos estudos por precisarem se dedicar ao trabalho desde cedo para melhorar de forma urgente as condições de vida. Estes buscaram trabalhos no comércio, na construção civil, entre outras alternativas, aqui mesmo em Riacho de Santana, recorrendo a Pau dos Ferros, cidade vizinha mais desenvolvida, com mais opções de trabalho. Outros tiveram que seguir para mais longe, indo para São Paulo, ou outros lugares distantes, deixando a terra natal e a família para conseguir um emprego que a cidade pequena do interior não oferece.

O comércio em Riacho de Santana não é muito desenvolvido, um dos fatores que faz os santanenses continuarem recorrendo a Pau dos Ferros para resolver muitas coisas necessárias no cotidiano. Pau dos Ferros tem o papel de “cidade grande” a qual os santanenses recorrem para resolver questões relacionadas ao comércio, à saúde, à educação, é a sede para muitos quesitos.

Relacionado à saúde o município conta apenas com Unidade Básica de Saúde – UBS, duas na zona urbana e três na zona rural, sendo uma no sítio Poço de Pedras, uma no sítio Tabuleiro do Padre e uma no sítio Pau d’arco.

Voltando-nos para a cultura, Riacho de Santana mantém a tradição das festas juninas, devendo-se ao padroeiro do município que proporciona as comemorações religiosas. O São João de rua de Riacho de Santana tornou-se conhecido nas cidades vizinhas e região no final da década de 90, época em que tornou-se tradição os gestores do município trazerem para a cidade bandas famosas, em especial de forró nas noites de 22, 23 e 24 de junho, fazendo destas noites o ponto alto das comemorações.

A cidade inteira aguarda este período que valoriza a cultura com apresentações de quadrilhas, vendas de comidas típicas, promove o reencontro de familiares e amigos e ativa principalmente a fé dos devotos de São João Batista que acompanha incansavelmente as novenas do dia 15 ao dia 23 de junho, encerrando-se com a missa solene e a procissão no dia 24 de junho.

Na religião, os moradores de alguns sítios conseguiram construir capelas para festejar um padroeiro em determinado período. Entre eles temos o Sagrado Coração de Jesus no sítio Catingueira, São Miguel no sítio Poço de Pedras, São Francisco no Tabuleiro do Padre, São Sebastião no Sobradinho, Nossa Senhora Aparecida no Pau d'arco, São José no Catolezinho. Desta forma cada um destes sítios pertencentes a Riacho de Santana tem uma missa celebrada em sua capela a cada mês e no período do padroeiro as festividades religiosas que animam o sítio e firmam a devoção pelo padroeiro.

Riacho de Santana traz em suas histórias e tradições a dança dos caboclos que todo ano faz suas apresentações durante a Semana Santa e pede esmolas nas casas, animando a cidade. No esporte destaca-se o futebol e o futsal. É costume todo ano ou quase todo ano ser promovido para os amantes do futebol o campeonato municipal. As equipes são formadas, as competições são realizadas e a alegria desse povo se manifesta também através deste esporte. O município conta com duas quadras poliesportivas na cidade, um estádio que está em fase de conclusão e algumas quadras poliesportivas e campo de futebol em determinados sítios.



Foto Estádio Pai Cajé Registro de Francisco Jerri
A.Oliveira

A rua central, no decorrer de 55 anos passou por modificações em sua estrutura, muito do que há no município se concentra na Rua Manoel de Souza Lima, centro da cidade. Nela encontramos a Igreja de São João Batista, a Praça do povo, o Centro Comercial, a Praça de eventos, a Delegacia e a Escola Estadual. Todos passaram por reformas em busca de melhorias e mais comodidade para os santanenses e seus visitantes.

Algumas histórias rondam as memórias de muitos santanenses há bastante tempo, são histórias de botijas, de lobisomem, de assombrações, que pertencem às crenças do povo deste lugar. São histórias que despertam tanto a curiosidade e a vontade de conhecê-las com mais propriedade que constituíram material da pesquisa de Costa (2012) e mais recentemente em 2017 tornou-se material para a produção de um artigo científico. Estas histórias envolvem crenças, memórias, cultura, literatura, religião e o povo santanense. Para Costa (2012, p. 11) as narrativas representam:

O ato de fazer o pensamento criar formas quando a voz veicula histórias e essas chegam a um mundo de ouvintes. O narrador nem sempre diz tudo. E não é preciso. Imbuído pelas concepções do seu povo e formado pelas experiências de vida, acaba sendo uma referência, tornando-se respeitado até mesmo quando cessam as palavras. Entretanto, quando desejosos de revelar o que muitos omitem, falta quem o escute, e o discurso, inscrito na cultura popular, vai desaparecendo junto com os antigos engenhos e com os oitões das casas velhas de alpendres que reuniam as pessoas para a contação de histórias.

Podemos observar a sensibilidade de Costa (2012) ao valorizar as narrativas contadas por seus colaboradores em seus estudos acadêmicos, e isto é Riacho de Santana, representa muito bem a cultura local, as memórias que não podemos deixar migrar para o campo do esquecimento, mas recobrar e permitir um lugar significativo para que as gerações futuras possam ter conhecimento e orgulho de pertencer a uma comunidade que não esquece as raízes, o passado e tudo que envolve sua construção.

Para a construção deste tópico sobre Riacho de Santana buscamos informações através de leituras, de visitas a alguns lugares e principalmente a partir de narrativas feitas por pessoas idosas do município, narrativas que correspondem às memórias de Riacho de Santana, valorizam as histórias de um povo, e não deixa serem esquecidas, pois remontam acontecimentos importantes para o município, para os santanenses e agora estão registradas nas memórias de pessoas mais jovens e em trabalhos acadêmicos.

Como nos diz Bosi (1994):

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado.

Sendo assim, associamos informações trazidas do passado de Riacho de Santana e informações do presente e fazemos um registro para as gerações que constituem este município, é verdade que muitas informações não foram colocadas aqui, mas podem ser usadas para ampliar este tópico em um trabalho futuro sobre Riacho de Santana. É importante ressaltarmos que as lembranças precisam de valorização assim como os donos destas lembranças.

3.5 INTERVENÇÃO: O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

As novas gerações vivem momentos de intensas descobertas. São descobertas sociais, pessoais e cada vez mais se torna visível como está raro o que chamamos de “contato direto” entre as pessoas. É mais envolvente para algumas pessoas a conversa via redes sociais, visto que os aparelhos tecnológicos e seus mais diversos recursos tornam o mundo virtual mais presente que o mundo real na vida moderna.

Este fator talvez afaste as pessoas umas das outras, em especial os jovens e os idosos que representam duas gerações de tempos e realidades distintas, uma completamente envolvida pelos meios tecnológicos e outra ainda abraçada aos meios tradicionais, distante da tecnologia, que se utiliza da conversa olho no olho, proximidade física e preocupações visíveis. Não queremos com isto afirmar que uma seja melhor que a outra, mas queremos mostrar a importância de envolver duas gerações que podem se completar.

Por isso, nossas aulas de língua portuguesa precisam mostrar-se mais investigativas e atuantes também nesse sentido, sendo reconhecedora de que o cotidiano, as relações sociais, entre outros fatores que fogem regras e o uso constante do livro didático também são importantes para a formação dos nossos alunos.

Desta forma, com o propósito de ministrar aulas de Língua Portuguesa de forma que os alunos sejam atores e não apenas expectadores, trazemos uma proposta que permite diálogo, interação, oportunidades para perceber que o ensino de algo tão rico como nossa língua vai além da sala de aula e da própria escola.

O professor não é o único, dentro de nossos objetivos, que pode contribuir para a formação do aluno, por isso mostramos o valor que deve ser dado às relações com outras pessoas, no caso, aos mais velhos, principalmente quando desejamos conhecer experiências e extrair destas uma construção de identidade e valorização de objetos, lugares e momentos simples, mas significativos.

O trabalho em sala de aula foi realizado através de uma sequência didática (SD), e, para esclarecer fica posto que para o desenvolvimento da sequência didática nos espelhamos no caderno de oficinas **Se bem me lembro...** da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP). Algumas oficinas executamos tal qual orienta o caderno e outras fizemos adaptações correspondentes a nossa pesquisa.

A SD do caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa é baseada nas orientações de Schneuwly & Dolz (2004). Começa com a apresentação do gênero textual a ser abordado, segue com uma primeira produção e a partir dela são elaboradas e realizadas as oficinas, considerando as fragilidades identificadas na primeira produção. Esta sequência permite que os conteúdos explorados nas oficinas que seguem estejam relacionados com as necessidades dos alunos.

A proposta que desenvolvemos em sala de aula segue a sequência já apresentada e tem como objetivo geral: **Estabelecer o contato com pessoas idosas da comunidade para reconhecer a importância de suas experiências na construção de identidade dos alunos e produzir memórias literárias sobre as histórias contadas, melhorando a leitura e a escrita dos alunos.**

Objetivos específicos:

- ✓ Despertar o interesse pelo contato com as pessoas mais velhas;
- ✓ Adquirir conhecimento com as histórias contadas como experiências de vida das pessoas mais velhas;
- ✓ Reconhecer a importância dos idosos e de suas histórias para cada pessoa em particular e para a comunidade de forma geral;
- ✓ Conhecer o gênero memórias literárias;
- ✓ Despertar o gosto pelo gênero ao apreciar algumas memórias literárias;
- ✓ Compreender a necessidade de melhorar a escrita;
- ✓ Valorizar o lugar onde vivem;
- ✓ Construir a ideia de pertencimento ao lugar onde vivem.

Como primeiro passo para realizar nosso trabalho conhecemos o nível de relação entre os alunos do oitavo ano e as pessoas mais velhas de Riacho de Santana/RN para assim, também, conseguir através de uma conversa informal em sala de aula, identificar o interesse que esses alunos têm pelas histórias que fazem parte da memória dos idosos deste lugar. A sequência didática está organizada em catorze oficinas. Para organização e realização destas oficinas, tivemos por base as oficinas da olimpíada de língua portuguesa o caderno *Se bem me lembro...* Algumas oficinas foram modificadas tendo em vista nossas necessidades e outras mantivemos como o caderno nos traz.

Oficina 01: **Roda de Conversa** (2h/a)

Conversa informal para diagnosticar o grau de intimidade e de importância que os alunos dão aos mais velhos e às histórias mais antigas que pertencem ao município. Para este diálogo realizamos o que chamamos de roda de conversa. Organizamos um grande círculo na sala de aula e conversamos. Para nortear a conversa foram feitas algumas perguntas para que os alunos pudessem falar sobre o assunto em foco.

- ✓ Quem costuma conversar com pessoas idosas?
- ✓ Vocês gostam de conversar com pessoas idosas?
- ✓ Quais as histórias que vocês costumam ouvir?
- ✓ Vocês acham interessantes as histórias contadas pelas pessoas mais velhas?
- ✓ As histórias mais atrativas para vocês são as relacionadas ao município ou à vida particular da pessoa idosa?

- ✓ Vocês percebem como o idoso se sente ao poder compartilhar com pessoas mais jovens suas lembranças, suas experiências?
- ✓ Falem um pouco como se sentem ao ouvir as lembranças das pessoas mais velhas.
- ✓ Tem alguma história que vocês ouviram e que de alguma forma foi marcante?

A roda de conversa nos possibilitou perceber o entusiasmo de alguns alunos sobre a valorização dada a conversas com pessoas idosas, mas também nos permitiu perceber que outros alunos não se mostraram tão entusiasmados assim. Isto mostra como o contato direto com pessoas idosas, seja familiar ou não, é algo que é atrativo para alguns alunos e outros não.

O momento foi muito importante porque alguns alunos já conseguiram lembrar até mesmo de algumas histórias que ouviram de alguns idosos. Histórias relacionadas ao passado e comentaram que os idosos costumam comparar o tempo de antigamente com o tempo atual.

Oficina 02: **Momento de sensibilização/Contato com memórias literárias** (3h/a)

Após ouvir o que os alunos acham de manter contato com as pessoas idosas e de ouvir suas experiências apresentamos como é importante para nossa formação cidadã conhecer e estabelecer uma relação entre os acontecimentos pertencentes à comunidade onde habitamos, afinal, as histórias do nosso lugar se entrelaçam às histórias de nossos familiares e de nossas vidas.

Em grupos de três alunos distribuímos memórias literárias de diferentes autores para que os alunos apreciassem as histórias e estabelecessem contato com o gênero textual a ser trabalhado.

Zélia Gattai: *Transplante de Menina; Parecida mas diferente, Os automóveis invadem a cidade.*

Rostand Paraíso: *Meus tempos de Criança.*

Ilka Brunihilde Laurito: *As mãos que liam; As almas do Amém; O homem da terra;*

Fernando Sabino: *Galinha ao molho pardo; O canivetezinho vermelho; Como deixei de voar.*

Os grupos realizaram a leitura e logo em seguida cada grupo fez a exposição oral da história lida considerando os aspectos de uma narrativa: personagens, tempo, espaço, narrador, clímax, enredo.

Sugestões de perguntas para o momento da exposição de cada grupo:

- ✓ O que vocês acharam mais interessante no texto?
- ✓ Que temas são tratados?
- ✓ Quem vivenciou e quem está narrando os acontecimentos da história?
- ✓ O que há em comum entre as histórias que foram lidas e apresentadas por cada grupo?
- ✓ As situações vividas nos textos se parecem com alguma situação vivida por vocês?

Diante das leituras e comentários feitos pelos grupos a partir dos textos lidos, os alunos observaram que todos os textos narram histórias que aconteceram no passado, contam recordações particulares ou recordações coletivas representando um lugar, uma cultura, uma descoberta e que quase todos os textos trazem as histórias vividas por pessoas mais velhas, de forma mais evidente por um avô ou avó.

Foi um momento de leitura, discussão sobre os textos lidos, interação porque cada grupo se sentiu a vontade para fazer comentários sobre os textos lidos. Gostaram das histórias e conseguiram compreender cada uma.

Com estas observações pedimos que os alunos fizessem a diferença entre *memória* e *memórias*. As definições foram as mais diversas possíveis desde a indicação de que um termo está no singular e o outro no plural ao fato de que memória é o que todos temos e memórias são as lembranças que guardamos sobre algo que vivemos no passado. Estas foram algumas definições indicadas pelos alunos para os termos apresentados.

Após os comentários dos alunos apontamos uma sugestão de resposta a partir do dicionário *Houaiss*. Assim, os alunos perceberam que todos nós temos *memória*: “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembranças, reminiscência”, como também podemos ter *memórias*: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou estão fundamentados em sua vida particular”.

Com a definição trazida os alunos fizeram relações com os textos lidos, observando que todos eles são textos literários construídos a partir de lembranças, algo vivido no passado.

Oficina 03: **Primeiro encontro de gerações** (4h/a)

A partir das apreciações feitas, comentários, definições e descobertas, os alunos foram motivados a estabelecer um primeiro contato com as pessoas idosas da comunidade com as quais têm proximidade para realizar uma conversa informal. O foco dessa conversa era saber sobre um acontecimento marcante ocorrido na vida dessa pessoa e se possível estabelecer uma ligação entre o acontecido e o lugar onde vive.

Os alunos tiveram como foco para a conversa identificar algo que marcou a vida da pessoa idosa em nossa comunidade. Também procuraram fotos antigas de alguns lugares de nossa cidade, de alguns momentos vividos, objetos que foram úteis em tempos passados e já não são hoje.

Após o primeiro contato com a pessoa idosa cada aluno apresentou para a turma:

- ✓ Nome e idade da pessoa idosa;
- ✓ Fato lembrado;
- ✓ Temas mencionados;
- ✓ O que mais chamou a atenção.

Como resultado dessas conversas, tivemos conhecimento dos temas mais presentes nas recordações dos idosos de Riacho de Santana/RN. Na oportunidade, o contato com essas lembranças apresentadas pelos alunos, e o ponto de vista deles, nos fizeram perceber as emoções e o valor dado às histórias contadas pelos idosos e transmitidas sob o olhar do aluno, afinal quando contamos algo que ouvimos deixamos transparecer nosso ponto de vista, o que mais nos atraiu, ou achamos importante.

Nesse primeiro contato cada aluno individualmente ou em dupla escolheu um idoso com quem tem contato, a maioria escolheu o avô, avó, um vizinho ou uma vizinha acima de sessenta anos. Os alunos conversaram informalmente com os idosos escolhidos e conseguiram trazer para sala de aula muitas informações. Percebemos como os idosos se sentiram a vontade para conversar com os alunos, tendo em vista que contaram histórias particulares, de

alegrias, sofrimentos, os idosos transmitiram realmente confiança, também contaram histórias engraçadas, entre outras.

No momento do relato os alunos ficaram atentos para saber o que cada colega tinha para contar. Alguns trouxeram fotos de objetos antigos que não são mais usados na atualidade como: monóculos, cabaça, rádio, espingardas, entre outros objetos, quase todos relacionados com as histórias lembradas pelas pessoas idosas.

Oficina 04: **Conhecendo Memórias Literárias** (2h/a)

Neste momento os alunos estabeleceram contato com um texto definido como memórias literárias e observaram as características para assim saber definir o gênero em estudo.

- ✓ Apresentação do autor: Gabriel Garcia Márquez;
- ✓ Leitura de um fragmento do livro: Viver para contar;
- ✓ Rodada de opiniões e comentários: primeiro situar os alunos quanto ao texto de forma geral; segundo orientar a conversa a partir de comentários como – o que imaginaram enquanto ouviam o texto? Alguma parte chamou mais a atenção? Qual? Por quê? O que o autor conta nesses trechos: um fato vivido, uma situação, suas lembranças de um lugar, de uma pessoa?

Com os pontos abordados os alunos começaram a perceber características específicas do gênero memórias literárias. Perceberam como no texto lido o autor traz de forma particular as lembranças que tem da cidade onde cresceu. Comentaram como o autor faz comparações que certamente só ele consegue identificar de tal forma e como o texto é realmente literário e consegue mexer com a imaginação do leitor.

Neste momento chamamos a atenção dos alunos para observarem justamente como as memórias literárias são textos que tocam a emoção, despertam sentimentos e permitem o leitor sentir o que o autor quer realmente transmitir.

Oficina 05: **Primeira produção** (4h/a)

O primeiro texto foi orientado a ser escrito com base na primeira conversa que os alunos tiveram com pessoas idosas da comunidade, observaram fatos importantes acontecidos na vida dessas pessoas que foram por elas destacados.

Receberam orientações para se colocarem no lugar da pessoa com quem conversaram para escrever as memórias dela em primeira pessoa. Cada aluno pode imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu os episódios narrados, nas memórias literárias um pouco de imaginação pode ajudar a seduzir o leitor. Sugerimos que soltassem, portanto, a imaginação e os sentimentos.

Para concluir este momento da primeira produção os alunos socializaram os textos produzidos, isto nos permitiu observar a leitura dos alunos, a propriedade com que apresentaram os textos produzidos, a identificação com a história contada e a criatividade, além de colocá-los na situação de autor e apresentador de sua produção.

No momento em que cada aluno fez a leitura do texto produzido já foi possível identificar aqueles que conseguiram melhor aproximar a produção de uma memória literária. Tivemos textos que conseguiram transparecer sensibilidade e nos permitiu imaginar cada acontecimento, outros textos pareceram realmente trechos de uma entrevista, uma conversa. E assim, vimos a necessidade de esclarecer para os alunos a diferença que deve existir quando produzimos um texto a partir de uma entrevista.

Durante as leituras os alunos mostraram-se atentos, tentaram compreender as histórias, sorriram, conversaram sobre os assuntos presentes nos textos. Alguns tiveram vergonha de ler o que produziram, principalmente quando um menino teve que se colocar no seu texto como se fosse uma mulher, justamente por trazer na sua produção lembranças de uma mulher.

Oficina 06: **O que não pode faltar em uma memória literária?** (4h/a)

Neste momento o propósito foi apresentar para os alunos os aspectos essenciais em memórias literárias. Para isto trouxemos uma seleção de memórias literárias completas e trechos de algumas. Os alunos foram motivados a realizar as leituras em grupo para que pudessem fazer a identificação dos seguintes pontos:

- ✓ O foco narrativo presente em boa parte dos textos em estudo;
- ✓ Início, meio e fim;
- ✓ Tempo e espaço;
- ✓ Uso dos pronomes pessoais e possessivos;
- ✓ Descrição em textos de memórias literárias;
- ✓ O efeito provocado pela forma como o autor descreve fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto;
- ✓ Comparações entre o tempo antigo e o tempo atual;
- ✓ Verbos no passado.

Os textos selecionados foram: *O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé* (Kelli Carolina Bassani); *Transplante de menina* (Tatiana Belinky); *Memória de livros* (João Ubaldo Ribeiro); *Os automóveis invadem a cidade* (Zélia Gattai); *O lavador de pedra* (Manoel de Barros).

A turma foi organizada em grupos de três alunos para realizarem a leitura dos textos selecionados. Fizeram a leitura em grupo e em seguida iniciamos os comentários observando primeiramente a história em si, o que faz do texto memórias literárias, o que chamou atenção no texto. Em seguida direcionamos os comentários para cada ponto projetado para os alunos. A cada ponto apresentado observamos as colocações feitas a partir de trechos dos textos lidos, os certificamos da relação adequada e mostramos a partir de justificativas outros trechos que se encaixam de forma mais coerente em cada ponto estudado.

Boa parte dos alunos conseguiu fazer um estudo dos textos lidos, tiveram facilidade em identificar passagens com os pontos definidos, no entanto outros alunos tiveram dificuldades e não interagiram da forma esperada. De forma geral demonstraram gostar de ler textos narrativos, demonstraram envolvimento com as histórias contadas nos textos, tendo a curiosidade despertada.

Oficina 07: **Como trazer encanto para as memórias literárias** (3h/a)

Mais um momento de estudo em algumas das memórias literárias já lidas pelos alunos. Agora abordamos a presença de alguns recursos estilísticos. Como texto literário e de caráter um tanto sentimental por se tratar de recordações, momentos que não voltam mais, é

imprescindível a observação de algumas figuras de linguagem que permitirão a produção de um texto mais subjetivo, atrativo e singular.

Entre as figuras de linguagem destacamos:

- ✓ Metáfora;
- ✓ Comparação;
- ✓ Metonímia;
- ✓ Ironia;
- ✓ Hipérbole;
- ✓ Eufemismo.

Iniciamos apresentando exemplos de trechos com o uso dos recursos em estudo, qual a intenção deles, chegamos a sua denominação e definição. Comentamos quais deles são mais usados por nós no nosso cotidiano e passamos a identificá-los em algumas memórias literárias já lidas.

Com isto os alunos perceberam que esses recursos são usados de forma natural sem necessidade de fazer um uso forçado e que a presença deles só enriquece uma produção literária. Realizando este estudo nossos alunos puderam identificar nas memórias literárias a presença de muitas das figuras de linguagem apresentadas.

Comentamos quanto é comum encontrarmos esses recursos em textos, principalmente nos que são literários. E que eles enquanto produtores de textos podem também fazer uso de tais recursos. Os alunos acharam difícil, disseram que precisavam de muita criatividade para fazer uso de forma adequada.

Oficina 08: **Hora de organizar as entrevistas** (3h/a)

Mais uma vez nossos alunos foram atuar e buscar conhecimento fora da escola. Conhecimento que envolve cultura, identidade, experiências, emoções.

Com base na conversa informal que nossos alunos tiveram com algumas pessoas idosas do município foi possível identificar temas importantes para o povo de Riacho de Santana, com isto encaminhamos os grupos de alunos, agora com perguntas sobre assuntos

específicos, que pudessem despertar recordações diversas das pessoas idosas com relação as suas experiências particulares e principalmente relacionadas ao município Riacho de Santana.

Estas recordações tiveram o propósito de valorizar as experiências das pessoas idosas e de despertar o interesse, a sensibilidade, o laço que existe entre duas gerações que muitas vezes nos parecem distantes. No entanto, uma simples conversa pode mostrar outra realidade.

Temas sugeridos:

- ✓ Modo de viver do passado: jeito de namorar, frequentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais; modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais; participação na vida social.
- ✓ Transformações físicas da comunidade: aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, crescimento da cidade.
- ✓ Origem da comunidade: como a comunidade é nova há pessoas que têm lembranças de quando e como ela surgiu, de onde vieram os primeiros habitantes, como eram as primeiras moradias, escolas, hospitais.
- ✓ Trabalhos extintos na comunidade: cultivo do algodão, trabalho nos engenhos de cana de açúcar, trabalho na casa de farinha.
- ✓ Eventos marcantes: uma grande enchente, uma festa tradicional, uma grande seca.

Os alunos associaram os temas elencados com histórias que já ouviram, fizeram a seleção dos que acharam importantes e tinham curiosidade por mais detalhes. Cada grupo apresentou o que interessava conhecer de forma mais específica e com as orientações adequadas elaboraram as questões necessárias e que serviram de norte para as entrevistas. As perguntas foram semiestruturadas, de forma que permitiram o idoso recordar e viajar em suas lembranças para trazer as informações para os alunos.

A turma mostrou-se envolvida com a escolha dos temas, foi difícil porque a vontade era saber de tudo, todos os temas despertaram o interesse, especialmente os relacionados ao modo de viver do passado.

Decidimos que as entrevistas seriam gravadas, para melhor registrar as lembranças das pessoas idosas. Os alunos se organizaram em grupos de três, organizaram a entrevista,

escolheram a pessoa idosa que seria entrevistada por cada grupo e apresentaram para a turma o que cada grupo tinha mais interesse em saber.

Esclarecemos a necessidade de deixar o idoso ou a idosa falar espontaneamente de forma que as perguntas deveriam ser acrescentadas de acordo com o norte dado pela pessoa entrevistada, o (a) idosos (a) deveria se sentir a vontade para voltar ao passado de acordo com as orientações da própria memória.

Oficina 09: **Socializando as entrevistas** (5h/a)

Neste momento cada grupo apresentou a pessoa entrevistada, o vídeo com a entrevista e ao final da apresentação cada componente fez suas considerações dizendo por que a realização da entrevista foi importante. Ressaltamos que a qualidade das gravações foi comprometida devido os equipamentos inadequados. Algumas gravações não tiveram como ser apresentadas na hora por falha tecnológica.

Cada grupo destacou como foram bem recebidos pelas pessoas idosas, todas se mostraram disponíveis e a vontade para contribuir com os alunos. Nem todas as curiosidades foram saciadas, mas a maioria demonstrou satisfação em realizar os trabalhos. O momento de socialização tornou-se um pouco cansativo pelo fato de os alunos precisarem dispensar o máximo de atenção possível.

Visto que a maioria é muito inquieta algumas vezes ficaram dispersos, riam, comentavam sobre os idosos, os colegas, isto fez com que as últimas apresentações não despertassem a mesma atenção das primeiras. Tivemos um total de dez grupos, resultando, portanto, em um total de dez entrevistas. Observamos que alguns idosos se sentiram mais a vontade para conversar com os alunos e outros abordaram menos assuntos, menos informações.

Oficina 10: **A produção em cena** (2h/a)

Cada aluno foi orientado a produzir uma memória literária com base nas histórias contadas pelos mais velhos e com base nos estudos sobre memórias literárias.

Destacamos a necessidade dos alunos observarem as lembranças recordadas pelos idosos, selecionar qual o tema que desperta a vontade de escrever, de registrar em memórias literárias. E que fossem capazes de transparecer o envolvimento com a história, por parte de quem contou e por parte de quem registra.

Foi revisto neste momento alguns pontos necessários para a produção textual como:

- ✓ O cuidado com a linguagem escrita;
- ✓ Evitar marcas da oralidade;
- ✓ Uso adequado dos tempos verbais e pronomes;
- ✓ Recursos estilísticos;
- ✓ Marcas linguísticas que indicam tempo.

Os alunos puderam neste momento tirar as dúvidas, fazer perguntas sobre a melhor forma de registrar as informações adquiridas a partir das entrevistas. Alguns mostraram-se mais motivados que outros, mas todos cumpriram com a tarefa. O momento foi bastante oportuno para que os alunos pudessem fazer perguntas sobre algumas informações que ainda não estavam claras o bastante para eles.

Oficina 11: Apreciação, hora de socializar (2h/a)

Cada aluno apresentou o seu texto produzido para toda a turma. Foi momento de conhecer a forma como cada um se expressa, organiza suas ideias e consegue nos encantar com as histórias contadas pelas pessoas idosas.

Percebemos um bom envolvimento por parte da maioria da turma, mas sempre com três ou quatro alunos que não se envolvem por completo com as tarefas sugeridas, trazendo conversas desnecessárias ou procurando motivos para se ausentarem da aula.

De forma geral os alunos puderam apreciar a produção do colega e perceber a originalidade de cada autor, a marca própria de cada aluno ao escrever, mesmo com histórias de um mesmo entrevistado. Parte dos alunos tentou trazer para seus textos as orientações transmitidas no decorrer das oficinas anteriores, mas nem todos conseguiram, disseram que é muito difícil trazer o encantamento e a emoção para os textos.

Oficina 12: **Reescrever para aperfeiçoar** (4h/a)

Selecionamos partes de alguns textos para serem expostas para a turma para ouvirmos a opinião de cada um na tentativa de melhorar a produção. O nome do autor sempre preservado, e as opiniões foram ouvidas, discutidas e organizadas nos textos.

Cada aluno também teve um momento individual para tirar dúvidas com o professor, na tentativa de melhorar o texto.

Estas orientações foram muito importantes. Primeiro porque os próprios alunos perceberam que os textos ainda não se tratavam exatamente de memórias literárias e segundo porque é importante compreender que não é a partir de uma única versão de um texto que ele fica pronto.

Os alunos acharam o momento cansativo, nem tanto motivador, mas perceberam a necessidade de realizá-lo, tendo em vista que o produto final do nosso trabalho em sala de aula foi uma coletânea com as memórias produzidas.

Oficina 13: **Mãos na massa, coletânea a vista** (4h/a)

É o momento de organizar os textos, digitar, montar a coletânea.

Percebemos aqui que o momento de reescrita ainda não havia acabado. Para produzir a coletânea de memórias literárias foi preciso rever todos os textos. Visto que os alunos se organizaram em grupos de três para entrevistar os idosos e os assuntos que despertaram o interesse deles eram quase os mesmos. Concluímos que os textos estavam muito repetitivos para compor a coletânea. Sendo assim, revisamos todos os textos, tentamos deixar cada um falando sobre um assunto específico.

Esta estratégia usada reduziu consideravelmente o número de textos que tínhamos, mas acreditamos que foi mais importante juntar as informações por assuntos abordados para compor um texto do que ter três ou quatro falando sobre os mesmos assuntos.

Com esta organização passamos a ter um total de 15 textos, cada um sobre um tema específico. Para esta conquista percebemos um maior empenho dos alunos, atentos a não usarem ideias repetidas e conscientes da necessidade de melhorar os escritos. Nesta última reescrita, trabalhamos com uma espécie de quebra-cabeça. Os textos que narravam sobre os

mesmos assuntos foram organizados em um único texto, desta forma não temos para cada produção um único autor porque todos os alunos contribuíram em todos os textos.

Continuamos percebendo a dificuldade de fazer uso dos recursos estilísticos, mas optamos por manter a originalidade e o que surge naturalmente a forçar um uso de algum recurso que retire a própria expressividade dos autores. Os 15 textos são, portanto, de autoria da turma, visto que cada produção envolveu a participação de todos os alunos.

Para a produção da coletânea contamos também com a produção de desenhos, a turma teve a ideia e um aluno com habilidade para desenhar se dispôs a fazer o desenho da capa da coletânea. Para quase todos os textos também conseguimos fotografias relacionadas, sendo assim a coletânea é composta de textos e fotografias do município.

Oficina 14: Coletânea, o resultado do encontro entre gerações santanenses

Neste momento os idosos juntamente aos alunos foram convidados para apreciarem o resultado de nosso trabalho. A coletânea, intitulada de Memórias Santanenses, é o registro final de nossa prática a partir da intervenção em sala de aula.

Os idosos e os alunos puderam conhecer a coletânea, ter em mãos a parte concreta de um trabalho coletivo e que resgata algumas histórias vividas pelo povo de Riacho de Santana. O momento foi bastante gratificante, foi um retorno, os colaboradores puderam conhecer parte do fruto de suas contribuições e sentiram-se bastante satisfeitos.

A satisfação foi tripla, na verdade, por parte dos alunos, dos idosos e por parte da professora que sentiu-se realizada com todo o trabalho que lhe foi permitido cumprir nas aulas de Língua Portuguesa. O encontro das gerações foi emocionante, os idosos puderam compreender melhor o papel que desempenharam quando foram entrevistados pelos alunos, sentiram-se realmente orgulhosos. Os alunos expressavam satisfação, alegria pelo trabalho realizado e sabemos que para o próprio município as tarefas realizadas e o momento vivido são de grande relevância.

Percebemos ao final das aulas aqui apresentadas que nossos alunos realizaram atividades que serão úteis para a vida escolar e para a vida social. Foram momentos que ficarão registrados na memória de cada um e os ensinamentos adquiridos serão refletidos na forma de pensar, no comportamento e na formação individual de cada aluno. Confirmamos a

importância de um ensino que busca parcerias, vai além das salas de aula e que se faz presente na vida dos educandos.

Desta forma, realizamos um trabalho com as memórias literárias com espaço para que seja reconhecida a função social desenvolvida por este gênero textual, bem como a realização de práticas de leitura e produção textual com propósitos definidos e que resultarão na formação de alunos leitores, produtores de textos e conhecedores de histórias que fazem parte da origem de cada um.

Com certeza, práticas que ficarão nas lembranças dos alunos, dos idosos e aproximaram, mesmo que por alguns instantes, ou por mais tempo, gerações que têm muito a transmitir uma para outra.

A intervenção em sala de aula teve início em julho de 2016, em uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental. A proposta não foi concluída no mesmo ano, tendo em vista que o tempo não foi suficiente para a realização de todo o processo a que nos propomos, uma culminância, que atenderia ao propósito de produzir e lançar na escola uma coletânea com as memórias literárias produzidas. Decidimos dar uma pausa durante as férias escolares e continuar no ano 2017, visto que enquanto professora continuaria lecionando língua portuguesa na mesma turma que já seria o nono ano do Ensino Fundamental.

Esta pausa foi maior do que imaginávamos, pois foi preciso retomar de forma contextualizada, buscando o envolvimento dos alunos novamente com as atividades sobre memórias literárias, precisamos retomar as entrevistas, reescrever os textos e tudo intercalando com as outras propostas que precisávamos realizar no decorrer do ano letivo.

Mesmo diante das dificuldades e limitações nos dedicamos aos nossos objetivos, conseguimos a interação da turma novamente com nosso trabalho, produzimos a coletânea, Memórias Santanenses como planejado e aguardamos mais um tempo para o lançamento, pois desta vez era preciso recurso financeiro para que tudo ocorresse de maneira organizada e agradável para todos.

O lançamento foi realizado em dezembro de 2017, na Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes com a participação da turma, os idosos entrevistados, alguns colaboradores e representantes da escola.

Para conseguirmos material suficiente para a produção da coletânea realizamos entrevistas com pessoas idosas de Riacho de Santana. Formalmente foram entrevistados dez idosos, sendo cinco homens e cinco mulheres. Entre os idosos entrevistados temos seis que moram na cidade e quatro que moram em sítios do município. A idade deles varia entre sessenta e dois e noventa anos. Informalmente conversamos com mais três idosos moradores da cidade e que apresentaram lembranças muito importantes para nosso trabalho. As lembranças de todos eles foram significativas para as produções dos alunos e realização da nossa pesquisa.

3.6 PROPOSTA DE ANÁLISE

Todos os alunos do oitavo ano participaram do processo proporcionado pela sequência didática, conheceram o gênero memórias literárias, realizaram estudos sobre o gênero em questão, fizeram as entrevistas com pessoas idosas da comunidade e produziram memórias literárias. Sendo assim, tivemos um total de 33 textos. Diante da última reescrita para a produção da coletânea, com a intenção de evitar repetição dos assuntos abordados e para promover mais qualidade aos textos produzimos a coletânea com 15 de memórias literárias.

Considerando um grande número de textos para serem analisados, tendo em vista o tempo disponível, nos propomos a fazer uma seleção desses textos levando em consideração aspectos como os temas abordados na tentativa de diversificarmos o máximo possível, para priorizarmos a qualidade de nossas análises e não tornarmos o capítulo para tal propósito um tanto cansativo. A partir dos critérios de seleção dos textos nos propomos a analisar um total de oito memórias literárias.

Com os textos selecionados analisamos os processos argumentativos que são as teses, lugares da argumentação e hierarquia de valores. Esses processos nos fazem perceber o envolvimento dos alunos com as histórias que lhes foram transmitidas, que valores eles foram capazes de receberem e de construir. Ainda confirmamos a presença da argumentação em textos narrativos voltados para o campo da literatura. Mais que isso, percebemos a importância da argumentação na construção desses textos, visto que os processos argumentativos foram usados de maneira não intencional por parte dos alunos/oradores.

4 ANÁLISE DE ASPECTOS DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM MEMÓRIAS LITERÁRIAS SOBRE RIACHO DE SANTANA

Por trás das vozes que falamos e ouvimos, existe um mundo de cenários, de figuras, de intenções, de valores, de histórias. De agora, de ontem; do mais próximo ao mais remoto.

(Antunes, 2007)

Este é o momento que nos detemos a analisar os textos produzidos pelos alunos do oitavo ano da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes – Ensino Fundamental e Médio, Riacho de Santana/RN, turma que aplicamos a sequência didática ao trabalharmos as memórias literárias. Em atendimento aos objetivos traçados, propomo-nos a analisar oito textos, pouco mais da metade dos textos que compõem o *corpus*. A escolha foi feita a partir dos assuntos abordados, procurando analisar os mais diversificados possíveis para podermos observar o olhar do aluno/orador diante de cada temática ao fazer uso dos processos argumentativos. A escolha por analisar parte do *corpus* também considera a tentativa de não tornar o capítulo de análise cansativo para os leitores.

As análises se ancoram, teoricamente, nos estudo da Nova Retórica, por isso buscamos a presença da argumentação em textos escritos. Mais especificamente identificamos nos textos em questão processos argumentativos, buscamos exatamente as teses, a hierarquia de valores e os lugares da argumentação. As memórias literárias que aqui trazemos são textos literários que os alunos do oitavo ano produziram com base em entrevistas realizadas com pessoas idosas de Riacho de Santana/RN, para conhecer um pouco mais sobre o passado, para ter mais contato com as pessoas idosas e tentarem se identificar com as memórias, com as raízes que constituem as histórias de seu povo, de sua comunidade.

Durante o processo de reescrita dos textos, percebemos a dificuldade em produzir memórias literárias que trouxessem todas as características trabalhadas. No entanto, sempre identificamos parte delas. No momento de produção da coletânea observamos que os textos repetiam os temas abordados, as lembranças narradas, e que isto não seria interessante para a

coletânea, pois apresentaria muitas repetições, o que poderia implicar na qualidade e não seria tão atrativo para os leitores.

Diante destas observações partimos para uma reescrita coletiva dos textos. Selecionamos os temas abordados, identificamos os textos que tratavam do mesmo assunto, mesmo que com palavras diferentes e começamos a juntar as ideias e as lembranças de um mesmo assunto em um único texto, evitando repetição de ideias.

Com este processo deixamos de ter textos escritos individualmente por cada aluno e passamos a tê-los escritos de forma coletiva pela turma. Desta forma, as memórias literárias que conseguimos organizar são produções da turma, não haverá uma identificação exata que determine qual o produtor de determinado texto, mas produções que representam a turma. Por isso, em nossas análises organizamos a identificação dos textos a partir dos números e dos títulos e não a partir dos autores.

Para realizarmos as análises organizamos subcapítulos do capítulo quatro que indicam os processos a serem identificados em cada texto, entre eles destacamos: as teses, hierarquia de valores e lugares da argumentação. Produzimos quadros apresentam os processos presentes nos textos e na sequência para uma melhor compreensão indicamos os excertos que apresentam os processos argumentativos. Fazemos observações sobre as identidades possivelmente construídas a partir das ideias transmitidas nas produções do aluno/orador, observamos ainda a importância destes processos para a produção das memórias literárias. Os textos analisados estão na íntegra nos anexos da dissertação.

4.1 AS TESES

Como apresentamos no capítulo dois, as teses representam a ideia central de um discurso, é o que o orador quer realmente defender. Está ligada direta ou indiretamente ao contexto social, aos valores, ao que pensa e pretende ser apresentado pelo orador como verdade para seu auditório.

O quadro seguinte apresenta os textos identificados por números, o título de cada texto e a tese.

Nº e Título dos textos	Teses
01 Um pouco do começo	Os moradores de Riacho de Santana sempre foram fortes na fé. Realizavam os ritos religiosos mesmo sem ter uma capela.
02 O fim de uma fonte de renda	Antigamente era bem mais difícil sustentar uma família, visto que a principal fonte de renda vinha da agricultura.
03 Antigos tempos de escola	Os estudos eram muito valorizados antigamente, principalmente tendo em vista as muitas dificuldades que os estudantes precisavam enfrentar.
04 Tempo rígido	Antigamente os pais tinham mais autoridade com seus filhos e a rigidez contribuía para que estes fossem obedientes.
05 Recordações eternas	Os momentos vividos antigamente são tão importantes que trazê-los ao presente através das lembranças aperta o peito.
06 Saudosa infância	Os momentos mais felizes que são recordados foram vividos em Riacho de Santana durante a infância.
07 Tradições extintas	As mudanças que acompanham o município deixam saudade porque nem todas são favoráveis ao lugar e seus moradores.
08 Luta diária	O passar do tempo permitiu que as tarefas domésticas realizadas nos dias de hoje não sejam tão exaustivas e difíceis de serem cumpridas com eram antigamente.

Quadro 01: número dos textos, título e as teses identificadas.

Os títulos apresentados nos permite ter uma ideia geral sobre os temas tratados em cada texto. Esclarecemos que os temas abordados nos textos em análise são: a religiosidade, agricultura, estudos, educação, saudade, infância, trabalhos e afazeres domésticos. Todos os temas estão voltados para o passado, visto que este é um aspecto importante das memórias literárias.

As teses defendidas estão relacionadas aos títulos e temas dos textos, foram em sua maioria identificadas logo no começo de cada texto e apresentam de forma bem clara a ideia defendida com relação ao assunto tratado. O texto 01 defende a existência da fé presente na maioria dos santanenses. Esta fé está ligada à religião, de modo específico à religião católica, pois apresenta a realização das missas, a construção da igreja, a escolha do padroeiro São João Batista, as festas religiosas e outros eventos que passaram a ser realizados a partir e em prol da capela de São João Batista.

Excerto 01:

Desde os primeiros moradores a fé já era bastante presente na maioria dos santanenses, e muitos já eram devotos de algum santo. As primeiras celebrações foram realizadas na década de 30, nas casas de moradores [...]

Texto 01: Um pouco do começo

Todas as ações realizadas pelo povo santanense e apresentadas no texto são colocadas para confirmar a tese de que a fé existente nas pessoas foi essencial para a construção da capela, escolha do padroeiro, realização da festa religiosa. E isto faz referência ao começo de tudo, quando Riacho de Santana era apenas um povoado.

O texto 02 tem como tese a ideia de que o sustento de uma família sempre foi um desafio e que no passado as dificuldades eram maiores.

Excerto 02:

O sustento de uma família sempre foi um grande desafio, em tempo algum conseguimos as coisas com facilidade ou de forma que não exija dedicação, mas antigamente as coisas eram mais difíceis.

Texto 02: O fim de uma fonte de renda

A concepção de as dificuldades serem maiores está ligada à agricultura e ao fato de as plantações de algodão que representavam uma fonte de renda segura para muitas famílias santanenses ter se extinguido devido a uma praga instalada nas plantações. Com o surgimento da praga as famílias perderam uma fonte de renda. As dificuldades também estão relacionadas ao fato de os recursos serem, na época, sempre resultados da agricultura e a região de vez em quando sofrer com os estragos trazidos pelas secas.

No texto 03 está presente a tese de que os estudos sempre foram valorizados em qualquer época, representava a oportunidade de adquirir cada vez mais conhecimentos.

Excerto 03:

Os estudos sempre foram valorizados em qualquer época por nós vivenciada, antigamente não era diferente, pois oportunizava aprendizagem de coisas novas.

Texto 03: Antigos tempos de escola

Para sustentar a tese de como os estudos eram valorizados antigamente vamos encontrar a apresentação das dificuldades enfrentadas pelas pessoas que desejavam estudar e como o desejo e a importância dada a aprendizagem tinham que ser muito maiores que as dificuldades, caso contrário não prosseguiriam e não alcançavam a tão sonhada aprendizagem.

A tese de que houve um tempo em que as famílias educavam seus filhos com mais rigidez foi identificada no texto 04, este indica a maneira como as pessoas eram educadas antigamente.

Excerto 04:

Houve um tempo em que as famílias educavam seus filhos com mais rigidez.

Texto 04: Tempo rígido

Segundo as lembranças apresentadas a obediência era algo essencial para que os filhos junto aos pais representassem uma família com costumes próprios da época, para isto, os desejos e caprichos dos filhos não eram vistos em primeiro plano. O natural era que os filhos obedecessem aos pais e ao sinal de qualquer falta de respeito estavam sujeitos a sofrerem as consequências. A rigidez de antigamente não se encontra mais tão presentes nos dias atuais.

No texto de número 05 a tese defende que a lembrança de momentos vividos antigamente reflete em forte aperto no coração.

Excerto 05:



A tese é confirmada no decorrer do texto ao serem apresentadas as lembranças e como estas representam a saudade de momentos valorosos vividos antigamente e que não há possibilidade alguma de serem revividos. O fato destes momentos terem ficado no passado repercute no aperto no peito, é difícil saber que aqueles momentos agradáveis não voltam, portanto são as lembranças que trazem um misto de alegria e tristeza. Alegria por terem tido a oportunidade de vivê-los e tristeza por não retornarem, permanecendo nas lembranças.

O texto de número 06 apresenta a tese de que os momentos vividos na infância foram os momentos mais encantadores de sua história em Riacho de Santana.

Excerto 06:



As memórias despertadas trazem lembranças de uma infância sadia, sem maldade, simples, em que o contato com a natureza era constante e que o belo estava nas coisas simples. A forma como as coisas eram vistas e os momentos vividos, eram próprios da infância, todo o encanto que foi permitido sentir na época foi uma dádiva da fase vivida.

A tese defendida no texto de número 07 indica que as mudanças de algumas tradições que acompanharam o desenvolvimento do município de Riacho de Santana são muitas e o resultado é a saudade.

Excerto 07:

As mudanças que acompanham algumas tradições do nosso município, Riacho de Santana, já são muitas e muitas são as saudades que surgem a partir dessas mudanças.

Texto 07: Tradições extintas

Para dá sustentação à tese, o texto apresenta algumas das mudanças e estas fortalecem a presença da saudade. As mudanças estão relacionadas a algumas práticas, algumas profissões realizadas nas casas de engenho, casa de farinha, a profissão de alfaiate que eram realizadas antigamente no dia a dia da comunidade e hoje não são mais. A ausência destes trabalhos deixa saudade e recordações, como também representa uma regressão.

No texto 08 encontramos a tese de que as dificuldades vividas para realizar a luta diária antigamente eram maiores do que hoje em dia.

Excerto 08:

Quando recordo as dificuldades vividas em meus tempos de mocidade vejo como a luta diária hoje em dia é mais fácil de ser realizada.

Texto 08: Luta diária

Para a confirmação desta tese são enumeradas algumas tarefas e o esforço físico necessário para realizá-las, bem como o tempo para que fossem cumpridas no decorrer de um dia. Ao longo do texto são feitas comparações com os dias atuais. A ausência de muitos dos aparelhos tecnológicos que ajudam na realização de algumas tarefas domésticas hoje em dia, tornava os mesmos trabalhos antigamente mais pesados, exigiam um esforço físico maior, precisava-se de mais tempo e disposição para que tudo fosse cumprido.

As teses identificadas nos permitem perceber como o passado é valorizado, como o passado trouxe experiências e momentos agradáveis e como está enraizado e visto como algo bom, algo que merece ser recordado. As teses apontam para lembranças que trazem saudades e nos permite perceber os valores de uma época que se faz presente através das recordações.

As identidades das pessoas mais velhas dão pistas ou são construídas também nas teses defendidas e ao serem contadas nos textos pelos alunos/oradores influenciam a construção de identidade destes sujeitos, pois passaram a conhecer de forma positiva valores que ainda não estão definidos para sua geração. São exemplos de memórias que valorizam o que foi vivido, confirma que não se esquece o que foi aprendido, o que marcou aquele tempo não se desfaz tão facilmente como hoje em dia, mas permanece guardado em um lugar especial, nas lembranças, na memória de um povo.

4.2 HIERARQUIA DE VALORES

Reconhecemos que todo auditório tem seus valores, que estes podem ser classificados em concretos e abstratos e que é de suma importância o orador conhecer os valores de seu auditório. No entanto, mais importante, é conhecer a hierarquia de valores apresentada pelo auditório, pois é a hierarquia que determina o que é mais significativo, o que vem em primeiro plano e para o orador é imprescindível ter este conhecimento. É através da hierarquia de valores que os argumentos são construídos.

Identificamos através de nossas interpretações os valores apresentados nos textos e organizamos definindo a hierarquia. Os textos em análise defendem teses e para defender estas teses são apresentados os valores relacionados a cada ideia defendida fortalecendo a relação com os temas abordados.

Para a análise da hierarquia de valores apresentamos a seguir um quadro contendo o número, o título de cada texto e a hierarquia de valores. Em seguida para uma melhor compreensão apresentamos excertos dos textos para confirmarmos a identificação realizada a partir de nossa interpretação.

Nº e Título dos Textos	Hierarquia de Valores
01 Um pouco do começo	1º: Fé; 2º: Religião; 3º: União.
02 O fim de uma fonte de renda	1º: Família; 2º: Trabalho; 3º: Responsabilidade; 4º: Resistência.
03 Antigos tempos de escola	1º: Conhecimento; 2º: Escola; 3º: Força de vontade; 4º: Responsabilidade; 5º: Obediência; 6º: Pais; 7º: Professora.

04 Tempo rígido	1º: Família; 2º: Educação; 3º: Pais; 4º: Respeito; 5º: Obediência; 6º: Ordem.
05 Recordações eternas	1º: Rigidez; 2º: Obrigações; 3º: Responsabilidade; 4º: Conhecimento; 5º: Mulher; 6º: Diversão.
06 Saudosa infância	1º: Simplicidade; 2º: Liberdade; 3º: Condições financeiras; 4º: Atividade; 5º: Imaginação; 6º: Diversão.
07 Tradições extintas	1º: Mudanças; 2º: Trabalho; 3º: Emoção; 4º: Saudades.
08 Luta diária	1º: Dificuldades; 2º: Trabalho; 3º: Mulher; 4º: Tempo.

Quadro 02: número dos textos, título e hierarquia de valores identificada.

Diante das informações contidas no quadro observamos que os valores mais usados nos textos em análise são os valores abstratos. Há em menor quantidade a presença dos valores concretos, isto não torna um valor mais importante que outro, mas reforça a ligação que existe entre o abstrato e o concreto para que as ideias sejam esclarecidas e as teses sejam convincentes para o auditório.

Entre os valores abstratos destacamos o uso mais recorrente dos seguintes: família, trabalho, obediência, respeito, ordem, saudade. Entre os valores concretos identificamos: os pais, as mulheres, professora. Estes trazem uma grande evidência da relação existente entre valores abstratos e valores concretos, visto que as referências feitas às pessoas (valores concretos) desencadeia o uso de algum valor abstrato nos textos em análise.

Para esclarecer a interpretação e exemplificar como identificamos a hierarquia de valores nos textos trazemos excertos com a presença dos valores. Cada texto está identificado por meio de número, seguindo a mesma ordem que indicamos no quadro 02.

O texto 01 conta um pouco sobre como tudo teve início para a formação do município de Riacho de Santana/RN. Para isto, destaca a fé como ponto importante, pois a partir da fé foram desenvolvidas no município práticas religiosas para que assim a capela de São João Batista fosse construída e a vila Riacho de Santana depois de algum tempo passasse a ser cidade.

Excerto 09:

[...] As primeiras celebrações foram realizadas na década de 30 nas casas de moradores [...] A minha avó mãe xandina, fez a doação do terreno. Para construir a igreja ela doou quatro tarefas de terra [...] Naquela época para construir a igreja faziam milhares de homens que doavam sua mão de obra e com o trabalho da comunidade nossa igreja foi construída. [...] Quando era o período da festa de nosso padroeiro fazíamos as barracinhas de folha de coqueiro, e vendíamos bolo, café, tapioca, aluá [...] Havia grandes leilões, eram inúmeras as doações de milho, feijão, arroz, as pessoas doavam sacas, até alqueires de legumes, eram tempos de fartura. As festas de padroeiro tinham como centro os momentos religiosos, as celebrações das novenas e das missas, eram dias de muita devoção e fé. [...] as fogueiras também eram usadas pelas famílias para tomar alguém por padrinho ou madrinha, eram os chamados padrinhos de fogueira.

Texto 01: Um pouco do começo

A fé se destaca no texto 01 pelo fato de já começar mostrando que as celebrações eram realizadas nas casas das pessoas. Mesmo não havendo um ponto específico para a celebração das missas, a religiosidade não deixava de ser praticada e foi para firmar a fé que uma moradora do lugar fez a doação de um terreno para a construção da igreja. O valor abstrato fé fazia com que ações relacionadas à religião fossem praticadas.

Também a fé unia as pessoas da comunidade para que juntas trabalhassem em prol da construção da capela. O valor abstrato união, motivado pela fé, fez com que os homens da comunidade construíssem a igreja doando mão de obra, estes realizavam o trabalho de pedreiros e serventes sem recompensa financeira. No período da festa do padroeiro as pessoas também se uniam e organizavam barracas para vender comidas típicas e o dinheiro era para a construção da capela.

A fé e a religião também se destacam quando são apresentados os momentos religiosos como o centro da festa do padroeiro, isto significa que o momento era voltado para a festa religiosa. É possível confirmarmos ainda a presença dos valores já citados (fé e religião) quando o texto aborda o costume das famílias tomarem para os filhos os chamados padrinhos de fogueira. Era preciso acreditar para que pudesse existir consideração entre os padrinhos e afilhados de fogueira.

Os valores apresentados pelos alunos/oradores no texto 01 são valores de uma época que já não prevalecem tanto hoje, inclusive em comunidades do interior como Riacho de Santana/RN e o fato dos alunos/oradores terem a oportunidade de produzirem textos que trazem esses valores reflete no conhecimento adquirido e na construção de identidade. É possível para os alunos pensarem em algumas práticas que realizam e na importância de valores já não tão vivos no cotidiano de cada um, mas que podem ser vistos como algo relevante para suas vidas.

O texto 02 narra sobre os desafios vividos para conseguir sustentar dignamente uma família e argumenta esclarecendo que antigamente os desafios eram maiores. Traz como exemplo das dificuldades o fato de uma prática de trabalho ter se tornado extinta devido a existência de uma “praga”. A profissão mais comum para quem morava no interior era a agricultura, viveu-se uma época em que o cultivo do algodão era uma fonte de renda garantida, mas por motivos advindos da própria natureza tornou-se extinta e dificultou para algumas famílias o próprio sustento.

Excerto 10:

[...] Lembro-me que naquele tempo precisávamos trabalhar na agricultura para sobreviver, independente da nossa idade, de sermos homem ou mulher, éramos todos responsáveis pelo sustento da família. Um dos trabalhos da época era o cultivo do algodão, bastante cansativo, mas que trazia um retorno financeiro. Era com o dinheiro da venda do algodão que comprávamos o que necessitávamos e podíamos ter até algumas regalias. O processo para o cultivo do algodão era demorado [...] muitas vezes quando eu precisava do dinheiro antes que o algodão espalhasse as lãs pelo chão para serem apanhadas, eu vendia na folha, ou seja, vendia o algodão antes que nascesse e recebia o dinheiro [...] Esta praga trouxe para nossa região o fim de um trabalho, de uma fonte de renda com a qual sustentávamos dignamente nossas famílias. Tudo ficou mais difícil, mas somos um povo forte, bravo e conseguimos manter nossas vidas, atender nossas necessidades, mesmo sem a plantação de algodão.

Texto 02: O fim de uma fonte de renda

O primeiro valor a ser destacado no texto 02 é a família, esta traz para os chefes o desafio de sustentá-la com dignidade e em tempos difíceis. Para prover o sustento os chefes

de família estão à frente, mas naquela época recordada no texto o trabalho era um compromisso para todos que tinham responsabilidade. Não dependia da idade nem do gênero.

Observamos assim como o valor família apresentado em primeiro plano move outros dois valores muito importantes, o trabalho e a responsabilidade. Era natural que os membros de cada família aprendessem desde cedo que precisavam assumir compromissos. O trabalho referido no texto é o cultivo do algodão, recordado porque gerava uma significativa fonte de renda para as famílias que tinham o sustento vindo da agricultura, mas que há muito tempo tornou-se extinto devido uma praga que contaminou as plantações de algodão. Nos dias de hoje quem ainda consegue manter alguma pequena plantação relata que não há mais valorização, e, portanto, não compensa.

O momento após a extinção exigiu que as famílias se adaptassem com a falta de renda gerada pelo cultivo e venda do algodão, foi um período difícil, sofrido, mas que revelou outro valor que foi a resistência, também para não permitir dificuldades maiores no convívio familiar.

Sendo assim, os alunos/oradores conseguiram, no texto produzido, demonstrar valores que precisam ser importantes também nos dias de hoje. São valores abstratos que revelam compromisso e vontade de lutar por uma vida digna. Ressaltamos que só através do reconhecimento de tais valores foi possível que os alunos/oradores deixassem transparecer na produção este aprendizado.

Ao interpretarmos o texto 03 identificamos valores como: conhecimento, escola, força de vontade, responsabilidade, obediência, pais e professora. Entre estes encontramos valores abstratos e dois valores concretos representados na pessoa dos pais e da professora. A defesa da tese de que os estudos sempre foram valorizados mobiliza o conhecimento e no decorrer do texto percebemos as dificuldades enfrentadas para adquirir conhecimento antigamente.

Excerto 11:

[...] As pessoas que tinham acesso à escola eram privilegiadas e procuravam sempre aproveitar cada conhecimento adquirido na esperança de melhorar sua vida futuramente. Estudar era algo que exigia muito de nós, visto que eram muitas as dificuldades. As escolas ficavam longe, eram poucas, não tínhamos transportes, conduzíamos o material em um saco plástico e precisávamos ter zelo pelo mesmo por não termos tantas condições para comprar um novo. Outra dificuldade que enfrentávamos era o fato de precisar trabalhar. Mesmo sendo crianças tínhamos responsabilidades com o sustento de nossa família, pois as tarefas domésticas e o trabalho na agricultura exigiam de todos nós. [...] O aluno que não cumprisse corretamente as tarefas ou que desobedecesse a professora era castigado com a palmatória. Era importante concluirmos a quarta série dominando as quatro operações e sabendo ler e escrever corretamente. [...] quem sabia das quatro operações e sabia ler e escrever eram pessoas bem vistas na sociedade.

Texto 03: Antigos tempos de escola

Identificamos o conhecimento como o valor abstrato que está no topo da hierarquia e a partir dele outros valores como força de vontade, responsabilidade e obediência são mobilizados.

Era para adquirir conhecimento que as pessoas estudavam, mesmo diante das dificuldades elencadas, como a distância, ter que conciliar ainda criança trabalho e estudo, falta de transporte, muitas vezes não tinham nem o apoio dos pais para estudarem porque alguns não reconheciam o valor ou porque o filho faria falta na realização de algumas tarefas em casa ou na agricultura.

Os valores concretos, representados na pessoa dos pais e da professora, estão relacionados à obediência e à responsabilidade, valores abstratos. Os pais ensinavam que era preciso cumprir algumas tarefas para ajudar nos afazeres de casa e a professora com uma prática rígida impunha uma aprendizagem obrigatória, pois quem não cumprisse com os deveres corretamente era castigado com a palmatória.

Tudo resultava na satisfação de adquirir conhecimento, e para uma época em que a maioria das pessoas só estudava até a quarta série, era essencial saber as quatro operações e saber ler e escrever corretamente, o conhecimento era baseado nestas três práticas de

aprendizagem muito valorizadas na época, a ponto de as pessoas com a aquisição destes saberes serem bem vistas.

Os alunos/oradores conseguiram no texto 03 intitulado de Antigos tempos de escolar, reconhecer valores muito importantes, não só para o passado, mas que precisam nos dias de hoje também serem reconhecidos. A geração atual que vivencia tais valores pode trilhar caminhos mais promissores no campo escolar e profissional.

Ao buscarmos no texto 04 os valores usados pelos alunos/oradores observamos como foram eficientes ao fazerem uma narração, bem como a descrição de momentos que demonstram como se dava a educação nas famílias antigamente e o processo ensino/aprendizagem nas escolas.

Excerto 12:

[...] Aprendi, diante da educação que tive, que o respeito aos mais velhos era algo essencial, principalmente aos nossos pais e avós. Foi ensinada desde pequena que os mais velhos deveriam ser tratados por senhor e senhora e que uma ordem do pai ou da mãe deveria ser sempre obedecida. [...] Deveríamos ser obedientes em tudo como, por exemplo, não interferir na conversa dos adultos, não passar entre as pessoas adultas enquanto conversavam, não podíamos alterar o tom de voz, deixar de cumprir algum mandado de nossos pais. A ordem era tanta que ao menor sinal já sabíamos como deveríamos nos comportar, para isso bastava um olhar diferenciado, um simples olhar de nossos pais já nos informava se estavam satisfeitos conosco ou não. [...] O chefe de família deveria ser completamente respeitado, eles tinham os lugares reservados à mesa, bem como em qualquer lugar da casa.

Texto 04: Tempo rígido

Identificamos no texto 04 o uso de valores concretos e valores abstratos. Apresenta-se no decorrer do texto como as famílias educavam os filhos antigamente e para fazer esta demonstração recorreu-se aos valores abstratos trazendo a família no topo da hierarquia e a educação logo em seguida, visto que a educação está posta como uma responsabilidade da família e ligada ao respeito e obediência imposta pelo valor concreto representado na pessoa dos pais, que também está ligado ao valor ordem, que neste caso representa uma relação entre algo determinado e cumprido.

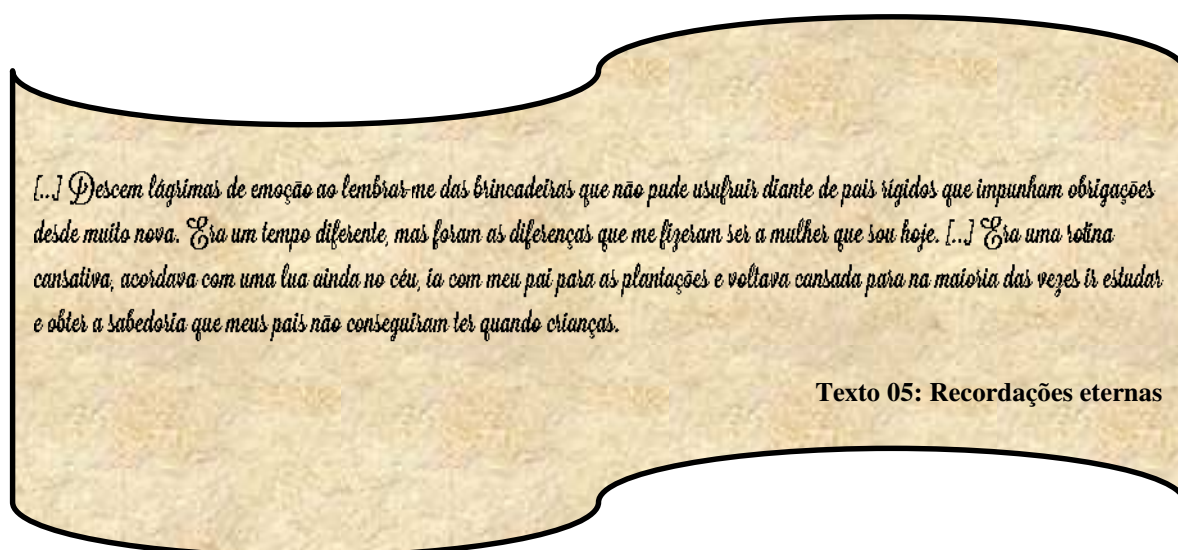
É possível perceber através do excerto 4 como a família, quando não conseguia pelo menos tentava educar os filhos dentro de valores que deixavam evidentes as permissões e proibições. Havia regras a serem seguidas, e boa parte dos filhos reconheciam que precisavam ser obedientes ao que os pais determinavam. O valor concreto, representado através da pessoa dos pais despertavam nos filhos os valores abstratos obediência e respeito, bases da educação antigamente.

Com estas observações os alunos/oradores apresentam um conhecimento que reflete a relação pais e filhos com pontos distintos da que muitos filhos vivem hoje. Na maioria das vezes os filhos estão acostumados a terem as próprias vontades satisfeitas pelos pais, os desejos sempre que possíveis são realizados, resultando um pouco na dificuldade de praticarem valores como a obediência e o respeito.

Acreditamos que seja possível com o conhecimento adquirido reconhecer as vantagens de uma família que prima por tais valores apresentados, visto que os ensinamentos transmitidos pelas famílias repercutem nas ações praticadas nos mais diversos lugares que frequentamos.

Ao buscarmos no texto 05 os valores mobilizados observamos uma compatibilidade evidente, pois também traz algumas narrativas que envolvem a família e a relação entre pais e filhos, no entanto o foco geral do texto é transmitir a saudade de tempos passados trazidos pelas recordações.

Excerto 13:



Identificamos neste texto como o valor abstrato dos pais (rigidez dos pais) é superior ao valor abstrato da criança (vontade de brincar). Era comum na época que os pais fossem

realmente obedecidos, as vontades e determinações vindas dos pais estavam sempre em primeiro plano. O valor concreto representado pela pessoa do pai e da mãe não costumava ser questionado, a maioria dos filhos obedeciam e abriam mão de algumas diversões desde cedo para assumirem responsabilidades.

Essas ações e concepções sentidas e vividas mostram que o modo como as crianças eram educadas já contribuía para a conscientização de cumprir com obrigações, regras, deveres e quando lembradas hoje em dia mostram os valores que eram repassados e contribuía na construção de identidade, representando não apenas uma pessoa, mas uma geração.

O valor concreto (a mulher que sou hoje) teve como base o valor abstrato (foram as diferenças que me fizeram ser a mulher que sou hoje). Mesmo sentindo por não ter aproveitado a infância como desejava, é reconhecido que foi isso que a tornou a mulher que é hoje e deixa subentendido que sente orgulho de ser quem é. Isto nos faz confirmar o que já compreendemos anteriormente, a forma como as pessoas eram educadas antigamente deixava marcas visíveis de pessoas obedientes, temente aos pais, e boa parte destas pessoas reconhece a importância de uma educação regida desta maneira.

Outro ponto abordado é que a necessidade de trabalhar na roça se sobressaía ao desejo de brincar porque era mais importante ajudar no sustento da família. Para a criança, no entanto, identificamos a hierarquia entre dois valores abstratos *o cansaço* e *a vontade de obter a sabedoria*. Mesmo com a determinação dos pais e o cansaço tomando de conta da criança quando voltava da roça ainda tinha disposição para estudar, pois era importante para ela obter sabedoria e ainda deixa claro que se trata de algo que os pais não puderam ter.

Era importante conquistar o que os pais certamente desejavam (educação/estudo), mas não conseguiram, a educação permitia que a pessoa tivesse uma vida melhor, contribuía para conquistas que vão além do trabalho braçal que se destacava na época. O texto 05 retoma alguns valores já identificados até aqui, principalmente os que estão relacionados à educação como princípio das famílias.

O texto 06 que tem como título *Saudosa infância*, retrata uma infância vivida em tempos um pouco distantes e diferentes dos atuais. Faz referência a tempos de simplicidade e de liberdade e os valores da época eram bem diferentes dos valores atuais, estas diferenças ganham evidências desde a infância.

Excerto 14:

[...] A liberdade é algo que marcou a minha infância, não me refiro a liberdade de fazer tudo que tinha vontade, de ter meus desejos sempre realizados, me refiro a liberdade de correr pelos campos, sentir o vento soprar suavemente em meu rosto e ter a sensação de que nada poderia estragar aqueles momentos. [...] Tive uma infância sem muitos recursos financeiros, mas isso não me impediu de ter momentos felizes, não pude ter brinquedos modernos [...] Nossa imaginação era ativa, nós mesmos produzíamos nossos brinquedos, já que faltava dinheiro para comprar. Tínhamos os cavalos de pau mais bonitos, os carrinhos de lata mais velozes, nos divertíamos jogando peão, carrapeta, brincando com bonecas de pano, ou até mesmo de sabugo de milho [...]

Texto 06: Saudosa infância

O texto 06 traz evidentes recordações da infância de tempos em que os valores eram outros. Identificamos o uso de muitos valores abstratos entre eles a liberdade de poder correr pelos campos sem medo, a liberdade de brincar em meio a natureza e que despertava boas sensações. As poucas condições financeiras e a ausência de muita modernidade, como os meios tecnológicos, permitiam que as crianças tivessem criatividade para desenvolver habilidades e aproveitar o que lhes cercavam para inovar as brincadeiras e produzir os próprios brinquedos.

Desta forma, destacamos ainda valores como: a simplicidade, imaginação, diversão, atividade, visto que eram crianças ativas no que diz respeito a movimentação física e na necessidade de despertar a mente para produzir os próprios brinquedos.

Esta infância tão diferente da vivida pelas crianças nos dias atuais foi valorizada pelos alunos/oradores ao escreverem os textos. Reconheceram o que havia de positivo na infância vivida antigamente. Consideramos um significativo reconhecimento, pois foi possível realizar uma avaliação sobre a infância que tiveram como também das crianças ainda mais jovens que eles, visto que estas vivem de maneira ainda mais próxima o contato tecnológico. Não queremos com isto, defender uma ideia negativa, mas seria mais interessante se houvesse uma mediação e a entrega não fosse tão visível.

No texto 07, com o título tradições extintas, vamos observar mudanças ocorridas no município de Riacho de Santana/RN, referentes a algumas práticas profissionais. Como a redução da procura por alfaiates para costurar roupas, o funcionamento de engenhos, casa de farinha e até algumas mudanças na prática que envolve os trabalhos na agricultura.

Excerto 15:

[...] Lembro-me com relação às vestimentas como tudo era diferente. Existia todo um processo, nada acontecia de repente, vivíamos momentos de espera e tudo se criava primeiro em nossa imaginação para depois serem concretizados. [...] Tínhamos em nosso município o cultivo da cana-de-açúcar que resultava nas produções de rapadura, batida, alfenim, garapa [...] Hoje o período de moagem é muito raro, não fazem mais produtos para a venda, apenas as famílias se reúnem e produzem algo para consumo próprio. [...] existia uma casa de farinha, era fruto de uma associação que funcionou por algum tempo, mas nos dias de hoje encontra-se abandonada. [...] Todo o trabalho antigamente era realizado com a enxada e outras ferramentas que exigiam mais do homem, hoje é realizado através da máquina, precisa de um número bem menor de trabalhadores e o esforço físico também é menor. [...] Nos dias em que vivemos o máximo que conseguimos é para o consumo próprio ou pelo menos para sentir o gosto do feijão verde e comer um milho assado. Vivemos outra realidade e temos que nos adaptar.

Texto 07: Tradições extintas

Todas as transformações ocorridas no município resultaram em mudanças voltadas para o campo profissional. Para apresentar as interferências na vida dos santanenses em virtude das transformações encontramos no texto valores abstratos: trabalho, emoção, saudades.

As mudanças apresentadas no texto trazem no topo da hierarquia influências no trabalho que é um valor abstrato e a partir dele outros valores são mobilizados. Como o texto indica trabalhos que se tornaram extintos no município identificamos valores como emoção e saudades. Estes são resultados de algo que foi vivenciado por muito tempo pelas pessoas (os trabalhos citados) e que ao deixarem de existir com a mesma intensidade desperta tristeza, saudade.

São sentimentos vividos por uma geração que ver alguns de seus costumes desaparecendo e só podem sentir ou reviverem a partir de recordações, fazendo uma

solicitação à memória que guarda da melhor forma cada experiência vivida antigamente. Estas recordações ao serem repassadas para outras gerações ganham vida, representam o que foi importante no passado e passam a pertencer aos mais novos que podem guardar e lembrar a importância de tais momentos para os santanenses.

O texto de número 08 faz uma retrospectiva dos trabalhos diários realizados principalmente pelas mulheres. Nesta retrospectiva é feita uma comparação com a maneira como as mesmas tarefas são realizadas atualmente. Os valores destacados são: dificuldades, trabalho, mulher, tempo.

Excerto 16:

[...] Para nós mulheres tudo era mais complicado, serviços mais pesados eram frequentes em nossa rotina, fossem dentro de casa ou na roça. [...] Para dar conta de tudo acordávamos às três horas ou às quatro da manhã. [...] Não tínhamos a rapidez do fogão a gás, cozinávamos tudo no fogão a lenha, isto já ocupava mais nosso tempo, pois tínhamos que fazer o fogo e ter o cuidado de mantê-lo aceso e não deixar a comida com gosto de fumaça. Os alimentos precisavam de alguns preparos antes de irem para o fogo, por isso nós molamos [...], pilávamos [...], colávamos o arroz [...] Lavar a roupa não era algo tão rápido como hoje com o uso da máquina. Famos mesmo lavar roupa nos rios, passávamos com ferro à brasa, nosso esforço físico era bem maior. [...] O dia era pouco para tudo que precisávamos fazer, mas tínhamos muita tranquilidade e sossego que só aqueles tempos nos permitiam.

Texto 08: Luta diária

O valor concreto está representado na pessoa da mulher, esta tinha muitas responsabilidades para assumir e para aquele tempo as dificuldades eram bem maiores que hoje. Para confirmar as dificuldades o texto descreve como eram realizadas algumas tarefas como: cozinhar, lavar roupa e passar, carregar água, todos exigiam na época muito tempo. Por isso o dia parecia curto e havia a necessidade de acordar muito cedo, bem antes de o sol nascer.

Foi destacado o esforço físico que as tarefas exigiam e esta foi uma das dificuldades amenizadas nos dias de hoje. Cozinhar, lavar roupa, passar, são tarefas realizadas de forma mais prática e menos cansativa, por isso a afirmação no texto de que a luta diária antigamente era mais difícil de ser realizada do que nos dias de hoje.

Todos os textos analisados trazem recordações do tempo passado sobre costumes, trabalhos, educação, momentos vividos por moradores de Riacho de Santana/RN. Percebemos que os valores em sua maioria são valores abstratos, nos permitem pensar sobre questões muito importantes para todas as pessoas, moradores de qualquer cidade. São questões que dizem respeito à educação, a mudanças de costumes, conquistas e também perdas. Podemos em cada texto fazer um comparativo com os tempos recordados e os tempos de hoje.

Percebemos como nossos alunos/oradores reconheceram valores importantes para a formação das pessoas independente do tempo vivido, isto reflete diretamente na construção de identidade destes alunos/oradores porque passaram a ser divulgadores desses valores e a conhecerem de maneira mais próxima a própria comunidade.

Os valores mobilizados foram essenciais para tornar as ideias mais claras, para que as teses defendidas fossem aceitas pelo auditório, mesmo tratando-se de discursos escritos e sabendo que o auditório é amplo, consideramos que os textos são pertencentes à uma coletânea intituladas memórias santanenses, por isso o auditório mais evidente será de moradores de Riacho de Santana/RN, principalmente os alunos da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, levados pela curiosidade de conhecer os textos produzidos pelos colegas, de saber sobre os assuntos abordados e também a necessidade de conhecer mais sobre o gênero memórias literárias.

A argumentação apresenta-se nos textos narrativos, voltados para o campo da literatura e traz uma conformidade entre tema, título, tese, argumentos, um conhecimento que confirmamos após a realização de um estudo como este, visto que o ponto de vista mais natural leva a acreditar que é mais provável identificarmos a presença da argumentação em textos que apresentam opinião e que são dissertativos.

4.3 LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO

Os lugares da argumentação são usados para que o orador possa conseguir a adesão do auditório com relação às teses apresentadas. É interessante que os argumentos formulados se apoiem em alguns lugares dentre eles o de qualidade, quantidade, ordem, essência, pessoa e do existente.

Neste momento, com a análise, buscamos identificar a presença destes lugares da argumentação nas memórias literárias produzidas pelos alunos/oradores. Organizamos um quadro com o número e o título dos textos e para cada um destacamos os lugares da argumentação que identificamos.

Nº e Título dos Textos	Lugares da argumentação
01 Um pouco do começo	Da qualidade, da ordem, da essência.
02 O fim de uma fonte de renda	Da qualidade, da quantidade.
03 Antigos tempos de escola	Da qualidade, da essência.
04 Tempo rígido	Da qualidade, da essência, do existente.
05 Recordações eternas	Da qualidade, da ordem.
06 Saudosa infância	Da qualidade, da essência.
07 Tradições extintas	Da qualidade, da ordem, da quantidade.
08 Luta diária	Da qualidade, da essência, da quantidade.

Quadro 03: número dos textos, títulos e os lugares da argumentação identificados.

Diante do exposto no quadro que apresenta os lugares da argumentação identificados nos textos produzidos pelos alunos/oradores, percebemos que em todos encontramos os lugares da qualidade, este representando o raro, o único. Entendemos a predominância deste lugar por se tratar do gênero memórias literárias, por representar discursos referentes ao tempo passado. Nestes discursos há sempre um olhar para o que existia antigamente e que deixou saudade, era tão importante que não foi apagado da memória, por isso está sempre presente nas recordações.

Para a confirmação deste lugar e dos outros que identificamos trazemos alguns excertos retirados dos textos e que podem certificar a presença dos lugares da argumentação.

Excerto 17:

[...] A cidade ficava enfeitada, na noite de São João tinha muitos festejos, entre eles os fogos e os balões. Esperávamos ansiosos os balões subirem, aquilo nos encantava. As ruas ficavam repletas de foguetas, todas em homenagem ao padroeiro São João Batista. [...] Ali também era um ponto de encontro para as famílias, assavam milho e se divertiam na noite de São João diante de uma fogueira. [...] Foram tempos simples, mas de muita alegria e que certamente não esqueceremos, mesmo que muita coisa tenha se transformado.

Texto 01: Um pouco do começo

Os lugares da qualidade e da essência identificados no texto 01 reafirma a tese de que desde os primeiros moradores a fé já era bastante presente na maioria dos santanenses. Os

festejos juninos passaram a ser vividos no município a partir da escolha do padroeiro, depois da construção da capela que uniu os moradores ao fazerem doações de materiais, de mão de obra, de terreno. O foco da festa eram as celebrações religiosas e o que tinha, além disso, eram os festejos, entre eles o balão, que hoje existe apenas nas recordações, por isso, representa o raro, o único. Assim, também identificamos as fogueiras, estas ainda existem, mas não com a mesma intensidade de antigamente, não é mais encontrada na frente de cada casa na noite de São João, e nem sempre simboliza o encontro das famílias para tomarem uns aos outros por padrinhos.

Como lugares da essência, são apresentadas a simplicidade e a alegria vinda do momento vivido antigamente nas festas de padroeiro. Tudo que era necessário para despertar a alegria na vida dos que faziam a comunidade antigamente estava nas coisas simples, nos festejos, nas fogueiras, na venda de comidas típicas e no que tudo isto representava. Como ocorreram muitas mudanças a essência de tudo mudou também, e muitas vezes nem representam o suficiente para resultar em uma alegria verdadeira.

O texto 02 traz a tese de que o sustento de uma família sempre foi um grande desafio e que antigamente as coisas eram mais difíceis, para confirmar esta tese encontramos o uso dos lugares de qualidade e de quantidade. A recordação trazida é de quando as plantações de algodão contribuía, ou até mesmo era o que promovia uma renda para as famílias, no entanto tornou-se extinta devido a praga que destruiu as plantações.

Excerto 18:

[...] O processo para o cultivo do algodão era demorado e precisava de muitos trabalhadores se a plantação fosse grande. [...] Quando eu ia colher o algodão era de pé no chão – descalço – cabeça no tempo – sem chapéu – e a roupa velha. Levava dois lençóis para colocar a lã sobre ele, um era para a lã maior e outro para a lã menor. As maiores eu tirava para fazer minhas roupas e da minha família e as menores eu tirava para vender. [...] A volta da roça para casa era de muito sacrifício, os lençóis com algodão vinham sobre minha cabeça, era o meio mais fácil para carregar o algodão. Assim que chegava em casa já era colocando sobre um saco de estopa – feito de corda fina – pois quando enchesse este já estava preparado para ser vendido.

Texto 02: O fim de uma fonte de renda

O lugar da qualidade destaca-se no decorrer de todo o texto por trazer recordações de uma prática da agricultura que já não mais existe em Riacho de Santana/RN como antigamente e que já foi muito valorizada por contribuir significativamente com a renda das famílias. Desta forma, é recordado como algo valioso e que deixou saudades com relação ao trabalho e ao que era favorecido através dele.

O lugar da quantidade é identificado quando observamos a passagem que fala da quantidade de lãs que eram apanhadas. Existiam as menores e as maiores e cada uma já tinha um destino certo. Quanto mais lãs fossem apanhadas mais vendas eram realizadas e mais recurso financeiro era adquirido por aquelas famílias. Desta forma, havia uma valorização dada à quantidade, tanto do algodão, como da renda que resultava de sua comercialização.

No texto 03 a tese defende a valorização dos estudos. Para dar sustentação à tese defendida observamos o uso do lugar da qualidade e do lugar da essência. Os processos realizados para ter acesso ao estudo transformaram-se, portanto, tornaram-se raros, mas eram eles que faziam os estudos e a aquisição de conhecimento serem reconhecidos como algo valioso e essencial.

Excerto 19:

[...] As pessoas que tinham acesso à escola eram privilegiadas e procuravam sempre aproveitar cada conhecimento adquirido na esperança de melhorar suas vidas futuramente. [...] Nossos pais não abriam mão de nos ensinar desde muito cedo que era preciso sermos responsáveis por algumas tarefas. E hoje parando um pouco para pensar acredito que era o grande número de afazeres que nos entusiasmava a valorizar ainda mais os estudos.

Texto 03: Antigos tempos de escola

Antigamente os estudos, a oportunidade de frequentar a escola e adquirir os conhecimentos necessários eram raros, era algo que só algumas pessoas podiam, por isso eram vistas como pessoas privilegiadas. Esta ideia traz o lugar da qualidade porque a forma como os estudos eram vistos antigamente, não prevalece nos dias de hoje e pelo fato de não ser algo de fácil acesso, mesmo que sua importância fosse reconhecida.

O lugar da essência está identificado na afirmação de que os filhos aprendiam desde cedo a necessidade de cumprir com as obrigações indicadas pelos pais, isto despertava a valorização pelas conquistas e uma delas era os estudos. Como o acesso não era fácil, os alunos tentavam aproveitar da melhor maneira possível.

O conhecimento adquirido através da escola era, portanto, raro e essencial. A visão do essencial não precisa ter mudado, mas é verdade que não continua sendo visto por alguns com a mesma expressividade. É uma questão muito importante para ser pensada pelos aluno/oradores, visto que para estes o acesso à escola é algo comum e talvez por isto, algumas vezes não receba o valor devido.

No texto 04 temos narrativas sobre a educação por parte da família, é fácil perceber a partir do texto as diferenças de comportamento dos filhos e o que motiva estas diferenças, entre elas, a relação pais e filhos, o papel desempenhado por cada um. Para as ideias presentes encontramos os lugares da qualidade, da essência e do existente.

Excerto 20:

[...] Fui educada neste tempo, confesso que na época não gostava muito e queria que fosse um pouco diferente. Mas o tempo passou, tornei-me adulta e construí minha própria família, optei por algumas mudanças na educação dos meus filhos, mas só aí compreendi que meus pais tinham razão na maioria das determinações presentes em nossa educação. [...] É bem verdade que estas eram estratégias usadas para os filhos mais obedientes porque mesmo com tamanha rigidez ainda havia alguns que não se comportavam como deviam. E para estes não bastava um simples olhar, precisava de uma fala mais ríspida, de um castigo mais severo ou mesmo de uma "surra".

Texto 04: Tempo rígido

O lugar da qualidade está presente no momento em que se fala das transformações ocorridas na educação, de forma que estas trouxeram outros modos de educar os filhos e como consequência a rigidez tornou-se algo raro. Muitos pais não conseguem a obediência e o respeito de seus filhos. Nas ideias contidas no texto, antigamente a obediência e o respeito era algo comum e hoje já não é da mesma forma.

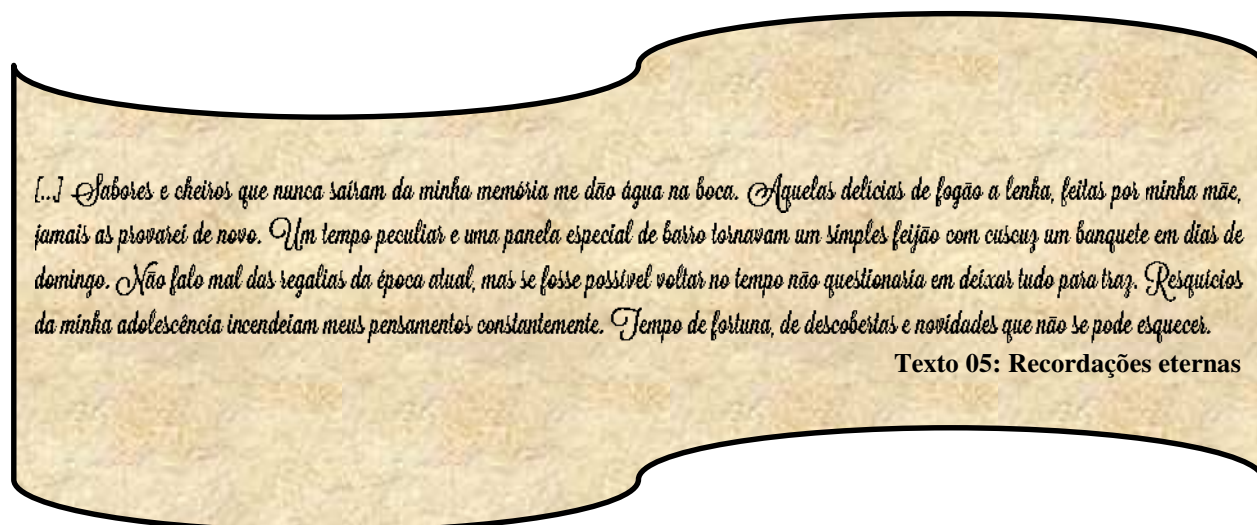
O lugar da essência é identificado no momento em que se apresenta o filho ideal, podemos assim dizer. Aquele filho capaz de ser obediente aos pais pela simples observação do olhar que os pais lhes lançavam. Isto bastava para que alguns já soubessem como deviam se comportar ou o que não deviam repetir.

Há também a confirmação do lugar do existente quando observamos o reconhecimento da educação recebida antigamente, é preferível a educação que teve, devido os valores conquistados, a ficar pensando em como poderia ter sido se tivesse recebido outro tipo de

educação. O que importa é o que teve acesso e o que conquistou a partir dos ensinamentos recebidos dos pais.

O texto de número 05 traz a ideia de que as recordações de tempos antigos promove um aperto no peito, são tempos que não voltam, tempos e valores que não se fazem mais presentes na atualidade, por isso, desperta saudade. Os lugares identificados são de qualidade e de ordem.

Excerto 21:



Identificamos neste trecho um lugar de qualidade, visto que a comida da mãe representa o único, o raro, algo que não terá mais como ser provado, não terá como voltar. Além da comida feita pela mãe fica subentendido também como único e que não volta mais a própria pessoa da mãe.

A comida deixou saudade e representa uma das coisas boas que foram aproveitadas no passado e que ficaram lá para sempre, sem possibilidade alguma de retorno, o que só permite que a saudade aumente a cada lembrança trazida pela memória.

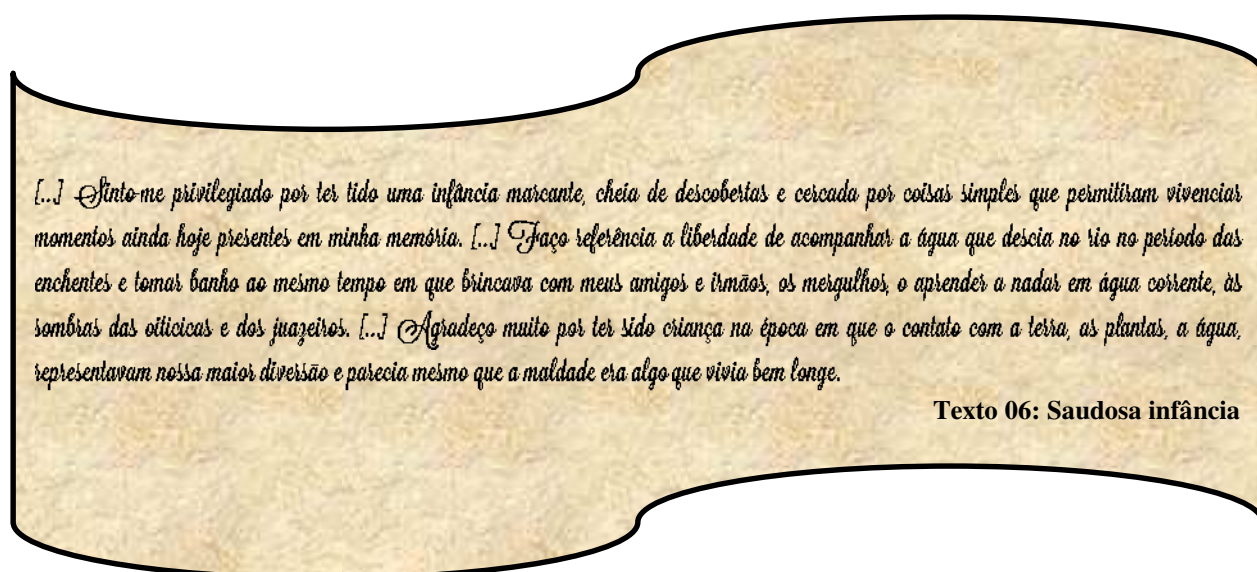
Compreendemos também o uso do lugar de ordem, pois o passado é visto como mais importante, como superior ao tempo presente, tanto que se fosse possível voltaria no tempo. Nas lembranças e para o sentimento de quem escreve com base no que foi transmitido, o passado está em primeiro lugar.

Mesmo observando que o tempo passado não permitia as regalias possíveis nos dias atuais é preferível aquele tempo que já passou, repleto de responsabilidades, obrigações e

exigências, isto porque é possível reconhecer as boas contribuições daquele tempo para a formação da pessoa que é hoje.

Nossas interpretações referentes ao texto 06 nos permitiram identificar os lugares da qualidade e da essência. O texto traz recordações da infância vivida antigamente, nestas recordações destacam-se alguns diferenciais com relação aos brinquedos, aos momentos de diversão que as crianças podiam aproveitar.

Excerto 22:



O lugar da qualidade é identificado pelo fato de o texto narrar momentos de uma infância rara hoje em dia. Os momentos vividos lembram simplicidade, liberdade de poder aproveitar os lugares, geralmente, envolvidos pela natureza. O banho no rio, acompanhar a chegada da água no período das enchentes, não são mais vividos hoje, principalmente, devido tantos anos seguidos e maltratados pela seca.

O lugar da essência encontra-se representado pelo ponto de vista de que a infância vivida antigamente, realmente era a infância válida, os alunos/oradores deixam transparecer a ideia de que era melhor, e revela que o ambiente, as brincadeiras, a simplicidade, a ausência da maldade, tudo favorecia para uma infância sadia, no sentido de despertar coisas boas e necessárias para a vida.

Os momentos apresentados foram tão importantes, que lembrados hoje, despertam a saudade de um tempo que não volta mais, no entanto foi vivido da melhor forma possível e ao

ser feito um comparativo com a infância predominante nos dias atuais, a de antigamente é vista como superior em muitos aspectos.

O texto 07, que traz recordações de algumas profissões não mais existentes de forma intensiva em Riacho de Santana/RN nos dias atuais revela a presença dos lugares da qualidade, da quantidade e da ordem. Cada profissão com suas peculiaridades, com suas utilidades, foi lembrada de forma que se fizeram presentes a saudade, alguns detalhes, algumas emoções que não são mais sentidas hoje devido as transformações ocorridas.

Excerto 23:

[...] Primeiramente vivíamos a alegria de ver nossos pais chegarem com o tecido por eles escolhido para que nossas roupas fossem feitas. Depois era o momento de escolher o modelo das roupas, tirávamos as medidas, tinha o momento da prova, até que as roupas ficassem prontas para podermos usá-las. [...] Algumas pessoas não precisavam de costureiras profissionais porque tinham em casa a mãe que costurava as roupas do marido e dos filhos, de qualquer forma, não existia a praticidade que existe hoje. Mesmo sendo algo mais demorado e trabalhoso considero que também havia mais emoção em acompanhar todo o processo. [...] Muita coisa mudou, e delas só nos restam as recordações. Com o desenvolvimento da tecnologia as transformações ocorreram até na agricultura, na forma de cultivo da terra. [...] Há diferenças também nos resultados das plantações. Não vivemos mais tempos de fartura com o que colhemos. Antes dessas secas constantes o resultado da colheita era de muito legume, tirávamos o suficiente para manter a família no decorrer do ano e o mais podíamos vender para obter lucro e ter recursos para comprar outras coisas. [...]

Texto 07: Tradições extintas

As recordações de algumas práticas realizadas antigamente como o cultivo da cana-de-açúcar, as produções nos engenhos, o trabalho na casa de farinha e a profissão de costureira ou alfaiate, representam alguns trabalhos não mais realizados como antigamente em Riacho

de Santana/RN. Como deixaram de existir, ou tornaram-se raros, são recordados fazendo uso do lugar da qualidade, é uma profissão extinta, mesmo diante de tantos pontos positivos.

O lugar da quantidade é identificado quando se fala da quantidade de legumes colhidos antigamente e a grande quantidade de legumes era muito importante para os agricultores e para suas famílias, pois representavam a garantia do sustento por terem o feijão, o milho, o arroz como alimentos de todos os dias. Outra garantia era que tendo em grande quantidade podiam ser vendidos e com o dinheiro poderiam comprar outras coisas necessárias para a família.

Compreendemos o uso do lugar da ordem na descrição feita de cada momento que antecipava o uso ou o ter da roupa nova. Primeiro a compra do tecido, segundo as medidas tiradas pela costureira e a escolha do modelo das roupas, terceiro uma prova para saber se a roupa serviria e por último o acesso à roupa. Existia uma sequência a ser seguida, nada acontecia de forma repentina e a expectativa que se criava era grande e importante para cada momento.

A sequência ou um passo a passo também era realizado para que o alimento chegasse até a casa e até a mesa de cada família, visto que a maioria dos alimentos era resultado do trabalho dos agricultores que cultivavam as terras e colhiam os frutos para o próprio sustento.

O texto 08 traz recordações das obrigações destinadas para as mulheres realizarem. São lembrados os afazeres domésticos, trabalhos na agricultura, educação dos filhos. Neste texto identificamos os lugares da qualidade, da essência e da quantidade.

Excerto 24:

[...] Para nós mulheres tudo era mais complicado, serviços mais pesados eram frequentes em nossa rotina, fossem dentro de casa ou na roça. [...] Nós mulheres éramos responsáveis pela limpeza da casa, os cuidados com os filhos e o preparo da comida na hora certa. Os filhos nos obedeciam e até nos ajudavam no que fosse preciso, os trabalhos domésticos é que exigiam mais de nós. [...] E como se não bastasse também ajudávamos, quando era preciso, nas plantações, na criação dos bichos, enchíamos todos os depósitos de água trazendo água dos rios, cacimba e cacimbões em latas na cabeça. [...] Por outro lado, eram despertadas em nós mulheres muitas outras habilidades como fiar, tecer, costurar, bordar, fazer crochê. Quase todas as mulheres da minha época desenvolviam alguns desses trabalhos e era muito gratificante para cada uma de nós. Hoje em dia a maioria das mulheres não tem mais interesse por esses trabalhos e quase tudo precisa ser comprado.

Texto 08: Luta diária

Nas passagens transcritas do texto podemos perceber as muitas tarefas que as mulheres precisavam realizar todos os dias. A forma como são apresentadas nos permite identificar o lugar da essência porque apresenta características próprias para representarem as mulheres de antigamente, donas de casa, esposas, mães. Este era o perfil adequado para as mulheres.

O lugar da qualidade é usado quando se faz um comparativo com os dias de hoje, ao ser percebido como a rotina das mulheres passou por transformações. Para sustentar a tese de que antigamente as dificuldades eram maiores, os alunos/oradores listam muitas das atividades realizadas pelas mulheres e algumas delas, as que não são vistas como trabalho pesado, são colocadas como habilidades. Estas, no ponto de vista apresentado, não mais desperta como antigamente o interesse da maioria das mulheres e deixa saudade porque se tornaram raras sendo preciso comprar os produtos que antigamente elas mesmas produziam.

Em nossas análises, feitas a partir das interpretações de cada texto, identificamos as teses, hierarquia de valores e os lugares da argumentação. Estes processos argumentativos presentes nas memórias literárias produzidas pelos alunos/oradores, tendo por base as entrevistas realizadas com pessoas idosas de Riacho de Santana/RN nos permite confirmar a

presença e a importância da argumentação nos textos escritos, mesmo que não sejam pertencentes ao grupo de textos dissertativos.

Também foi possível percebermos como os alunos demonstraram nas produções o conhecimento que passaram a ter com relação a várias situações e temáticas próprias do passado como os costumes, os valores, algumas dificuldades e modos de viver que foram transformados, mas que de alguma forma ainda influenciam o tempo presente. É uma forma de contribuirmos com a construção de identidade dessa geração envolvida com a era líquido moderna tão bem definida por Bauman, podendo este assunto ser aprofundado em outra pesquisa.

As produções textuais realizadas representam a capacidade de compreensão dos alunos/oradores com relação às temáticas abordadas a partir das recordações dos idosos com os quais conversaram. A nós, enquanto pesquisadores, nos permitiram interpretar e identificar os processos argumentativos usados em textos predominantemente narrativos, bem como percebermos a importância da argumentação nos discursos independente de sua classificação. Os textos ganharam uma riqueza de sentido a partir dos processos argumentativos usados, foi através destes que os alunos/oradores apresentaram com clareza as compreensões adquiridas sobre os assuntos tratados em cada texto.

A utilidade de aulas voltadas para um contexto pertencente ao lugar onde os alunos vivem também é um fator importante que podemos confirmar a partir de nossas análises. As aulas de Língua Portuguesa podem valorizar o contexto que cerca os alunos para que estes se sintam mais envolvidos e realizem produções de forma mais motivadora e real.

Tratar de assuntos que fizeram ou ainda fazem parte do lugar onde os alunos vivem foi muito relevante para a aprendizagem deles e para nossa pesquisa. Consideramos os textos produzidos pelos alunos uma prova do reconhecimento de alguns valores, algumas experiências transmitidas pelas pessoas idosas e que foram valorizadas pelos alunos/oradores. Foram valorizadas da melhor forma possível, a partir de uma prática que demonstrou aquisição de conhecimento, os textos produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu vou morrer um dia, porque tudo o que nasce também morre: bicho,
planta, mulher, homem. Mas as histórias podem durar depois de nós.
Basta que sejam postas em folhas de papel e que suas letras mortas sejam
ressuscitadas por olhos que saibam ler.*

(Afrika Brunhilde Laurito)

Por todo o caminho percorrido para a realização da presente pesquisa foi possível confirmar a importância do estudo realizado sobre a argumentação, peça significativa para a vida em sociedade. Reforçamos a ideia de que mesmo de forma inconsciente fazemos uso da argumentação em nossos discursos, confirmamos também seu uso nos textos independente do gênero textual produzido, isto mostra a sua amplitude e sua rica contribuição diante das nossas necessidades comunicativas.

A presente pesquisa foi guiada por alguns questionamentos envolvendo os processos argumentativos, a construção de identidade, o ensino de produção textual e as contribuições dos aspectos argumentativos na produção de memórias literárias. De forma específica questionávamos sobre: a) Quais teses, lugares da argumentação e hierarquia de valores podem ser identificados em memórias literárias? b) Os textos produzidos deixam transparecer a presença ou construção de identidades relacionadas às hierarquias de valores? c) Qual a importância de trazer para o ensino de produção textual nas aulas de português temas com foco na cultura local? d) Quais as possíveis contribuições dos aspectos argumentativos na produção de memórias literárias?

Os questionamentos nos levaram a construir nossos objetivos para que assim pudessemos encontrar as respostas pertinentes. Nesta construção passamos a ter como objetivo geral analisar os processos argumentativos em memórias literárias escritas por alunos do Ensino Fundamental em aulas de língua portuguesa. Para tanto, traçamos quatro objetivos específicos que contribuíram de maneira fundamental para alcançarmos o objetivo geral e realizarmos as análises desejadas. Os objetivos específicos foram:

I- Interpretar as memórias literárias de forma que sejam identificadas as teses, hierarquia de valores e os lugares da argumentação;

II- Compreender as identidades relacionadas às hierarquias de valores presentes nas memórias literárias;

III- Refletir sobre a articulação e importância do ensino de produção textual nas aulas de português com foco na cultura local;

IV- Discutir possíveis contribuições dos aspectos argumentativos nas produções das memórias literárias.

Alcançar tais objetivos foi o resultado de um longo e gratificante processo. Realizamos as leituras para a produção das bases teóricas, planejamos e executamos a intervenção em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental nas aulas de língua portuguesa e assim construímos e adquirimos o *corpus* de onde selecionamos o material para realizarmos a análise almejada.

Para que pudéssemos chegar ao ponto de termos as memórias literárias para serem analisadas seguimos alguns processos. Por se tratar de um estudo que envolve práticas na sala de aula, mais especificamente, aulas de Língua Portuguesa, abordamos algumas questões sobre este assunto, esclarecendo a relevância do ensino de Língua Portuguesa na formação do ser consciente, crítico, reflexivo e que pretende ser compreendido em seus discursos.

Também compôs nossas discussões o ensino de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, esclarecendo algo já tão conhecido, mas que não deixa de ser importante ressaltar, o fato de termos os textos como produtos significativos e que a produção textual aperfeiçoa o conhecimento que já temos de nossa língua, assim como nos proporciona desenvolvermos capacidades e habilidades pertinentes para diferentes gêneros textuais. Tudo sempre, observando o contexto e o possível auditório.

Memórias literárias foi o gênero textual escolhido para trabalharmos a sequência didática em sala de aula, visto que o trabalho com a SD parte de um gênero textual definido. Achemos por bem a escolha deste gênero para que pudéssemos oportunizar aos nossos alunos adolescentes a aproximação com pessoas idosas da cidade onde moram, e conseqüentemente aproximá-los das histórias que pertencem ao lugar onde vivem.

Ao realizarmos esta aproximação nossos alunos puderam perceber a importância de diversos valores, experiências e sentimentos possíveis de contribuir para a construção de identidade de uma geração que vive de momentos e momentos muito passageiros, que faz a importância das coisas muitas vezes passar despercebida. Ao observarem a forma como os idosos veem o mundo e cada momento, foi possível notarmos nos textos produzidos que mesmo que nossos alunos/oradores não tenham vivido situações com a mesma força e intensidade que as gerações passadas viveram, puderam pelo menos conhecer e apreciar uma realidade diferente da realidade atual e tão moderna. Tudo isso foi realizado a partir de nossa intervenção.

Como resultado da nossa intervenção tivemos a produção coletiva de quinze memórias literárias, estes textos foram organizados em uma coletânea que tem como título: **Memórias santanenses** (SILVA, 2017), e representa da melhor forma possível todo o trabalho realizado em sala de aula. Um trabalho que envolveu os alunos de maneira mais participativa, que buscou colaboradores na comunidade e provou a importância de construir conhecimento além dos muros da escola.

Todos nos tornamos mais próximos, foram trabalhos intensos e o envolvimento dos alunos para conseguir uma produção de qualidade foi uma marca positiva. Pudemos, principalmente nos momentos de reescrita coletiva ouvir as sugestões dos alunos, orientar de forma mais próxima as escolhas dos termos, a organização dos textos e sentir o pertencimento de cada aluno com relação a obra concreta que estava sendo realizada por cada um.

A produção da coletânea nos oportunizou momentos muito gratificantes para a formação dos alunos, para os idosos e para nossa pesquisa. A coletânea exigiu de nós e dos alunos/oradores um olhar mais cuidadoso com os textos produzidos, visto que a proposta final era ofertar à biblioteca da escola exemplares da coletânea para que outros alunos, outras turmas possam ser leitores das memórias produzidas, possam se sentir inspirados neste trabalho para a realização de outros que despertem a vontade de conhecer e valorizar mais as histórias já vividas no município.

A produção e divulgação da coletânea, para o nosso contentamento, foi muito bem aceita pelos santanenses, despertou curiosidade pelos textos e vontade por parte de alguns de adquirir a coletânea para ter conhecimento das memórias que a compõe. Superou nossas expectativas porque não foi um trabalho que ficou preso à escola, mas que envolveu a comunidade, visto que é uma representação da mesma.

Sendo a coletânea o *corpus* da nossa pesquisa selecionamos oito textos para analisarmos. Preferimos selecionar para que o capítulo de análise pudesse apresentar um estudo mais detalhado e não se tornasse tão cansativo. A escolha foi difícil porque todos os textos tornaram-se especiais e representam momentos diferentes e importantes vividos pelos santanenses.

A análise realizada nos permitiu confirmar a presença da argumentação nas memórias literárias, identificamos cada um dos processos argumentativos já definidos e percebemos um apreço significativo pelas histórias santanenses contadas por nossos alunos/oradores. Apreço por parte dos alunos e por parte de quem transmitiu para eles. Em nossas análises encontramos respostas para as perguntas que mobilizaram os objetivos.

Sendo assim, para a produção das memórias literárias por nós interpretadas, os alunos/oradores fizeram uso de teses, lugares da argumentação e apresentaram hierarquia de valores. Estes processos argumentativos contribuíram significativamente com a qualidade dos textos produzidos, tornaram as histórias mais envolventes, reais e convincentes para os possíveis leitores.

Nossas constatações não param por aqui. Confirmamos, diante dos temas abordados nos textos, como a identidade dos alunos/oradores foi tocada e apresentada em cada texto claramente sob as influências das experiências transmitidas pelas pessoas idosas. Isto é muito importante porque estes alunos vivenciaram momentos que despertam a valorização das memórias e a curiosidade por histórias locais. Este é mais um ponto importante para nossa pesquisa, valorizar a cultura local. Percebemos que as histórias do lugar despertaram o interesse dos alunos, este interesse foi transformado em conhecimento e também em memórias.

Esperamos ter contribuído para os estudos sobre argumentação em textos escritos e produzidos a partir de orientações em sala de aula. Nossa pesquisa muito nos ajudou na realização de uma prática mais significativa nas aulas de Língua Portuguesa, assim como despertou a vontade de conhecer cada vez mais as questões que envolvem a argumentação.

Todo o processo que realizamos confirma a relevância de nossa pesquisa para a educação, para o município onde foi realizada, para os alunos e idosos envolvidos, pois todos formamos um conjunto de atores em busca de aperfeiçoar nossos conhecimentos e compartilhar as experiências adquiridas.

Trabalhos como este nos despertam a vontade de sempre continuar. Quando pensamos que chegamos ao fim, quando acreditamos que a tarefa foi concluída percebemos que muito ainda pode e precisa ser realizado como professora e como pesquisadora. Outras curiosidades começam a surgir e a alimentar nossa sede de conhecimento. Percebemos que as aulas de língua portuguesa podem ser cada vez mais melhoradas, o município de Riacho de Santana/RN tem muitas memórias para serem registradas e a argumentação tem muito a contribuir e ser estudada.

Desta forma, não finalizamos com estas considerações, mas compreendemos a construção de um pensamento que nos mostra o quanto esse mundo da pesquisa é sólido, envolvente e traz contribuições significativas para os envolvidos diretamente, no entanto não para por aí, muitas outras pessoas podem ser tocadas e beneficiadas por todo o trajeto percorrido por estudos como este.

Memórias literárias de Riacho de Santana: argumentação em produções textuais no ensino de português, conclui sua proposta e abre portas para outros estudos, outras práticas que busquem enriquecer as aulas de língua portuguesa principalmente no que diz respeito às produções textuais e espera contribuir com as pesquisas voltadas para a argumentação em textos escritos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedelto/Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasil: MEC/SEF, 2001.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- BOSI, E. **Uma experiência humanizadora**. Na Ponta do Lápis, São Paulo. Ano V – nº 11, p.24-25, ag.2009.
- CLARA, R.A.; ALTENFELDER, A. H. ALMEIDA, N. **Se bem me lembro**: caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec. 2010.
- COSTA, A.C. da S. **Memória e identidade no discurso de “ouro” de D. Loura**.2012. 149f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2012.
- COSTA, A.C. da S. & COSTA, E.M. **Os Antônio de Antônio Refratados na Cultura Popular**. Cultura Popular meios, formas e identidades. Cajazeiras: Ed. Gráfica Real. 2018.
- COSTA, R.L. **Os profissionais de Letras e seus discursos**: da constituição do ethos aos sentidos sobre o curso. 171f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros. 2010.
- DANTAS, F. L. **Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel RN**: das memórias do contador às produções textuais em sala de aula. Dissertação (Mestrado Profletras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN. 2015.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FREIRE, C.M.C et al. **Capelas da Paróquia**. Revista Comemorativa do Bi-Centenário da Paróquia e Centenário do Município de Pau dos Ferros (1756-1856-1956). Natal, abril. 2015
- GERALDI, J.W. (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAURITTO, I.B. **A menina que fez a América**. São Paulo: FTD, 2002.

LEAL, T. F. & MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, A. **Recordar para contar**. In. Na Ponta do Lápis, ano V, nº 11, ago/2009.

LIMA, M.J. de. **Monografia histórico – corográfica de Pau dos Ferros**. Natal – 1956.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATENCIO, M. de L. M. **Leitura produção de textos e a escola**: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras – Editoras Autores Associados 1994.

MORAIS, M.C.C. de. **Terras Potigueres**. Natal (RN): Dinâmica Editora, 1998.

OLIVEIRA, M.M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PERELMAN, C.; OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução GALVÃO, M. E. A. P. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIM, C. **Argumentação** histórias, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

QUEIROZ, Núbia Cristina Pessoa de. **Argumentação em memórias literárias da olimpíada de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado Profletras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN. 2015.

SABINO, F. **O menino no espelho**. 86ª ed. – Rio de Janeiro: Distr Record, 2010.

SILVA, A.A. **A argumentação em textos escritos por crianças em fase inicial do ensino fundamental**. 132f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN, 2012.

SILVA, T.T. da. (Org.). **Identidade e diferença** A perspectivas dos Estudos Culturais. 8ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, F. L. B. de L. **A argumentação em artigos de opinião da olimpíada de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN. 2015.

SOUZA, G. S de. **O Nordeste na mídia**: um (des) encontro de sentidos. 398f. Tese (doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

APÊNDICE A:

REGISTRO FOTOGRÁFICO DE RIACHO DE SANTANA

Entrada de Riacho de Santana. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Igreja de São João Batista. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Padroeiro São João Batista. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Praça do Povo. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Plantação de algodão 2017. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



Vista da Zona Rural. Registro fotográfico: Francisca Carlene da Silva



APÊNDICE B:

ALGUMAS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS IDOSOS

Idoso A:

Naquela época cozinhava em panela de barro no fogão a lenha e a gente comia o que cultivava na agricultura. A comida era o milho, o feijão, o arroz, sim e carne, carne de gado, as coisa, era muito simples, não era como hoje que se procura várias coisas pra comer não.

Idoso B:

A seca de 70 é o seguinte, eu já tinha os meninos, grandinhos. Aí lá vem aquela seca, não tinha chuva, as lavoura não se levantava, aí sei que quando vieram trazer alistamento, porque era difícil, aí já era maio, pra receber dinheiro em julho. Os legumes que não era muito, tava se acabando. Não adianta eu dizer que na minha casa tinha um resto de comida porque ao redor ninguém tinha, tá entendendo? Aí tinha que dividir e ficava lá todo mundo sem nada, se pegando com o que tinha. Tirando leite de uma cabra, os pastos não tinha, ia se acabando. Galinha as mulher não podia criar porque não tinha milho. A situação já vinha pra dentro da casa da gente.

Idoso C:

Todo agricultor plantava algodão. Tinha as propriedade, porque só tinha dinheiro através do algodão ou fazenda de gado. A gente fazia a roça, plantava, queimava, limpava. Os carrasco tinha que limpar com as mão.

Idoso D:

As casa, a maioria era de taipa, de barro. As plantação era de milho, feijão, arroz, fava. Pra colher era tudo na mão. O trabalho era pesado, a gente vivia do que a terra dava.

APÊNDICE C:

REGISTRO FOTOGRÁFICO DO LANÇAMENTO DA COLETÂNEA

Feito por: Francisco Jerri Alan de Oliveira







ANEXO A:

TEXTOS USADOS NAS AULAS DURANTE A INTERVENÇÃO

Como num filme

Antonio Gil Neto

Não foi difícil cair nas graças de Seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-se à brincadeira da memória era o que bastava.

Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.

"Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.

Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.

O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci.

É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.

Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi.

Lá pelos idos de 1929, com cerca de sete anos de idade, era menino feito. Minha vida era um misto de *cowboy* com Tarzan. Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias... Vivíamos para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.

Uma brincadeira de que gostávamos muito era 'cho-car o trem'. Sabe o que é isso?

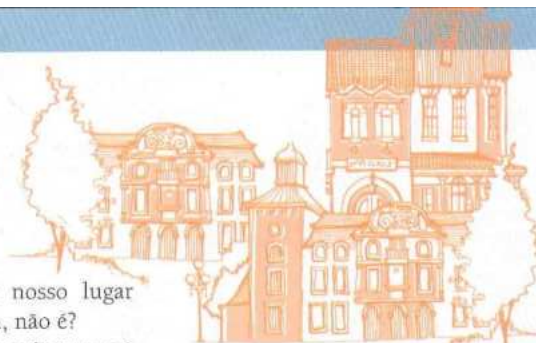
Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade. Com o tempo seu trajeto se encheu de bairros: Tucuruvi, Jaçanã, Vila

Mazzei, Água Fria e mais o que há agora. Lembra aquela música do Adoniran? Tem a ver com esse trem...

Da escola não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações... Em um abrir e fechar dos olhos da memória lá estão a escola, o corre-corre das crianças e todos eles, intactos e em plena labuta do dia: Dona Albertina, Dona Isabel, Seu Luís, os professores. Ainda o Seu Peter, o diretor, e Seu Luigi, o servente. Quantas vezes em meio à cópia da lousa, que seguia plena em silêncio e dever, disparava um piscar enviesado para meus companheiros de time. Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilete em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo lorota!

Meio moleque, meio mocinho, sempre dava algum jeito de arranjar um dinheirinho para ir à Voluntários, uma das poucas ruas calçadas do bairro, nas matinês do cine Orion.

Meu figurino era feito por minha mãe: uma camisa clara, bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Com meus colegas ia ver o que estava em cartaz. Banguê-banguê era o melhor. Lembro-me do Buck Jones, do Rin Tin Tin, do Roy Rogers e mais uma porção daqueles bambas do momento. Também me recordo do cine Vogue e de Seu Carvalho, seu dono e operador, que, ao constatar a enorme fila na bilheteria, dizia para nós, garotos, com certo orgulho solene, só haver lugares em pé. Entrávamos mesmo assim. Depois de alguns minutos já tínhamos nossos lugares escolhidos e... sentados. No escurinho do filme começado, queimávamos um barbante malcheiroso que fazia todo



mundo desaparecer de nosso lugar preferido. Comédia pura, não é?

Com o passar dos anos, veio o tempo do trabalho para valer. De aprendiz de químico tornei-me o titular na fábrica de perfumes dos libaneses. Fiz de tudo lá: brilhantina, rouge, pó de arroz, produtos muito usados na época. Veio também o tempo do namoro sério e, com ele, o cinema com sorvete a dois. Minha vida era um filme de aventuras, mais que outra coisa. Tive de vencer muitos obstáculos. E foi um bom tempo assim.

Construir uma família não é fácil, mas, como se sabe, o amor sempre vence.

Como nos filmes de amor, acabei me casando em *technicolor* e em *cinemascope*, como um galã, com minha Mercedes, mais bonita que Greta Garbo ou qualquer outra estrela de Hollywood. Com ela comecei a frequentar o centro de São Paulo. Íamos de bonde elétrico, descíamos na Praça do Correio e andávamos de braços dados pelos pontos mais elegantes da cidade.

Misturados aos carros que pertenciam a gente muito rica, estavam os cabriolés, uma espécie de carroça puxada a cavalos... Na Avenida São João estavam os melhores cinemas: o Marabá, o Olido, com seus camarotes e frisas. Quantos filmes! *O Canal de Suez*, *E o Vento Levou!*, *O Morro dos Ventos Uivantes*. Vejo-nos direitinho, como em um musical, indo para a cidade de bonde. O condutor, o Delmiro, mais parecia um bailarino, um Fred Astaire tropical, por conta dos trejeitos, malabarismos de corpo que fazia ao parar, descer, cumprimentar, receber as pessoas, acomodá-las e, enfim, conduzir o bonde.

Era mais que um motorista. Esse era um *show à parte*!

Se bem me lembro, o cinema me acompanhou a vida inteira. Isso porque sou do tempo do cinema mudo, veja você, onde os violinos e o piano faziam nossa imaginação ouvir as vozes e sentir as emoções dos artistas que passavam rápidos nas telas. Depois

veio o cinema falado e para nós isso era a maior e a melhor invenção. Olhando para o que

se passou, constato que fui um bom frequentador das telas. Com chuva ou com sol!

Até nossa primeira filha, com poucos meses de idade, não impedia nossa diversão preferida! Era nossa figurante proibida. Íamos ao Bom Retiro, ao cine Lux. Lá eu conhecia todo mundo e sentávamos com a menina nos braços bem na última fila, caso precisássemos sair às pressas para acalmar um choro repentino. Assistimos a tantas histórias e nossa menina dormia profundamente. Quase sempre.

Talvez por conta do trabalho, das exigências da vida, dos cuidados com a família e mesmo com a facilidade da televisão, acabei me dando conta de que fiquei muito tempo sem ir ao cinema. Engraçado, agora que estou praticamente sozinho, em consequência das perdas que a vida nos traz, o cinema volta com toda a força. Não perco quase nada do que passa nos *shoppings* perto de casa. Tudo é mais confortável, imenso. Mas tudo é mais barulhento, apressado e real demais. Não sobra muito tempo para sonharmos.

Mesmo assim, quero ir a outros cinemas desta cidade que cresceu e cresce tanto. O jeito é me armar de um celular para que minha filha não fique tão preocupada comigo por causa dessas minhas novas aventuras cinematográficas."

Quando releio o que está escrito, não sei onde está o que o seu Amalfi me contou e onde está o que projetei de sua vida em mim. Engraçado mesmo! Perdi-me nos labirintos da imaginação, onde o presente e o passado se fundem em um só desenho. A memória brinca com o tempo, como em um filme, como uma criança feliz.

Texto escrito com base no depoimento de Amalfi Mansutti, 82 anos.

Meus tempos de criança

Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Usávamos "bolas de meias", preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as "bolas-de-pito", que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noite, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos que vinham de nossa casa, para tomar banho, mudar de roupa e ir jantar.

As mesmas misteriosas ordens faziam-nos começar a desenterrar nossos times de botão para a temporada que iria se iniciar. Os botões eram polidos e engraxados.

Descobríamos, nos botões das capas e dos jaquetões e, também, nas tampas de remédios, promissores craques.

Nossos pais começavam a estranhar, sem encontrar qualquer explicação para o fato, o desaparecimento das tampas dos xaropes e dos botões das roupas.

Esses craques em potencial, novos valores que surgiam, eram devidamente preparados e passávamos dias a lixá-los e, para lhes dar mais peso e maior aderência à mesa, a enchê-los com parafina derretida. Trabalho que

levava às vezes algumas semanas, os novos craques sendo testados exaustivamente até que nos dêssemos por satisfeitos e os considerássemos prontos e aprovados para as grandes competições pela frente.

Os botões de chifre, preparados pelos presos da Casa de Detenção, onde íamos comprá-los, começavam, pela sua robustez e pela potência de seus chutes, a ganhar nossa preferência. Não gostávamos, porém, daqueles botões que vinham do Sul, de plástico, todos iguais, diferenciando-se uns dos outros apenas pelas "camisas" que traziam coladas sobre si, com as cores dos clubes cariocas. Preferíamos, nós mesmos, pregar as cores do nosso time preferido, no meu caso o Santa Cruz.

Cada botão ganhava seu nome, Perácio, Leônidas, Patesko, Pitota, Sidinho, Siduca... botões que já não tenho mais, desaparecidos misteriosamente ao longo do tempo. Meu ponta-esquerda, Tarzan, que tantas alegrias me deu, com suas arrancadas para o campo adversário e com seus mirabolantes gols, que fim terá levado?

Preferíamos usar as bolas de farinha, arredondadas cuidadosamente na palma da mão e que permitiam um bom controle, correndo menos que as de miolo de pão e não tanto quanto as de borracha.

Dentro daquelas regras que adotávamos e que permitiam que continuássemos a jogar enquanto não perdêssemos o controle da bola, éramos obrigados, quando nos sentíamos em condições de tentar o chute a gol, a avisar o adversário: "Defenda-se!" ou "Prepare-se!", dando tempo a que ele posicionasse melhor o seu goleiro e puxasse, para junto dele, os beques, geralmente bem altos, com a finalidade de dificultar o chute rasteiro.

As partidas eram irradiadas por um de nós, ao estilo de José Renato, o famoso locutor esportivo da PRA-8, e os gols, quando convertidos, eram gritados histericamente, incomodando toda a vizinhança.

Antes que o tempo apague... 2ª ed. Recife: Editora Comunicarte, 1996.



Transplante de menina

Tatiana Belinky

[...] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo — feliz proprietário de uma “baratinha” — nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar — ai, que emoção — pelo funicular, o “bondinho” pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos — passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical — ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais “divino” ao natural, sem ela.

Fomos passear também na Gávea e na Avenida Niemeyer, ainda bastante deserta, e na Tijuca, com a sua floresta e a sua linda Cascatinha. “Cascatinha”, por sinal, era o nome da cerveja que papai tomava com muito gosto, enquanto nós, crianças, nos amarrávamos num refrigerante incrível que tinha o estranho nome de Guaraná.

Não deixamos de passear pelo centro da cidade, na elegantíssima Rua do Ouvidor, e na muito chique Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal e suas escadarias, com seus bares e sorveterias na calçada. E, claro, na Avenida Rio Branco, reta, larga, e imponente, embicando no cais do porto, por onde chegamos ao Brasil pela primeira vez.

E foi nessa Avenida Rio Branco que tivemos a nossa primeira impressão — e que impressão! — do carnaval brasileiro. Eu já tinha ouvido falar em carnaval: na Europa, era famoso o carnaval de Nice, na França, com a sua decantada batalha de flores; e o carnaval de Veneza, mais exuberante, tradicional, com gente fantasiada e mascarada dançando e cantando nas ruas. E havia também os luxuosos, e acho que “comportados”, bailes de máscaras, em muitas capitais europeias. Eu já ouvira falar em fasching, carnevale, Mardi Gras — vagamente. Mas o que eu vi, o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele “corso” — o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes — todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os “cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” — e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando — era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época — tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da “moreninha querida... *que anda sem meia em plena avenida*”.

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos, e os instrumentos — violões, cuicas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos...

E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas — coisa absolutamente inédita para nós — com seus nomes esquisitos, “Fenianos”, “Tenentes do Diabo” — cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante — e, para mim, nada menos que acachapante!

E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada — tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível...

Transplante de menina. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Parecida mas diferente

Zélia Gattai

O pai de Zélia Gattai costumava contar a história de como sua família havia vindo da Itália para o Brasil. Uma vez, quando ele narrava a viagem dos Gattai — que era o nome da família de seu pai —, Zélia, então menina, observou que Eugênio, seu avô materno, escutava atentamente. Então, pediu a ele que também contasse a história da família da mãe, os Da Col.

Vovô veio da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, em São Paulo. Nona Pina passou a viagem toda rezando, pedindo a Deus que permitisse chegarem com vida em terra. Tinha verdadeiro pavor de que um dos seus pudesse morrer em alto-mar e fosse atirado aos peixes. Carolina ressentiu-se muito da viagem, estranhou a alimentação pesada do navio, adoeceu, mas desembarcaram todos vivos no porto de Santos.

A família fora contratada por intermédio de compatriotas do Cadore, chegados antes ao Brasil. Diziam viver satisfeitos aqui e entusiasmavam os de lá através de cartas tentadoras: "Venham! O Brasil é a terra do futuro, a terra da 'cucagna'... pagam bom dinheiro aos colonos, facilitam a viagem..."

Com os Da Col, no mesmo navio, viajaram outras famílias da região, todos na mesma esperança de vida melhor nesse país promissor. Viajaram já contratados, a subsistência garantida.

Em Santos, eram aguardados por gente da fazenda, para a qual foram transportados, comprimidos como gado num vagão de carga.

Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela "cucagna", aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol; homens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome.

A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava.

Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore. A princípio, Eugênio Da Col não entendeu nada do que estava acontecendo, nem do que ia acontecer, até divisar o capataz que vinha se chegando, chicote na mão. Seria possível, uma coisa daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? Estava claro: os novatos deviam aprender como se comportar; quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.

O negro amarrado, suando, esperava a punição que não devia tardar; todos o fitavam, calados.

De repente, o capataz levantou o braço, a larga tira de couro no ar, pronta para o castigo. Então era aquilo mesmo? Revoltado, cego de indignação, o jovem colono Eugênio Da Col não resistiu; não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem.

Impossível conter-se!

Com um rápido salto, atirou-se sobre o carrasco, arrebatando-lhe o látego das mãos.

Apanhado de surpresa, diante da ousadia do italiano, perplexo, o capataz acovardou-se.

O chicote, sua arma, sua defesa a garantir-lhe a valentia, estava em poder do "carcamano"; valeria a pena reagir? Revoltado,

fora de si, esbravejando contra o capataz em seu dialeto dos Montes Dolomitas, o rebelde pedia aos companheiros que se unissem para defender o negro. Todos o miravam calados. Será que não compreendiam suas palavras, seus gestos? Certamente sim, mas ninguém se atrevia a tomar uma atitude frontal de revolta. Católico convicto, ele fazia o que lhe ditava o coração, o que lhe aconselhavam os princípios cristãos...

De repente, como num passe de mágica, o negro viu-se livre das cordas que o prendiam à árvore. O capataz apavorou-se. Quem teria desatado os nós. Quem teria?

O topetudo não fora, estava ali em sua frente, gesticulando, gritando frases incompreensíveis, ameaçador, de

chicote em punho... O melhor era desaparecer o quanto antes, rapidamente: "esses brutos poderiam reagir contra ele. A prudência mandava não facilitar".

Nessa mesma tarde, a família Da Col foi posta na estrada, porteira trancada para "esses rebeldes imundos". Estavam despedidos. Nem pagaram o que lhes deviam. "Precisavam ressarcir-se do custo do transporte de Santos até a fazenda..." E fim.

Pela estrada deserta e infinita, seguiu a família, levando as trouxas de roupas e alguns pertences que puderam carregar, além da honradez, da coragem e da fé em Deus.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed.
Rio de Janeiro: Record, 1986.





Os automóveis invadem a cidade

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” — arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil — fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se

afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso — sem criar equívocos — e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed.
Rio de Janeiro: Record, 1986.

Memória de livros (Oficina 5)

João Ubaldo Ribeiro

[...] Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos long play, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indebita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e, que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou, porque, assim que comecei meus passes

hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma peru e tinha pensado que eu era o peru.

[...] Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos — a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na *Iliada*. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos — escritos ou orais — das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto e vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto e vírgula) e os trechos a decorar. [...]

João Ubaldo Ribeiro. *Um brasileiro em Berlim*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

O Lavador de Pedra

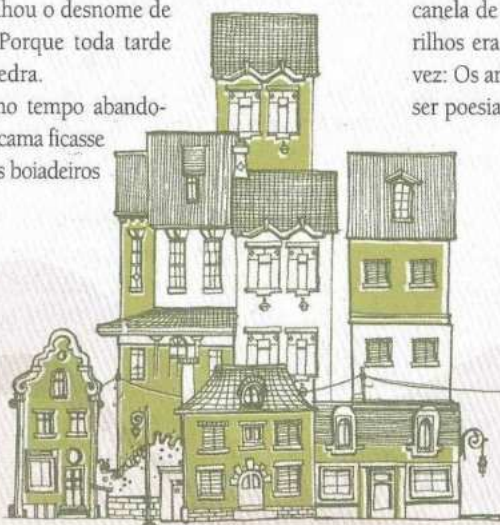
Manoel de Barros

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.

A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros

agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo de pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom!

Memórias inventadas: a infância.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.



As almas do Amém

Ilka Brunhilde Laurito

Naquela grande casa de pedra em que vovô Vincenzo e vovó Catarina moravam, ali na rua dos Anjos, havia uma escadinha misteriosa que subia de uma das grandes salas e que parava numa porta sempre trancada. Se escada tivesse nariz, eu poderia dizer que ela batia com o nariz na porta. A porta do sótão.

Ao perguntar para minha avó:

— Posso entrar lá?...

... ela me respondia:

— Não, Fortunatella. Criança não entra lá.

Lá, me parecia um lugar assombrado e perigoso. Por isso mesmo fascinante. [...]

Uma vez por semana, vovô Vincenzo reunia à noite todos os netos [...]. Ele puxava um grande terço de madeira e começava a rezar. Todo mundo rezava junto com ele e, ao final, um vibrante coro dizia bem alto: AMÉM! Ao ouvir esse amém final e triunfante, vovô Vincenzo erguia as mãos para o céu e encomendava o terço para as almas daqueles que já haviam morrido [...].

Pois naquela noite iluminada, quando vovô fechou o coro do terço, erguendo as mãos e os olhos para o alto, tive a certeza: quem morava no sótão eram as almas do AMÉM! [...]

Um dia porém — e sempre, em toda história, há o dia de um porém —, prima Rina [...] perguntou-me de súbito:

— Fortunatella, o que é que o vovô guarda de bom lá no sótão, hein?

Ofendida, respondi-lhe mais que depressa:

— Vovô não guarda nada LÁ dentro. LÁ moram as almas do AMÉM, que guardam a casa de dia e de noite, principalmente de noite.

Rina soltou uma grande gargalhada e me chamou de boba, desafiando-me:

— Pois você vá LÁ visitar essas almas, que terá uma grande surpresa.

Eu não aguentava desafios. E não sosseguei enquanto não me vi sozinha em casa, apertando nas mãos a chave do sótão, que a vovó guardava dentro de um vaso. Subi devagarinho e com o coração assustado aquela escadinha que ia dar com o nariz na porta. E, quando a abri, pus meu nariz no escuro. [...]

Procurando a janela, percebi uma fresta de luz escorrendo de um quadrado de madeira. Escancarei-o, e a janelinha se debruçou sobre os telhados da casa de Rina. Voltei-me para olhar para dentro do sótão em que deviam dormir as almas do AMÉM! [...] O que ali estava, pendendo do teto, ou muito bem armazenados em caixas e sacos, eram salames, azeitonas, queijos duros, figos secos, nozes, avelãs, amêndoas e mais um monte de coisas gostosas que minha avó Catarina fazia subir pela escadinha toda vez que ia até o sótão. Era ali o estoque de alimentos para os dias de inverno, quando o frio enregelava os campos e não havia colheita. Era a comida para os corpos do AQUÍ. [...]

Eu logo achei que vovô Vincenzo e vovó Catarina não se importariam se eu distribuisse o estoque entre os netos. E me preparei para fazer escorregar para o telhado vizinho metade daqueles alimentos que meus avós haviam armazenado com tanto sacrifício para os dias difíceis.

Eu disse “me preparei”. Porque uma comadre que passava pela rua, ouvindo risadinhas sobre os telhados vizinhos, correu a chamar vovó, que estava na Igreja de San Leone, lá na praça da Acquanova. [...]

Vovó Catarina levou um susto, mas me perdoou [...].

E foi assim que acabei descobrindo que, quando vovô Vincenzo acabava o terço e erguia as mãos para o teto, talvez estivesse pedindo às almas do AMÉM que velassem pela fatura dos campos da Calábria e que nunca deixassem faltar o pão e o vinho sobre as mesas a fim de que nenhum calabrés, nunca mais, precisasse emigrar para terras alheias.

A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 2002.

Galinha ao molho pardo

Fernando Sabino

Ao chegar da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabi-roba, um pé de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. [...] De um lado o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. [...]

Pois no fundo do quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa terrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada.

Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um

pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.

— O seu nome é Fernanda — falei então. [...]

— Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxaguar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela.

[...] Na manhã de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda.

[...] Lá do fundo escuro do porão, onde tinha ido me esconder, vi a Alzira olhar ao redor:

— Por falar nisso, onde é que se meteu a galinha? [...]

— Você não estava brincando com ela ontem, menino?

— Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

— Será que fugiu? Ou alguém roubou? [...]

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

— Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada.

[...] E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

— E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

— Sei lá — respondeu a Alzira: — Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que pensei em cortar as asas dela e me esqueci. Agora é tarde.

— Está quase na hora do almoço — disse minha mãe: — O Dr. Junqueira está para chegar em uma hora, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborreceu:

— Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

[...] Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. [...] Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

— Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

Nem por isso senti que minha amiga Fernanda não estava mais condenada à morte. Mesmo porque, meu pai gostava também de galinha, com ou sem o Dr. Junqueira. Por outro lado, ela podia ficar escondida o resto da vida (eu não tinha a menor ideia de quanto tempo vivia uma galinha). E na manhã seguinte a Maria viria lavar roupa, ia descobrir a Fernanda encolhida debaixo da bacia.

Depois que o almoço terminou e o Dr. Junqueira se despediu, fui lá perto do tanque fazer uma visitinha a ela, resolvido a ganhar tempo:

— Você hoje ainda vai dormir aí, mas amanhã eu te solto, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. [...]

De manhãzinha, antes que a Maria lavadeira chegasse, fui até lá, levantei a bacia e peguei a Fernanda, procurei mamãe com ela debaixo do braço:

— Olha só quem está aqui.

Mamãe se espantou:

— Uai, ela não tinha sumido? Onde é que você encontrou essa galinha, Fernando?

De repente seus olhos se apertaram num jeito muito dela, quando entendia as coisas: havia entendido tudo. Antes que me passasse um pito, eu avisei:

— Se tiverem de matar a minha amiga, me matem primeiro.

Mamãe achou graça quando soube que ela se chamava Fernanda e resolveu não se importar com o que eu tinha feito, pelo contrário: deixou que a galinha passasse a ser um de meus brinquedos. Só proibiu que eu a levasse para dentro de casa. Fernanda me seguia os passos por toda parte, como um cachorrinho.

E ela continuou minha amiga, até morrer de velha, não sei quanto tempo mais tarde.

Só sei que alguns dias depois do almoço do Dr. Junqueira, mamãe comprou um frango.

— Esse vai se chamar Alberto — eu disse logo.

— Pois sim — disse minha mãe, e mandou que a Alzira tomasse conta do frango.

No dia seguinte mesmo, no almoço, comemos o Alberto. Ao molho pardo.

O menino no espelho.

Rio de Janeiro: Record, 1992.



O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé

Kelli Carolina Bassani

Já foram escritas muitas histórias da época em que os meninos engraxates eram engolidos pelo valetão da Rua Sete de Setembro. Mas nenhuma delas conta esta ou outras histórias de Pajé. Guardo-as dentro do peito, como boas lembranças da rua onde vivi e que teimam em se misturar com a história da cidade.

Nascemos juntos: eu, a rua e essas histórias. Somos uma coisa só, mas nós não estamos nos livros. Estamos na contramão, por isso me atrapalho com as palavras. Às vezes falta ar, outras o ar é demais, então o meu coração acelera, o nó na garganta avisa: o menino Pajé vai acordar!

Hoje, quem não conhece a Rua Sete de Setembro é porque não conhece minha cidade — Toledo. Apertada entre outras no extremo oeste paranaense, bem pertinho do Paraguai, surgiu de uma clareira no meio da mata.

Naquele tempo, uma clareira; hoje, Rua Sete de Setembro. Essa rua foi crescendo e acolhendo o progresso que tenta esconder e aprisionar as histórias de Pajé. Elas estão descansando embaixo do calçamento, dos asfaltos, dos prédios, das casas. Basta um sinal que elas voltam.

Cheiro de terra molhada — esse era o sinal. E, ainda hoje, sinto esse cheiro entrando no meu cérebro e mexendo com o meu coração. Naquele tempo bastava sentir o cheiro de terra molhada para que nós, os meninos engraxates, escondêssemos nossas (engraxadeiras — caixa de madeira em que se guardava o material necessário para engraxar sapatos) — no porão dos fundos da bodega do Pizetta e, como garotos matreiros, saíssemos de mansinho, sem despertar curiosidade. Corríamos lá embaixo, no começo da rua que embicava no meio da mata, pois o mistério ia começar!

A chuva caía e formava muita enxurrada que, com sua força, trazia a terra misturada. Parecia uma cascata de chocolate que despencava no valetão — buraco muito profundo provocado pelas enxurradas, erosão. A água fresquinha que caía do céu misturava com a terra quente e provocava o mistério. Nós éramos puxados para dentro daquele enorme buraco por uma força estranha sem dó. Mesmo os que não queriam não conseguiam

resistir, porque a magia era muito forte e, em poucos segundos, estávamos lá dentro, na garganta do valetão, onde brincávamos durante horas. Nessas horas o trabalho era esquecido.

Quando eu era menino, trabalhava muito. Todos os dias de manhã ia à escola e, ao retornar, mal acabava de almoçar, pegava a engraxadeira, colocava nas costas para a rua, quer dizer, para o trabalho. A engraxadeira era muito grande e pesada para meu tamanho — eu era apenas um garoto! Mas era a única forma de ajudar minha mãe no sustento da família.

Sentia como se estivesse carregando o mundo sozinho.

Hoje sou adulto e sei que aquela magia era fruto de nossa fantástica imaginação. Como qualquer outro menino, o engraxate também tinha direito de brincar. Uma das poucas vezes em que podíamos fazer isso era quando chovia. Mesmo que depois nos custasse castigos e surras.

Atualmente, as brincadeiras, comparadas com as de meu tempo, são muito diferentes. Hoje, os heróis são Superman, Batman, Homem-Aranha. Antes tínhamos heróis indígenas, com suas histórias cheias de mistérios das florestas.

Naquele tempo, quando chovia, o valetão da Rua Sete de Setembro era nosso mundo fantástico. Além das divertidas brincadeiras no lamaçal que escorria da rua, fazíamos cabanas no paredão da erosão, guerrilhas com bodoque, usando sementes de árvores como cinamomo e mamona.

Quando não chovia, sobrava tempo para brincar só aos domingos. Então, eu — Pajé — e minha turma nos reuníamos na mata, que se misturava com o terreiro das casas.

Nele, construíamos cabanas, arcos, flechas, tacapes. Pintávamos o corpo todo com barro e frutinhas da mata. Assim, sentindo-nos como heróis, brincávamos de índios guerreiros, até o sol se esconder.

Nossa vida se enchia dos poderes que vinham da mata e seguia solta, como passarinho. O fim da história? Não sei não, porque eu ainda vivo. E enquanto eu viver as lembranças nunca vão terminar.

Aluna finalista do Prêmio *Escrevendo o Futuro* em 2006, 4ª série da E.M.E.I.E.F. Walter Fontana, Toledo — PR.

ANEXO B:

MEMÓRIAS LITERÁRIAS QUE FORAM ANALISADAS



Um pouco do começo

Desde os primeiros moradores a fé já era bastante presente na maioria dos santanenses, e muitos já eram devotos de algum santo. As primeiras celebrações foram realizadas na década de 30 nas casas de moradores, entre eles recorde da casa da minha avó Maria Alexandrina Cajé e Dona Maria Lugero, esta morava no sítio Lagoa de Pedras.

Quem celebrou as primeiras missas por aqui foi o Padre Militão, que havia acabado de chegar à paróquia de Pau dos Ferros. O padre propôs que fosse construída uma capela em Riacho de Santana. A minha avó, mãe xandina, fez a doação do terreno. Para construir a igreja ela doou quatro tarefas de terra, e para o cemitério público ela fez a doação de uma tarefa de terra.

Naquela época para construir a igreja faziam mutirões de homens quedoavam sua mão de obra e com o trabalho da comunidade nossa igreja foi construída. O sino foi doado por Terto Aires. A escolha do padroeiro foi feita pelo fato da minha avó ser muito devota de São João Batista, como havia sido doadora do terreno, o povo ptou ter como padroeiro, o precursor, São João Batista.

O primeiro padre a celebrar a missa na igreja foi o Padre Militão, depois ficou sendo o Padre Manoel Caminha, vinham de Pau dos Ferros para Riacho de Santana a cavalo, era o transporte da época, chegavam por aqui e ficavam na casa de algumas famílias.

Quando era o período da festa de nosso padroeiro fazíamos as barraquinhas de folha de coqueiro, e vendíamos bolo, café, tapioca, aluá que era feito de cascas de frutas como laranja, ananás, caju e etc, e o dinheiro arrecadado era para construção da igreja. Toda a comunidade trabalhava em prol da capela. Havia grandes leilões, eram inúmeras as doações de milho, feijão, arroz, as pessoas doavam sacas, até alqueires de legumes, eram tempos de fartura.

As festas de padroeiro tinham como centro os momentos religiosos, as celebrações das novenas e das missas, eram dias de muita devoção e fé. A cidade ficava enfeitada, na noite de São João tinha muitos festejos, entre eles os fogos e os balões. Esperávamos ansiosos os balões subirem, aquilo nos encantava.

As ruas ficavam repletas de fogueiras, todas em homenagem ao padroeiro São João Batista. As fogueiras também eram usadas pelas famílias para tomar alguém por padrinho ou madrinha, eram os chamados padrinhos de foguira. Ali também era um ponto de encontro para as famílias, assavam milho e se divertiam na noite de São João diante de uma fogueira.

Foram tempos simples, mas de muita alegria e que certamente não esqueceremos, mesmo que muita coisa tenha se transformado.





fim de uma fonte de renda

O sustento de uma família sempre foi um grande desafio, em tempo algum conseguimos as coisas com facilidade ou de forma que não exija dedicação, mas antigamente as coisas eram mais difíceis. Lembro-me que naquele tempo precisávamos trabalhar na agricultura para sobreviver, independente da nossa idade, de sermos homem ou mulher, éramos todos responsáveis pelo sustento da família.

Um dos trabalhos da época era o cultivo do algodão, bastante cansativo, mas que trazia um retorno financeiro. Era com o dinheiro da venda do algodão que comprávamos o que necessitávamos e podíamos ter até algumas regalias. O processo para o cultivo e colheita do algodão era demorado e precisava de muitos trabalhadores se a plantação fosse grande.

Primeiro preparávamos a terra para o plantio começando com a ação de brocar, depois no período apropriado, o período chuvoso, fazíamos a plantação. No início tínhamos apenas a semente preta que custava muito para florir e ficar pronto para apanhar o algodão. Depois passamos a cultivar a semente branca que tinha um processo mais rápido, pois a colheita era realizada com menos tempo depois do plantio.

Quando eu ia colher o algodão era de pé no chão – descalço – cabeça no tempo – sem chapéu – e a roupa velha. Levava dois lençóis para colocar alã sobre ele, um era para a lã maior e outro para a lã menor. As maiores eu tirava para fazer minhas roupas e da minha família e as menores eu tirava para vender.

A volta da roça para casa era de muito sacrifício, os lençóis com o algodão vinha sobre minha cabeça, pois era o meio mais fácil para carregar o algodão. Assim que chegava em casa já era colocando sobre um saco de estopa – feito de corda fina – pois quando enchesse este saco já estava preparado para ser vendido.

Muitas vezes quando eu precisava do dinheiro antes que o algodão espalhasse as lãs pelo chão para serem apanhadas, eu vendia na folha, ou seja, vendia o algodão antes que nascesse e recebia o dinheiro. Quando eu colhesse já estava vendido, não podia mais vender para outra pessoa.

Com o passar dos anos apareceu o bicudo – um inseto capaz de fazer estragos imensos – ele ia até os botões de flor do algodoeiro e fazia um furo depositando um ovo e logo após fechava o buraco, fazia com que a flor não se abrisse mais e o algodão não crescesse.

Esta praga trouxe para nossa região o fim de um trabalho, de uma fonte de renda com a qual sustentávamos dignamente nossas famílias. Tudo ficou mais difícil, mas somos um povo forte, bravo e conseguimos manter nossas vidas, atender nossas necessidades, mesmo sem a plantação de algodão.





Antigos tempos de escola

Os estudos sempre foram valorizados em qualquer época por nós vivenciada, antigamente não era diferente, pois oportunizava a aprendizagem de coisas novas. As pessoas que tinham acesso à escola eram privilegiadas e procuravam sempre aproveitar cada conhecimento adquirido na esperança de melhorar suas vidas futuramente.

Estudar era algo que exigia muito de nós, visto que eram muitas as dificuldades. As escolas ficavam longe, eram poucas, não tínhamos transportes, conduzíamos o material em um saco plástico e precisávamos ter zelo pelo mesmo por não termos tantas condições para comprar um novo. Outra dificuldade que enfrentávamos era o fato de precisarmos trabalhar. Mesmo sendo crianças tínhamos responsabilidades com o sustento de nossa família, pois as tarefas domésticas e o trabalho na agricultura era responsabilidade de todos.

Nossos pais não abriam mão de nos ensinar desde muito cedo que era preciso sermos responsáveis por algumas tarefas. E hoje parando um pouco para pensar acredito que era o grande número de afazeres que nos entusiasmava a valorizar ainda mais os estudos.

O ensino acontecia da seguinte maneira, a professora ficava em seu birô e lá passava as tarefas, lembro-me dos ditados, das cópias que fazíamos que era passar os textos da cartilha para o caderno, também tinha as lições, momentos que líamos para a professora e não posso esquecer do estudo das quatro operações.

As professoras também eram muito severas com os alunos. Devíamos ter todo respeito e sempre obedecê-las, o aluno que não cumprisse corretamente as tarefas ou que desobedecesse a professora era castigado com a palmatória, um pedaço de madeira usado para bater na palma da mão do aluno como forma de castigar e servir de exemplo para que os erros não se repetissem.

Era importante concluirmos a quarta série dominando as quatro operações e sabendo ler e escrever corretamente. Eu consegui esta realização em minha vida, sou muito feliz por isso, pois quem sabia das quatro operações e sabia ler e escrever eram sempre pessoas bem vistas na sociedade.

Ao trazer para o presente estas lembranças percebo cada vez mais a necessidade de valorizarmos os estudos, pois é através dele que ainda podemos sonhar com uma vida melhor. Espero que as atuais gerações e as futuras tenham cada vez mais consciência da necessidade de buscar uma melhor formação.





Tempo rígido

Houve um tempo em que as famílias educavam seus filhos com mais rigidez. Fui educada neste tempo, confesso que na época não gostava muito e queria que fosse um pouco diferente. Mas o tempo passou, tornei-me adulta e construí minha própria família, optei por algumas mudanças na educação dos meus filhos, mas só aí compreendi que meus pais tinham razão na maioria das determinações presentes em nossa educação.

Aprendi, diante da educação que tive, que o respeito aos mais velhos era algo essencial, principalmente aos nossos pais e avós. Fui ensinada desde pequena que os mais velhos deveriam ser tratados por senhor e senhora e que uma ordem do pai ou da mãe deveria ser sempre obedecida.

Havia realmente uma hierarquia e as vontades e caprichos dos filhos nunca estavam em primeiro plano. Deveríamos ser obedientes em tudo, como por exemplo, não interferir na conversa dos adultos, não passar entre as pessoas adultas enquanto conversavam, não podíamos alterar o tom de voz, deixar de cumprir algum mandado de nossos pais. A ordem era tanta que ao menor sinal já sabíamos como deveríamos nos comportar, para isso bastava um olhar diferenciado, um simples olhar de nossos pais já nos informava se estavam satisfeitos conosco ou não.

É bem verdade que estas eram estratégias usadas com os filhos mais obedientes porque mesmo com tamanha rigidez ainda havia alguns que não se comportavam como deviam. E para estes não bastava um simples olhar, precisava de uma fala mais ríspida, de um castigo mais severo ou mesmo de uma "surra".

O que importava era perceber de quem devia ser a última palavra ou como diz o ditado quem mandava na família. O chefe de família devia ser completamente respeitado, eles tinham os lugares reservados à mesa, bem como era em qualquer lugar da casa. A hora do sono era sagrada, ninguém podia fazer o menor barulho, pois não era permitido incomodar os pais.

Assim foi minha educação, mesmo não aprovando na época, reconheço que os valores que hoje trago são frutos dos ensinamentos que recebi desde a minha infância e que jamais serão esquecidos.



Recordações eternas

Sempre que desperto as lembranças antigas sinto um forte aperto no coração, é saudade, alegria, triste, uma mistura de sentimentos que me faz criar novamente as antigas imagens de um lugar e de uma vida que jamais esquecerei.

Sempre que sento na minha calçada e vislumbro as paisagens que me rodeiam recordo daquela época em que era uma pequena menina, peralta e inconstante em busca de novos conhecimentos. Descem lágrimas de emoção ao lembrar-me das brincadeiras que não pude usufruir diante de pais rígidos que me impunha obrigações desde muito nova. Era um tempo diferente, mas foram as diferenças que me fizeram ser a mulher que sou hoje.

Vivendo em uma cidade com características ainda rurais tínhamos como base de sustento a agricultura. Toda a família ia para roça, inclusive eu, que ainda novinha submetia-me ao trabalho braçal, plantando e colhendo o que serviria para matar a nossa fome. Era uma rotina cansativa, acordava com uma lua ainda no céu, ia com meu pai para as plantações e voltava cansada para na maioria das vezes ir estudar e obter a sabedoria que meus pais não conseguiram ter quando crianças.

Sabores e cheiros que nunca saíram da minha memória me dão água na boca. Aquelas delícias de fogão a lenha, feitas por minha mãe, jamais as provarei de novo. Um tempero peculiar e uma panela especial de barro tornava um simples feijão com cuscuz um banquete em dias de Domingo. Não falo das regalias da época atual, mas se fosse possível voltar no tempo não questionaria em deixar tudo para traz.

Resquícios da minha adolescência incendeiam meus pensamentos constantemente. Tempo de fortuna, de descobertas e novidades que não se pode esquecer. As festas radiavam nossa cidade com música, que para muitos hoje são bregas, mas naquele tempo divertiam com euforia. Apesar de tão boas não ia tanto para as festas. Diante da sociedade moralista da época, boas moças deviam estar em casa para não ficarem mal faladas.

Às vezes, com a saudade que sinto hoje, me bate um arrependimento por não ter aproveitado com mais intensidade aqueles momentos. Recordo do pequeno povoado, dos seus moradores, amigos e familiares e contorto-me nas profundezas de memórias que pretendo levar comigo para sempre. Não sei o que é pior e nem quero questionar os males da vida, mas sei que perder as minhas memórias seria deixar para traz uma parte de mim, por isso tento recordá-las sempre que possível.



Saudosa infância

Foram muitos os momentos felizes que vivi em minha terra natal, Riacho de Santana, mas nada mais encantador do que a infância que tive. Sinto -me privilegiado por ter tido uma infância marcante, cheia de descobertas e cercada por coisas simples que me permitiram vivenciar momentos ainda hoje presentes em minha memória.

A liberdade foi algo que marcou minha infância, não me refiro a liberdade de fazer tudo que tinha vontade, de ter meus desejos sempre realizados, me refiro a liberdade de correr pelos campos, sentir o vento soprar suavemente em meu rosto e ter a sensação de que nada poderia estragar aqueles momentos de diversão.

Faço referência à liberdade de acompanhar a água que descia no rio no período das enchentes e tomar um banho ao mesmo tempo em que brincava com meus amigos e irmãos, os mergulhos, o aprender a nadar em água corrente, às sombras das oiticicas e dos juazeiros.

Tive uma infância sem muitos recursos financeiros, mas isso não me impediu de ter momentos felizes, não pude ter brinquedos modernos, passear em shopping, viajar, acompanhar a moda vista através da televisão ou da internet, brincar em parques de diversão, mas garanto que nada disso tornou minha infância inferior ou menos divertida. Nossa imaginação era ativa, nós mesmos produzíamos nossos brinquedos, já que faltava dinheiro para comprar.

Tínhamos os cavalos de pau mais bonitos, os carrinhos de lata mais velozes, nos divertíamos jogando pião, carrapeta, brincando com as bonecas de pano, ou até mesmo de sabugo de milho, as brincadeiras de rodas reuniam dezenas de crianças, todas cantavam nos terreiros de nossas casas, nossa imaginação ia muito além da realidade, nos tornávamos pessoas criativas e estávamos sempre próximos da natureza. O estresse e a ansiedade que tomam conta das crianças hoje em dia eram estranhos para nós.

Agradeço muito por ter sido criança na época em que o contato com a terra, as plantas, a água representavam nossa maior diversão e parecia mesmo que a maldade era algo que vivia bem longe.





radições extintas

As mudanças que acompanham nosso município, Riacho de Santana, já são muitas e muitas também são as saudades que surgem a partir dessas mudanças. Lembro-me com relação às vestimentas como tudo era diferente. Existia todo um processo, nada acontecia de repente, vivíamos momentos de espera e tudo se criava primeiro em nossa imaginação para depois serem concretizados. Primeiramente sentíamos a alegria de vermos nossos pais chegarem com o tecido por eles escolhido para que nossas roupas fossem feitas. Depois era o momento de escolher o modelo das roupas, tirávamos as medidas, tinha o momento da prova, até que as roupas ficassem prontas para podermos usá-las.

Algumas pessoas não precisavam de costureiras profissionais porque tinha em casa a mãe que costurava as roupas do marido e dos filhos, de qualquer forma não existia a praticidade que existe hoje. Mesmo sendo algo mais demorado e trabalhoso considero que também havia mais emoção em acompanhar todo o processo. Os alfaiates mais procurados na época eram: Expedito Cajé, Dioclécio Holanda, Odete, Francisca Santos, entre outros.

As saudades não ficam somente no processo de produção das roupas, algumas outras profissões também se tornaram extintas. Tínhamos em nosso município o cultivo da cana-de-açúcar que resultava nas produções de rapadura, batida, alfinim, garapa. No período de produção destes produtos nos engenhos de cana-de-açúcar vivíamos uma verdadeira festa, era trabalhoso, mas também muito divertido. O engenho mais conhecido no nosso município era o de seu Antonio Ciriaco no Sítio Pau D'arco. Hoje o período de moagem é muito raro, não fazem mais os produtos para venda, apenas as famílias se reúnem e produzem algo para consumo próprio.

No setor de cima de Riacho de Santana, mais precisamente no Sítio Poço de Pedras existia uma casa de farinha, era fruto de uma associação que funcionou por algum tempo, mas nos dias de hoje encontra-se abandonada. Era algo que resultava em uma fonte de renda para algumas famílias, por falta de investimento e interesse da comunidade não temos mais a produção da farinha em nosso município.

Muita coisa mudou, e delas só nos restam as recordações. Com o desenvolvimento da tecnologia as transformações ocorreram até na agricultura, na forma de cultivo da terra. Todo o trabalho que antigamente era realizado com a enxada e outras ferramentas que exigiam mais do homem, hoje é realizado através da máquina, precisa de um número bem menor de trabalhadores e o esforço físico também é menor.

Há diferenças também nos resultados das plantações. Não vivemos mais tempos de fartura com o que colhemos. Antes dessas secas constantes o resultado da colheita era de muito legume, tirávamos o suficiente para manter a família no decorrer do ano e o mais podíamos vender para obter lucro e ter recursos para comprar outras coisas. Nos dias em que vivemos, o máximo que conseguimos é para o consumo próprio ou pelo menos para sentir o gosto do feijão verde e comer um milho assado. Vivemos outra realidade e temos que nos adaptar.





Luta diária

Quando recordo das dificuldades vividas em meus tempos de mocidade vejo como a luta diária atualmente é mais fácil de ser realizada, principalmente as tarefas domésticas. Enquanto mulheres, nosso tempo já era muito ocupado com o que realizávamos dentro de casa, por isso, não era tão comum trabalharmos fora.

Para nós mulheres tudo era mais complicado, serviços mais pesados eram frequentes em nossa rotina, fossem dentro de casa ou na roça. Porém, mesmo assim o homem quem era o maior responsável por sustentar sua família.

Nós mulheres éramos responsáveis pela limpeza da casa, os cuidados com os filhos e o preparo da comida na hora certa. Os filhos nos obedeciam e até nos ajudavam no que já fosse preciso, os trabalhos domésticos é que exigiam mais de nós. Para dar conta de tudo acordávamos às três horas ou mais tardar às quatro da manhã. Não tínhamos a rapidez do fogão a gás, cozinávamos tudo no fogão a lenha, isto já ocupava mais nosso tempo, pois tínhamos que fazer o fogo e ter o cuidado de mantê-lo aceso e não deixar a comida com gosto de fumaça. Os alimentos precisavam de alguns preparos antes de irem para o fogo, por isso nós moíamos o milho para fazer o cuscuz, pilávamos os temperos, catávamos o arroz, entre tantos outros processos que faziam parte de nossos serviços diários.

Lavar roupa não era algo tão rápido como hoje com o uso da máquina. Íamos lavar as roupas nos rios, passávamos com ferro à brasa, nosso esforço físico era bem maior. E como se não bastasse também ajudávamos, quando era preciso, nas plantações, na criação dos bichos, enchíamos todos os depósitos de água trazendo água dos rios, cacimbas e cacimbões em latas na cabeça. Ajudávamos também na caça, na pesca e em outras atividades como o extrativismo, por exemplo, cortar madeira, tirar ervas, colher frutos.

Por outro lado, eram despertadas em nós mulheres muitas outras habilidades como fiar, tecer, costurar, bordar, fazer crochê. Quase todas as mulheres da minha época desenvolviam alguns desses trabalhos e era muito gratificante para cada uma de nós. Hoje em dia a maioria das mulheres não tem mais interesse por esses trabalhos e quase tudo precisa ser comprado.

Enfim, o dia era pouco para tudo que precisávamos fazer, mas tínhamos muita tranquilidade e o sossego que só aqueles tempos nos permitiam.



ANEXO C:

COLETÂNEA MEMÓRIAS SANTANENSES

(A coletânea foi entregue separadamente)